

HARLEQUIN

Blaze

17

MIDNIGHT
Fantasies

EROTIC INVITATION

Carly Phillips

14.99 U.S. \$5.99 CAN.





Seduzido por uma Desconhecida





A advogada Mallory Sinclair levava tanto tempo lutando para se destacar em um mundo de homens, que ninguém se lembrava sequer de que em realidade era uma mulher, e uma mulher tremendamente sensual. Mas Jack Latham estava a ponto de descobri-lo, já que Mallory lhe tinha feito um convite que não podia rechaçar...

Aquilo era incrível! Debaixo daquela estupenda profissional se escondia uma autêntica deusa empenhada em seduzi-lo. Certamente ele não tinha a menor queixa a respeito... O problema era que a nova Mallory era tão diferente e desinibida que Jack não podia evitar perguntar-se se realmente era a colega que conhecia fazia tanto tempo. O que sabia era que não queria que aquilo acabasse... apenas desejava saber quem era a mulher com a qual acabaria compartilhando a cama...

Revisoras Prazer em Seduzir Comentam:

Kelli

Um livro extremamente sensual e envolvente, onde você torce para o entendimento dos protagonistas e espera como sempre um final feliz. Então aprendam com os jogos deliciosos para apimentar seus dias, para mim com certeza valeu algumas calcinhas e ventiladores potentes! Have Fun...

Nívea

Não é um livro muito hot como estamos acostumados, mas de uma sensualidade a flor da pele. O casal mostra que é possível ter amor se ultrapassarmos as barreiras dos sonhos e metas que nos impomos para fazer felizes a outros e não a nós mesmos. Vale a pena a leitura, a sensibilidade e as idéias que o livro nos brinda.



Capítulo 01

"Chamaram-lhe".

Mallory Sinclair elevou a vista do complicado relatório de leasing que estava lendo para ver sua secretária, Paula, em pé na porta.

"Sinto muito, não te ouvi chamar".

"Não o fiz. Quando o Exterminador chama, não há tempo a perder. Em particular se quiser um minuto para se arrumar antes de entrar em sua guarida.

Paula, a jovem, formosa e atenta secretária de Mallory, moveu as sobrancelhas de maneira sugestiva, com a intenção de instigá-la a se arrumar para esse encontro inesperado com o sócio mais bonito da empresa.

Mallory recolheu um bloco de notas em vez da bolsa. Embora nunca tivesse deixado extravasar suas emoções, pela primeira vez em seus oito anos no Waldorf, Haynes, Greene, Meyers & Latham, tremia. Tinha lutado para que lhe dessem casos, enfrentou os sócios veteranos por temas nos que acreditava e se obcecou por seu trabalho quando outras associadas os tinham abandonado, tinham sido despedidas ou o tinham deixado para casar-se ou ter família. Era a única mulher sobrevivente em um campo dominado por homens e faltava somente um ano para que a fizessem sócia. Não tinha chegado tão longe sem confrontação e nunca tinha retrocedido ante uma briga. Jamais tinha temido trabalhar com um sócio ou ter um ponto de vista divergente. Até esse momento.

Sendo especializada em bens imóveis, jamais a tinha chamado o especialista em divórcios, e sócio do escritório, Jack Latham. Homem sexy e letal em partes iguais... um exterminador nos julgamentos de divórcio. Que quisesse vê-la nesse momento significava que tinha bons motivos para isso.

Segundo os rumores, não acreditava nem na instituição do matrimônio nem na idéia do compromisso. Mas seus pontos de vista não freavam ninguém do sexo oposto. Todas as mulheres que trabalhavam na empresa consideravam que, ao desfrutar da oportunidade, conseguiriam fazer com que mudasse de idéia.



Jack tinha sorte de que houvesse uma política contrária aos romances na empresa, instaurada depois que uma empregada tinha entrado com uma ação por assédio sexual contra um sócio Senior, três anos atrás. A empresa tinha chegado a um acordo no processo, o sócio fundador se aposentou e a regra anti-romances tinha entrado em vigor. Entretanto, as regras não podiam frear a imaginação e não havia nenhuma só mulher na empresa, desde secretárias a estagiárias, incluindo a única associada mulher, que não tivesse fantasiado com Jack Latham.

A diferença entre Mallory e as outras mulheres da empresa era que por fora ela não mostrava nenhum interesse. Não podia se permitir o luxo de quebrar sua fachada.

“Será melhor que vá.” Paula suspirou de forma exagerada.

“Obrigada”, com o bloco de notas sob o braço, saiu de seu escritório e avançou pelo corredor.

Fechou os punhos e descobriu que suava. Santo Céu, sentia-se como uma adolescente em seu primeiro encontro. Não podia ser. Não quando tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para unir-se às filas dessa rede machista e chegar a ser sócia.

Incluindo a remoção de sua feminilidade exterior. Escondia as calcinhas e sutiãs sexys sob trajes conservadores, cobria as unhas dos pés pintadas com cores vivas, com sapatos confortáveis, silenciava seu senso de humor e seu calor com uma personalidade prática e séria. Quando se olhava no espelho, não reconhecia a pessoa que lhe devolvia o olhar.

Pelo próximo ano iria recolher os frutos de seu sacrifício. Seria a primeira mulher a quem ofereceriam ser sócia e ganharia o respeito de seu pai. O homem que tinha desejado um filho e que tinha recebido Mallory em troca, ao fim descobriria que era uma advogada digna, apesar da crença que tinha do contrário.

Respirou fundo. Sob nenhuma hipótese permitiria que uma chamada de Jack Latham, sua fantasia secreta, destruísse um sonho que lhe havia custado oito anos para transformar em realidade. Soltou o ar. «Sim», disse a si mesma, «posso dirigir Jack Latham».

Deteve-se em frente à porta de seu escritório para secar as mãos sobre a saia: logo chamou três vezes em rápidas batidas.

“Adiante” Indicou uma profunda voz masculina do outro lado da porta fechada.



Sentiu um nó no estômago. Girou a maçaneta, entrou no escritório e fechou a porta a suas costas.

Com as mãos unidas nas costas, Jack Latham se achava em frente à janela que dava ao Empire State Building.

Os largos ombros estavam cobertos por um traje azul marinho com finas riscas. De marca e estilo europeu, a jaqueta acentuava seu poderoso corpo. Apresentava uma visão tão capitalista como a paisagem do exterior.

Não se voltou quando a porta rangeu detrás dela. Mallory não se surpreendeu. Conhecía o jogo, do mesmo modo que Jack sabia quem estava dentro do escritório, esperando que lhe prestasse atenção. Depois de tudo; tinha chamado por ela. Mas reconhecer sua presença imediatamente poderia modificar o equilíbrio de poder para a igualdade, algo que ele não queria fazer com uma associada.

Tinha aprendido que não a incomodasse e a responder. Pigarreou.

“Desculpe, senhor Latham, mas solicitou me ver?”

Silêncio.

«É estranho», pensou. Embora, o que conhecia desse homem? Apesar de que levava na empresa mais tempo que ela, a empresa alardeava de ter setenta e cinco advogados distribuídos em três andares de um arranha-céu. Seus caminhos nunca se cruzaram de forma individual. Até esse momento.

Uma tentativa mais e partiria. Se queria levar esse jogo muito longe, já poderia procurá-la.

“Senhor Latham?”

Essa voz: outra vez. Mais suave do que Jack tinha esperado e em contradição com a fama de advogada dura alcançada por Mallory Sinclair. O tom era bastante suave para interessar os sentidos de um homem, e bastante rouca para evocar fantasias de noites ardentes entre lençóis frescos.

Moveu a cabeça para limpar a mente. Por tudo o que tinha visto e ouvido de Mallory Sinclair, não era uma mulher que inspirasse visões sedutoras. E ao voltar-se para a única



associada do Waldorf e Haynes, seu aspecto o devolveu a uma atitude profissional. A mulher que tinha diante era tão dura como suave é sua voz. Pelo cabelo negro recolhido de forma severa, saia excessivamente larga e a jaqueta conservadora, não tinha nem um só rasgo do tipo de mulher que o atraía.

Mas era a mulher com a qual ia estar encerrado em um centro de recreio, propriedade de um dos clientes mais importantes da empresa, situado nos subúrbios da costa de Long Island. E só o Senhor sabia durante quanto tempo.

Esclareceu a garganta e a olhou nos olhos. Atrás dos óculos de aro negro, ela havia entrecerrado os olhos de tal modo que ele não pôde distinguir se eram azuis ou cinzas. Era evidente que a tinha irritado. Não tinha tido intenção de ganhar sua má vontade desde o começo, nem tinha sido sua intenção menosprezá-la.

Enquanto esperava que ela se apresentasse ao seu escritório, seu pai tinha ligado para lhe acertar um golpe pessoal. Ao parecer, sua querida mãe embarcou em outra aventura, essa mais pública que a anterior. E seu tolerante pai finalmente tinha decidido abandoná-la. Sentiu um nó no estômago ao pensar que seu pai estava a ponto de passar pela classe de divórcio desagradável em que ele estava especializado, mas já era hora. O matrimônio jamais deveria ter durado... quase nenhum o fazia... e a não ser pela inesgotável aceitação e paciência de seu pai, sua mãe já estaria sozinha. Mas não ficava mais remédio que relegar os assuntos familiares.

Separou-se da janela.

“Estava preocupado” explicou a Mallory.

“É óbvio” agarrou as bordas da mesa. “Posso voltar em um momento mais conveniente. Tenho muito trabalho em minha mesa”.

Trabalho do qual, evidentemente, ele a tinha afastado, algo que não gostava. Duvidou que se sentisse mais contente quando se inteirasse do motivo dessa reunião inesperada.

“Não, agora está bem. Sente-se.” lhe indicou a poltrona, um presente de seu pai quando o nomearam sócio da empresa. Sua mãe nem sequer se incomodou em assistir a sua graduação na faculdade de Direito, muito menos reconhecer seus ganhos profissionais.

Mallory se sentou e cruzou as pernas. Ele desviou a vista da saia, que ocultava muita



pele, inclusive para os padrões que exigia sua séria profissão.

“E bem” a voz dela captou sua atenção.

«Assombroso», pensou Jack, Quando não se centrava nos rasgos correntes ou na roupa a medida, essa voz rouca semeava o caos em seus nervos. Moveu-se incômodo na poltrona.

“O que posso fazer por você?” Perguntou Mallory.

“Serei breve. Tenho entendido que neste momento se concentra em um acordo imobiliário, mas decidi distribuir seu trabalho para deixá-la livre. Para mim”.

Ela tirou os óculos e os limpou com um lenço de papel. No instante em que esses olhos azuis se cravaram nos seus, Jack sentiu como se lhe tivessem dado um murro. Conteve o fôlego e esteve a ponto de começar a tossir. Alguém deveria ter lhe advertido que essa mulher tinha uns olhos tão expressivos e magníficos. Antes que pudesse continuar, ela voltou a colocá-los as lentes lhe impediram de mergulhar nesses olhos, fazendo que se perguntasse se tinha imaginado a profundidade e clareza da tonalidade.

“O que quer dizer com que distribuiu meu trabalho? Ninguém lhe mencionou que Mendelsohn Leasing solicitou que me encarregasse pessoalmente das negociações de sua última aquisição de terra?”

Nesse momento, sentia-se inseguro a respeito de Mallory Sinclair, algo que jamais tinha sentido com uma mulher ou no trabalho. A distância parecia a melhor aposta.

“Asseguro-lhe que fui devidamente informado da situação, mas decidimos pesar os interesses de todas as partes e a balança se desnivelou a favor de Lederman”.

“Nosso maior cliente. Um que esteve subcontratando a outras empresas, o que nos deixa vulneráveis a perder uma importante base econômica”.

De modo que estava à par de todos os negócios da empresa.

“Sim. Entretanto, nesta ocasião não falamos de uma fusão ou aquisição em potência, mas sim do divórcio de Lederman”.

“Se você está envolvido, até aí é evidente” inclinou a cabeça. “O que não está claro é onde entro eu. Poderia escolher qualquer associado especializado em Direito doméstico ou familiar. Não precisa de mim”.



Jack apoiou os cotovelos na escrivaninha.

“Aí é onde se equivoca. Apesar de que evidentemente ambos desejariam outra coisa, necessito de você”.

Mallory Sinclair não tinha sido sua primeira escolha como assistente, mas o tinham superado em votos. Seus sócios consideravam que a presença de uma mulher fortaleceria a posição da empresa com o cliente e lhe transmitiria a vontade de jogar duro contra a esposa, Jack não podia discutir isso. Waldorf, Haynes não podia permitir o luxo de perder os negócios de Lederman, e assegurar-se de que escolhesse a eles para levar o divórcio era de máxima importância.

Depois de um momento, ela suspirou.

“Por que não me explica por que precisa de mim?” uma pausa. “Por favor”.

Jack recolheu um lápis e brincou com ele entre os dedos.

“É simples. Lederman quer ganhar. Busca uma equipe de advogados que simpatize com ele, como um homem cuja mulher quer aproveitar-se dele e que não é relutante a jogar duro para consegui-lo. E nós, os sócios, consideramos que o melhor modo de satisfazer suas necessidades é tendo a uma advogada sentada a seu lado. E como você bem sabe, quando houver contato direto com a senhora Lederman, uma mulher que trate com outra mulher nos brindará uma força maior. Você poderia relacionar-se com ela de um modo que me seria impossível”.

Esteve atento ao jogo de emoções que devia aparecer pelo rosto dela durante sua explicação. Não houve nenhum. Fossem quais fossem os pensamentos que tinha, os guardou para si mesmo. «Sabe jogar pôquer», pensou e sentiu ainda mais respeito por ela. Podia ver como tinha chegado tão longe com a velha guarda do Waldorf, Haynes. Mas não havia ganhado por completo a confiança deles. Duvidava que alguma mulher pudesse obtê-lo. Era uma equipe de meninos e não se envergonhavam de reconhecê-lo.

Jack não estava de acordo com o modo de pensar que tinham em muitos temas, incluído esse. Não confiava nas mulheres no campo do matrimônio: seu ambiente familiar, a história dos clientes e as estatísticas de divórcios o apoiavam. Mas sem importar se eram as mulheres as



habituais culpadas no front doméstico, os negócios eram outra coisa. A habilidade era o modelo exclusivo que determinava se confiava elas. Aos sócios seniors não os fez mudar de idéia com facilidade, mas Mallory lhes resultava útil. E era óbvio que ela sabia.

“De modo que sou sua por padrão” assentiu. “Ao ser a única associada mulher, é claro.”

Ele não pôde evitar e sorriu, “Em certo sentido, sim”.

Pelo que tinha ouvido, Mallory Sinclair era uma das melhores. Mas antes que se pusessem a trabalhar, teriam que desfrutar de um período de informalidade para chegar a conhecer-se melhor, exigido pelo excêntrico cliente. Pela personalidade distante e o aspecto severo de Mallory, o informal e relaxado não era sua especialidade. O que significava que Jack não desejava o tempo que seriam obrigados a ter que passar juntos.

Mas apesar de si mesmo, a lembrança desses olhos azuis porcelana permanecia nele.

Ela ficou em pé.

“Suponho que isso significa caso encerrado, então”.

“Estou seguro de que sobreviveremos” esboçou um sorriso com a intenção de facilitar as coisas entre eles. Esperou um sorriso em troca e o decepcionou não recebê-lo.

“Precisarei amarrar algumas coisas antes de poder começar com o caso Lederman” indicou Mallory.

“Não há problema. Nosso vôo sai às sete da noite. Acredita que poderá amarrar os cabos soltos, fazer a mala e estar no aeroporto em...” olhou o relógio “três horas?”

A boca livre de baton se abriu e voltou a fechar-se. Depois de tudo, tinha conseguido uma reação dela.

“Nosso vôo?” soou mais como um grasnido.

“O senhor Lederman se encontra em seu centro de recreio em Hampton” assentiu. “Não quer encerrar suas férias, então vamos viajar até lá para conhecê-lo melhor. Traga óculos de sol e o traje de banho, Vamos à praia”.

Mallory baixou as meias de seda lentamente por suas pernas, desfrutando da sensação



sobre a pele. Perdia muito pouco os menores prazeres da vida... a seda, o cetim e algo suave, razão pela que sempre se esforçava em mimar-se além de sua imagem conservadora.

Mas nem a advogada tradicionalista nem a mulher enterrada sob o disfarce era o bastante tola para levar meias a um centro de veraneio.

Com o Jack Latham.

Tremeu ante a perspectiva inesperada de passar horas em sua companhia longe da empresa. Abriu a mala e a jogou sobre a cama.

“Vai a algum lugar estimulante?” sua prima Julia entrou no quarto com a exuberância de uma universitária de primeiro ano. Ou alguém que poderia parecer uma universitária de primeiro ano se não tivesse eleito um caminho vital de espírito livre.

Com apenas olhá-la, Mallory se sentia velha além dos anos. Ainda era o bastante jovem para ser despreocupada, mas a fachada a limitava. E isso não podia evitá-lo. Não, se queria chegar a ser sócia.

“Ei, Mall, perguntei aonde vai”.

Mallory se voltou para sua prima. Seus pais eram irmãos, e por uma estranha mescla de genes, as duas compartilhavam uma semelhança estranha, até nos olhos azuis. Olhá-la era como se olhar no espelho, com alguns anos a menos, tanto cronológicos como emocionais. Julia era um molho de felicidade, e como Mallory, também era uma decepção para seu pai. Embora, diferente de Mallory, não sentia a necessidade de conseguir que este mudasse de opinião.

“Vou a um balneário e, antes que fique ciumenta, recorda que é por trabalho” e com um pouco de sorte, também Jack o recordaria. Porque temia que se o via com o peito nu e bronzeado, com traje de banho que acentuasse e revelasse, não seria responsável por seus atos.

Julia se sentou na cama e cruzou as pernas.

“Pode ser que seja por trabalho, mas segue sendo a praia”.

“É o mesmo que disse Jack”.

“Quem é Jack?”

“O sócio que leva este caso” com a mala carregada com uma combinação de trajes e saias ligeiros, dobrou a roupa interior e a guardou dentro.



"Que aspecto tem?"

"O que importa?" soltou Mallory com velocidade. Muita, já que sua prima enterceerrou os olhos.

"Por que está tão irritável? Tensa por ir com um homem de setenta anos que julgará cada um de seus movimentos?" os olhos azuis de Julia se cravaram nos dela e a desafiaram a revelar o que pensava.

Às vezes Julia era muito perceptiva e pormenorizada, outro dos motivos pelos que a adorava e a deixava viver sem pagar nenhum aluguel enquanto «se buscava» em Nova Iorque,

"Mais de trinta e tantos, de aspecto perfeito e solteiro" murmurou Mallory.

"Eu ouvi você" Julia riu.

"Queria que o fizesse ou não teria falado em voz alta".

"Essa é minha prima favorita; nada sem calcular, nada sem planejar".

"Todo o oposto à sua natureza espontânea. Sabe que não te faria nenhum mal planejar algo. Estabelecer metas, mapear o curso de sua vida".

"Como tampouco lhe faria isso a ti, se lançar a algo com o coração e não com a cabeça. Bem, qual é a história com o poderoso da empresa?"

"Não há história" moveu a cabeça. "Não com a política de não romances no escritório e não com um homem, sempre e quando os rumores sejam certos, que é incapaz de comprometer-se". «e que não lhe tinha demonstrado nenhum pinga de interesse».

Julia se adiantou, apoiou os cotovelos na cama e o queixo nas palmas das mãos.

"E? Tem que se comprometer para desfrutar de uma aventura?"

"Quem disse que eu procurava uma aventura?"

"Possivelmente deveria" estendeu uma mão e sustentou no alto uma das calcinhas de Mallory. "Parece-me que estas pequeninas de encaixe se desperdiçam sozinhas para você e contigo".

Mallory a arrebatou e voltou a colocá-la na mala.

"Alguma vez ouviu falar de fazer as coisas para você mesma?"

"Alguma vez lhe contaram que é mais divertido as fazer como um casal?"



Ante seus olhos dançaram visões de Jack e ela. Sacudiu a cabeça... todos eram pensamentos inapropriados, inoportunos e impossíveis. Além da política da empresa e de seus objetivos em longo prazo, entendia a realidade.

Baixou a mala da cama e soprou um beijo a Julia.

"Te ligarei".

"Poderia ajudar se soltasse o cabelo" disse sua prima com voz doce.

"Não se quero ser sócia". Olhou a hora. Dispunha de trinta minutos. Tinha solicitado um taxi para que a levasse a aeroporto.

"Tenho que ir ou chegarei tarde".

"Não faça nada que eu não faria".

"Nem sequer terei essa oportunidade" murmurou para si mesma.



Capítulo 02

Jack olhou seu relógio. Faltava meia hora para aterrissar e não via a hora de fazê-lo. Não sabia quanta proximidade mais podia suportar. Mallory se moveu no assento e o joelho direito lhe roçou a perna esquerda. Uma chama de calor subiu por sua coxa.

“Sinto-o” murmurou ela e suspirou.

Tinha sido assim todo o voo. A proximidade forçada fazia que seu corpo reagisse de maneiras desencontradas e confusas. Ela tinha trocado o traje rígido por um vestido leve com um corpete que terminava mínimamente mais acima e revelava uma tentadora quantidade de pele. Sem meias, via uma pele bronzeada e de aparência suave que atraía seu olhar cada vez mais.

“Qual é o plano quando chegarmos?” perguntou Mallory

Agradecido de poder manter ao fim uma conversação normal se voltou para ela.

“Lederman enviará um carro a nos recolher ao aeroporto. Deveríamos chegar ao centro às nove. Dou por feito que poderemos desfazer as malas e dormir um pouco. Depois, o que ocorra depende de nosso anfitrião”.

“Com um pouco de sorte, poderemos discutir seus planos, expor a estratégia e estar em casa em um par de dias”.

Não lhe passou por cima o tom esperançado na voz rouca.

“O que tem contra a praia?”

“Nada, se estiver de férias. Mas cada dia que passemos fora da empresa significa trabalho que se acumula” comentou com frustração.

“Por isso redirecionei o grosso de seus casos. Paul Lederman é excêntrico. Não gosta que lhe dêem pressa e se negou a abandonar as férias para reunir-se conosco na empresa, não se pode contar com que tome uma decisão rápida”.

Ela murmurou algo que ele não captou. Observou-a e se perguntou por que não fazia nada para potencializar seu aspecto. De fato, esforçava-se por minimizá-lo. Encolheu-se de ombros e chegou à conclusão de que o voo seria muito comprido se começava a querer ir além



da fachada que oferecia Mallory Sinclair.

“Quais são os fatos básicos do caso?” ela tirou um bloco de notas da maleta e uma caneta. “Quando você queira” se ergueu no assento.

A mulher era brusca e eficiente, tal como gostava dos associados. Mas não as mulheres. A estas as preferia suaves e dóceis, cálidas e entregues. Esperando ficar no mínimo uma semana no local, não haveria escassez de sexo oposto. Por desgraça, desconhecidas já não o atraíam, o que significava que a vida se tornava cada vez mais complicada.

Uma aventura breve e sem laços encaixava com seu estilo de vida. Se fosse coerente com suas regras, não poderia terminar em um julgamento por divórcio, salvo como advogado de uma das partes. Sem compromissos, não poderia chegar a ser a triste desculpa de homem enganado em que se converteu seu pai. Mas com a idade chegava à sabedoria e o discernimento... e uma crescente inquietação que não podia entender.

“Senhor Latham? Acontece algo?”

Só de ouvir essa voz exuberante o percorreu uma quebra de onda de percepção. Uma sensação cálida formigou em sua virilha. Claro que acontecia algo. Tudo o que lhe inspirava sua associada estava fora de lugar e não gostava de nada.

“O que queria?” soltou.

“Os fatos do caso.” Agitou o bloco de notas para lhe recordar por que estavam juntos no avião. “Quero conhecer a situação para impressionar ao cliente”.

Encontrou-se com o olhar dela detrás dos óculos. A prudência retornou e imediatamente se sentiu melhor.

“Bem... Pode me chamar Jack”, ela assentiu com olhos muito abertos. E se obrigou a afastar a vista desses olhos azuis que não conseguia ver bem. “Lederman leva anos casado. Tem cinquenta e oito e quer separar-se”.

“Por que?” Preparou a caneta para plasmar cada palavra que dissesse ele.

“Diferenças irreconciliáveis”.

“Essa é a definição legal. O que há atrás? O que decantará o acordo a favor dele? Sempre que nos contrate para levá-lo”.



Jack estirou as pernas tudo o que pôde mas se certificou de não tocar Mallory

"Isso viemos averiguar. Então decidiremos como expor as faltas dela a favor de nosso cliente".

"Empregou um termo interessante... as faltas dela".

"Por quê?"

"Dá por certo que a desintegração do matrimônio foi culpa da senhora Lederman. Sempre existe a possibilidade de que nosso cliente tenha igual parte de culpa. E se esse é o caso, precisaremos lhe dar um giro positivo aos atos negativos dele".

Ele apoiou a cabeça no encosto e a olhou.

"Isso é o que eu disse. Precisamos lhe dar um giro positivo às coisas".

"Disse que precisamos traduzir as faltas dela..." calou e moveu a cabeça. "Esqueça-o".

"Não estou certo de entender a diferença que tenta estabelecer".

"Estou certa de que não" suspirou. Ocupou-se em guardar as coisas e fechar a maleta.

"Boa tarde, senhores passageiros" soou uma voz pelos alto-falantes do avião pequeno.

"Estamos a ponto de iniciar a descida, assim, por favor, apertem os cintos de segurança..."

A voz do comandante impediu que continuassem. Mallory comprovou seu cinto de segurança e olhou pela janela. Era evidente que não desejava prosseguir a conversa. Entretanto, tinha-lhe provocado uma sensação estranha no estômago. Como se nos breves minutos de discussão, o tivesse julgado e declarado insatisfatório.

Não gostava da sensação de não estar à altura de suas expectativas e não soube muito bem por que. Uma vez mais o tinha deixado desequilibrado, apenas que nessa ocasião com o desejo ardente de modificar tanto a opinião negativa que tinha dele como sua falta de interesse.

Jack adorava os desafios, mas apenas quando tinha lógica. E o interesse que Mallory Sinclair despertava nele não tinha.

Uma brisa cálida soprava do oceano. O cabelo de Mallory se frisou com a umidade. Eram as oito da manhã e seu anfitrião ainda não tinha aparecido.

"Virá" indicou Jack em resposta a sua irritação não exposta. "Disse que tomássemos o café da manhã e que quando tivéssemos terminado se reuniria conosco".



Elevou a vista da torrada que tinha no prato e o olhou... algo que tinha evitado toda a manhã. Se o tinha considerado devastador com terno, resultava esmagadoramente atraente com uma bermuda de cor cáqui e uma camisa de manga curta. Nos braços se flexionavam uns músculos poderosos e a pele bronzeada aparecia entre os botões abertos no peito. Levava o cabelo negro azeviche penteado para trás e uns óculos de sol cobriam seus penetrantes olhos cinza. Era a perfeição em um pacote masculino enquanto ela era um caos de conservadorismo em um insípido vestido azul marinho.

Tampouco estava ali para impressionar ao Jack com seu aspecto, a não ser para deslumbrar com seu cérebro tanto a ele como ao cliente. Quão único precisava era desviar os pensamentos da fachada sexy que lhe oferecia.

"Me alegro de que tenham podido vir. O que lhes parece meu centro?"

Uma voz ensurdecadora interrompeu seus pensamentos inapropriados.

"É incrível, mas você já sabe" Jack ficou em pé e Mallory o imitou. "Faz que me dê conta de que me equivoquei de profissão" comentou com uma risada.

"Sempre será bem-vindo aqui" disse um homem robusto. "Agora me ajudem a me desfazer do albatroz com o que me casei e darei seu nome a uma suíte e o da colega que o acompanha".

Mallory se esforçou em não realizar uma careta ante a cruel palavra empregada para descrever a sua mulher. A mesma com a que se casou, para bem ou para mau. A mulher que dava por feito que em uma ocasião tinha amado.

"Paul Lederman, apresento Mallory Sinclair, uma de nossas melhores associadas, Mallory, Paul Lederman".

Ela estendeu a mão.

"Encantada de conhecê-lo por fim, senhor Lederman".

"Me chame Paul" lhe estreitou a mão com entusiasmo. "Não se pode ser tão formal sentados na praia e com esta vista".

Ela olhou por cima do ombro para abranger o claro céu azul e a água cintilante ao fundo. Tinha razão. Mas tinha estado tão concentrada em não olhar Jack, que tinha evitado a



beleza que a rodeava.

“É um homem afortunado, senhor Lederman” ele a corrigiu com um movimento de cabeça. “Quero dizer, Paul. Jack tem razão. Este lugar é incrível”.

“Então depois que falemos, certifique-se de que relaxa e o desfruta um pouco. Eu gosto que meus advogados estejam na mesma frequência de onda que eu” apartou uma cadeira e se uniu a eles à mesa sob o grande guarda-sol. “O matrimônio” moveu a cabeça. “Um negócio arriscado”.

Mallory tomou o bloco de papel e a caneta, enquanto Jack se reclinava em sua cadeira.

“Funcionou por vinte e cinco anos. Algo deve tê-los mantido junto” comentou.

Mallory gostou do fato de que Jack não se adaptasse de forma automática ao ponto de vista de Lederman, embora por dentro estivesse de acordo com ele.

“Meu dinheiro” repôs Lederman.

“E os filhos” acrescentou Jack.

“Os meninos agora são independentes”.

“Então, que busca?” perguntou Mallory. “Um julgamento rápido ou...”

“Não me importa que seja rápido” cortou. “Apenas procuro que não leve tudo o que tenho. Por aquilo pelo que trabalhei toda a vida”.

“Sua esposa trabalha?” quis saber ela.

“Diabos, não. Ao menos que considere trabalhar gastar meu dinheiro”.

“E o que me diz de criar seus filhos, Paul? Quando deixou de contar isso?” perguntou uma voz de mulher.

Mallory elevou a vista.

Uma morena mais velha, mas ainda formosa, se achava atrás de Paul Lederman.

“E o que me diz de organizar suas festas? De tratar com atenção seus convidados importantes? De seus caprichos? Suas necessidades? Sua saúde?” a mulher olhou para Mallory em uma busca óbvia de compreensão feminina.

Nas profundidades castanhas, Mallory vislumbrou uma tristeza e um cansaço que lhe rasgaram o coração. Sem conhecer todos os fatos, imaginou à senhora Lederman como a uma



mulher muito parecida com sua mãe, que sacrificou tudo a fim de favorecer os desejos de seu marido.

Mas não podia se permitir o luxo de compadecer-se da esposa de seu cliente. Não, se queria convencer ao homem de que podia representá-lo ao máximo de sua capacidade.

Concentrou-se nele. Não pôde ler ao homem nem os sentimentos que lhe inspirava a que ia ser sua ex-mulher. Mas viu um homem que envelhecia, com uma ligeira barriga e escasso cabelo, casado com uma mulher elegante e atrativa que ainda desejava ser sua esposa.

“Sugiro que a partir de agora se comuniquem através de seus advogados” indicou Jack com voz amável mas firme.

“Não sabia que já tinha contratado aos teus” comentou a senhora Lederman com semblante triste.

“Ainda não tomei uma decisão” Paul Lederman tossiu uma vez.

“Mas isso não significa que não deva proteger-se” aconselhou Mallory.

“A dama tem razão” assentiu, “porque penso contratar aos melhores”.

Mallory reconheceu a sutil implicação de que ainda não tinha decidido se Waldorf, Haynes mereciam o trabalho, mas nesse momento seu enfoque estava na senhora Lederman e sua dor.

“Não me assusta, Paul. Vejo em ti um homem incapaz de reconhecer o melhor quando o tem em sua vida” com as emoções contidas, afastou-se com a cabeça alta.

“Não sabia que ainda viviam juntos” Jack rompeu o silêncio incômodo que reinou.

“Juntos, não” bufou Lederman. “Em extremos opostos do centro. Não quer partir. Diz que me ama, mas o que de verdade quer dar a entender é que não permitirá que a acusem de abandono. Desde seu ponto de vista, o meu é dela e o dela é dela. O maldito lugar está se convertendo na Guerra dos Rose¹” se levantou com rapidez. “E quero alguém que me tire disto sem um rombo considerável em minha carteira”, murmurando para si mesmo, partiu e os deixou sozinhos.

“Maldita seja” Jack gemeu e passou uma mão pelo cabelo. “É explosivo. Não quero

¹ - Filme da década de 80 que conta à história do divórcio de um casal de milionários



perder este cliente".

Mallory assentiu.

"Embora nos dê o caso, com sua personalidade, se não pudermos controlá-lo, ela terminará por ter melhor imagem e ganhar a simpatia de todos" martelou com o lápis sobre o bloco de notas. "Há uma história atrás de qualquer fachada amável. Possivelmente a senhora Lederman tenha um amante".

Jack arqueou uma sobrancelha. Embora tivesse incorporado Mallory a esse caso por seu gênero, tinha esperado ter que se enfrentar a certa empatia feminina enquanto trabalhasse com ela. Mas aí a tinha, concentrada nas necessidades de seu cliente. Deveria estar impressionado, mas a equanimidade dela o incomodava de um modo que não conseguia entender. Depois de tudo, não sabia já que era ambiciosa?

"E se for o senhor Lederman quem engana?" perguntou, curioso por ver como salvava esse dilema hipotético.

Mallory se encolheu de ombros.

"Tudo se reduz ao poder. Quem quer que tenha mais poder, neste caso dinheiro e força de vontade. Não dá a impressão de que vamos receber uma grande oposição da senhora Lederman" se deteve para refletir.

Durante um momento, Jack albergou a esperança de que mostrasse algum sinal de emoção feminina. Mas imediatamente o momento passou e Mallory voltou a olhá-lo com a determinação refletida em seu rosto.

"Deveríamos nos aproveitar do fato de que não parece querer o divórcio" continuou. "Empregar isso a nosso favor para convencer ao Lederman de que temos a melhor estratégia".

"Ainda não quer o divórcio. Mas se receber um golpe duro, o mais provável é que contrate a um advogado que ataque por ela".

"Exato" a voz de Mallory subiu de tom pela excitação que invadiu seu espírito.

"O que propõe?"

"Devemos atacar primeiro e o único modo de fazê-lo é ganhando o controle do caso. Chamarei o Rogers para ver o que consegue desenterrar do passado da senhora Lederman.



Enquanto isso, você interrogue ao senhor Lederman. Além disso, é mais fácil que se abra com você. Os laços masculinos e tudo isso".

Ele esboçou um leve sorriso. Não pôde evitá-lo. Adorava a atitude dela de tomar o controle.

"Alguma outra ordem?"

Um rubor inesperado se estendeu pelas bochechas de Mallory. Durante uns segundos breves, ele se perguntou se obteria que esse sangue bombeasse com mais potencia. Até que se deu conta de que estava fantasiando com Mallory. Sua colega formal, rígida e provavelmente reprimida.

Era evidente que precisava ter contato com uma mulher e logo. Seca sexual. Não havia outra explicação para as reações estranhas que despertava nele sua associada.

"Sinto muito", ela moveu a cabeça. "Não sei no que pensava".

"De fato, diria que atingiu o ponto e pensou com clareza. Vá em frente, chame o investigador particular. Se Lederman vir que investimos tempo e dinheiro nele sem ter uma garantia, é possível que fique impressionado. E estou certo de que poderei incliná-lo a nosso favor antes de terminar a viagem".

"De verdade? Quero dizer, fantástico! Vou começar a trabalhar".

Sua surpresa era tangível. Dada sua provável historia com os outros sócios da empresa, Jack o entendia. Mas não era dado a descartar uma boa idéia pelo simples fato de que não se originou dele. As idéias de Mallory eram sólidas e coincidiam na forma de levar o caso. Fariam uma boa equipe.

"Vá em frente".

Ela o olhou e assentiu.

Jack foi incapaz de romper o contato visual. Por que lhe importava o que ela pensava ou sentia enquanto cumprisse bem com seu trabalho? Por que tinha a permanente sensação de que possuía um lado feminino? Os sentimentos que lhe inspirava Mallory Sinclair careciam de sentido. Embora duvidasse que Lederman estivesse limpo, estava seguro de que Mallory tinha razão. Se fuçassem o suficiente em profundidade, descobririam algum trapo sujo da senhora



Lederman.

Mas a dura indiferença de Mallory pela situação da outra mulher não o abandonava. E sabia por que. Essa firme determinação de ter êxito a todo custo recordava a tenacidade de sua mãe em tomar o que queria fora do matrimônio, sem lhe importar as repercussões que tivesse sobre seu pai. Uma estranha analogia, mas certa.

E que despertava o desejo de ver até onde chegaria, em nome do trabalho. Inclinou-se para frente.

"Mallory".

"Sim?" deteve-se enquanto recolhia suas coisas.

"Se se encontrar com a senhora Lederman, e é possível que o faça..."

"Não se preocupe, Jack" se levantou. "Posso dirigi-la" respirou fundo. "Posso chegar à esposa vulnerável que acabamos de ver. De mulher a mulher, já sabe".

Jack fechou os olhos. Sabia. Era o motivo exato pelo que a tinham escolhido para esse caso. Mas ouvi-la expor de forma tão indiferente, como se não se identificasse em nada com a senhora Lederman, oferecia-lhe uma impressão dela em que não queria acreditar. Seu lado profissional estava impressionado, mas o homem desejava ver que era humana, que ao menos sentia uma afinidade feminina com a senhora Lederman, embora não pudesse atuar de acordo a estes sentimentos.

E ainda, queria saber que não era tão fria nem calculista como parecia.

"Ainda que seja uma vez nesta viagem, eu gostaria de ver a mulher que há detrás da fachada gelada".

Ficou rígida e Jack se amaldiçoou pelo comentário. Não tinha tido a intenção de falar em voz alta nem de insultá-la. Simplesmente, não era capaz de entender as emoções que despertava nele. Mas não era uma desculpa e duvidou que ela o entendesse.

Mallory pegou o bloco de papel contra o peito. "Dou por certo que não foi um elogio".

"Escute, não pretendia dizer nada com isso. Apenas foi um comentário irrefletido..."

"Sem tato e machista. Não me ofendeu". Mas os lábios lhe tremiam ao falar.

Não acreditou. Embora não tivesse saído correndo, dominada pelo pranto, sua fortaleza



o impressionava, tinha conseguido alcançar a máscara fria que tinha colado em seu rosto. Nessa ocasião ela não foi capaz de ocultar a dor que as palavras lhe tinham produzido.

Sentiu-se mais rasteiro que uma serpente. Tinha conseguido o desejado. Não tinha visto seu lado feminino, mas sabia que existia. Por desgraça, no processo tinha obtido pouca satisfação e não só por havê-la ferido, mas sim porque ao lhe causar dor, tinha aprendido algo sobre si mesmo e Mallory. Importavam-lhe seus sentimentos... algo estranho nele quando se tratava de mulheres.

Olhou-a no rosto. Ela tinha conseguido exibir um sorriso falso que Jack não engoliu.

“Até mais”, deu meia volta e partiu, com a saia azul muito larga e o cabelo recolhido em um coque pouco atrativo.

“Demônios.” Disse em voz alta. Olhou em torno da praia, estava cheia de mulheres. Mulheres pouco vestidas, solteiras.

Se Mallory o atraía de tantas maneiras, devia haver um motivo.

Possivelmente apenas precisava fazer amor.



Capítulo 03

Então ele queria ver a mulher que havia «atrás da fachada gelada». Mallory abria e fechava as gavetas em seu quarto, jogando coisas sobre a cama enquanto murmurava em voz alta.

Tinha tido o descaramento de chamá-la fria. Recolheu a calcinha mais depravada e pecaminosa e a sustentou no ar. Podia ser fria se seus gostos tendiam pela seda e o cetim? Por lençóis suaves e quentes como o brandy? Por sonhos eróticos que não podia compartilhar com ninguém, incluindo o homem que os inspirava?

Afastou a lingerie e se sentou na cama. Secou uma lágrima perdida. Importava-lhe o que pensava dela e odiava, odiava, tudo o que aos olhos dele era Mallory Sinclair. Uma mulher que ela tinha criado para alcançar a meta de sua vida.

Uma meta que de repente passava a um segundo plano em seu desejo de mostrar a Jack Latham que sua intuição estava correta. Era evidente que tinha percebido que em Mallory havia algo mais que o que via o mundo. Da mesma forma que ela acreditava que havia algo mais em Jack Latham que a imagem do Exterminador que oferecia.

Mas tinha entrado no jogo, dois pesos e duas medidas, e Jack a tinha criticado por realizar seu trabalho tão bem como qualquer homem. Podia ser que não gostasse do ponto de vista de seu pai em muitas coisas, mas lhe tinha inculcado alguns valores que admirava e pelos quais regia sua vida. Incluídos a lealdade, o respeito e o poder... tanto nas relações como na profissão. E aí estava, tratando de se esforçar por um homem, que era evidente que feria sua mulher. Mas o modo de agir que tivesse com relação à senhora Lederman não importava ou não deveria importar para os profissionais contratados para representá-lo no divórcio. E isso era Mallory. Uma profissional.

Jack deveria entendê-lo, já que se regiam pela mesma ética. Mas como ela era mulher, esperava que atuasse de maneira diferente. Que mostrasse suas emoções. Vindo dele, essa maldita norma, de dois pesos e duas medidas, doía. Sem saber por que, tinha esperado mais de Jack. Representava maridos contra esposas sem se importar com a justiça ou a verdade. Porque



era sua obrigação ética.

Depois de ter passado um tempo com ele, depois de ter visto profundidade, além da atração e do corpo tonificado, não podia deixá-lo com a impressão que evidentemente tinha dela. Jack queria ver a mulher que havia atrás da máscara. E ela tinha suficiente orgulho para querer tirá-la e mostrar-lhe.

Refletiu sobre a melhor maneira de obtê-lo. Quando teve um plano formulado, tinha conseguido entusiasmar-se com as tentadoras e intrigantes possibilidades que se apresentavam.

Olhou o relógio. Dispunha de um pouco de tempo livre antes de ter que voltar a se reunir com ele. O suficiente para pôr as coisas em marcha.

Apoiou-se sobre o travesseiro, fechou os olhos e imaginou a reação de Jack. Apoiou a mão no suave tecido das calcinhas. Uma leve pressão mais abaixo aliviou a palpitação e incrementou a necessidade. Os dedos se deslizaram sobre a seda e perfilaram o montículo. É tão fácil, pensou. Podia eliminar a necessidade e continuar com seu dia. Mas aliviar a tensão acabaria com a espera que sentiria ao observar Jack.

Queria fazer que necessitasse Mallory Sinclair, a mulher.

Logo, queria levá-lo até o precipício... e atirar-se ao abismo.

E queria cair com ele, não sozinha.

«Que comece a sedução», decidiu.

Podia acostumar-se a isso. O aroma do oceano, o céu azul espaçoso as mulheres sexys de biquíni. Reclinou-se outra vez em sua cadeira e estirou as pernas diante dele. O sol golpeava sobre sua pele, quente e generoso.

“Lamento chegar tarde. Tive que fazer umas coisas e demorei mais que o previsto”.

Mallory se sentou em frente a ele, tensa no mesmo vestido azul. Mas não parecia incomodada pelo incidente daquela manhã, o que o deixou agradecido.

“Tudo bem?”

“Viajamos tão rápido que esqueci algumas coisas,” assentiu.

“Bom, encontrei-me com o Paul na sauna. Passamos uma hora nos queixando do muito que pedem as mulheres. É muito cedo para pressioná-lo para que tome uma decisão, mas



começa a confiar em mim. Tenho que pô-la à corrente de algumas coisas".

"Soa bem".

"Um aperitivo primeiro?" perguntou. Ela titubeou. "Considere que são mais umas férias que uma viagem de trabalho. Sério, estamos aqui porque Lederman quer chegar a nos conhecer fora da empresa. Como já lhe disse, é um excêntrico. Assim, vá em frente. Tome uma bebida", queria que relaxasse. Era impossível que pudesse passar uma semana em sua companhia se continuasse dando a impressão de que fugiria à primeira oportunidade que lhe apresentasse. Depois do comentário irrefletido daquela manhã, não ia tocar no tema de sua roupa nesse momento, mas não sabia quanto tempo poderia vê-la assando-se sob o sol escaldante. Chamou o garçom. "A senhorita vai tomar..." tentou avaliar o que ia tomar a senhorita Sinclair. "Vinho branco espumante?"

"Um clube soda, por favor" corrigiu.

Jack se conteve de pôr os olhos em branco.

"Para mim o mesmo". Elevou a taça que tinha contido uma vodca com gelo.

"Em seguida volto com seus pedidos" assentiu o garçom.

"O que dizia de Lederman?" continuou ela.

"Além de queixar-se do matrimônio, esconde algo" Jack acabou sua taça.

"O que o impulsiona a dizer algo assim?"

"Recebeu uma chamada de telefone. Saiu da sauna a tal velocidade que esteve a ponto de perder a toalha". Riu e esperou que ela o imitasse.

A expressão de Mallory se manteve firme. Ele conteve um gemido. Não podia imaginar que não lhe resultasse engraçado, de modo que ainda devia seguir zangada. Mas não pensava repetir a conversa da manhã. Melhor concentrar-se no trabalho.

"De todo modo, quando retornou lhe perguntei se tudo ia bem. Pensei que possivelmente tinha surgido uma emergência no centro. Não conseguiu sair muito gracioso, porque se acalorou e titubeou, e logo respondeu que seu filho tinha chamado da Califórnia".

"Por que está tão seguro de que não foi isso?" encolheu-se de ombros.

"Instinto. Além disso, se fosse verdade, era uma resposta bastante simples para que



estivesse tão agitado".

"Certo" assentiu. "O que acredita que esconde? Não tem sentido que nos oculte isso. Não se estivermos a seu lado".

"De acordo. E pretendo averiguá-lo assim que...".

"Aqui têm suas bebidas".

O garçom trocou o copo de Jack por um novo que já não o atraía, mas de todos os modos agradeceu e voltou a olhar Mallory.

"Poderia lhe perguntar abertamente o que acontece, mas...".

"Desculpe, senhor, mas isto é para você" o garçom entregou um pedaço de papel dobrado.

"Mensagem de telefone?" perguntou Jack.

"De fato, o barman me perguntou se reconhecia o nome que aparecia na parte superior, e como você acabava de assinar a nota do almoço..."

"Disse-lhe quem o deixou?"

"Encontrou-o no balcão quando limpou depois que o pessoal terminou de comer".

"Estranho" elevou o papel dobrado e lhe chegou uma fragrância feminina.

"Desejam algo mais?" perguntou o garçom.

"Não, obrigada," agradeceu Mallory com sua voz educada mas rouca.

Jack moveu a cabeça, logo abriu o papel. *Convite de Sedução... uma noite particular para jantar, dançar e gratificar os sentidos. Às oito. Cabana da praia número dez.* Tentou engolir a saliva, mas não teve êxito. Havia mais instruções, alusões sedutoras sobre o que podia esperar se aceitasse.

Virou o papel e leu o que havia do outro lado. *Seja pontual. E venha com fome.* Umedeceram-lhe os olhos e recolheu o copo que momentos antes não lhe tinha agradado. O álcool piorou a situação, porque lhe queimou a garganta e o fez tossir.

Mallory se levantou e fez um sinal ao garçom.

"Água, por favor. Está bem?" perguntou a ele.

Jack engoliu a saliva e a respiração foi mais fácil.



"Sim. Me... engasguei".

"Oh". voltou a sentar-se. "Por um momento me assustou. Pensei que teria que lhe fazer uma respiração boca a boca".

Olhou-a fixamente, convencido de que não a tinha ouvido bem.

"Ressuscitá-lo, porque pensei que tinha deixado de respirar." Se apressou a explicar ela. Agitou uma mão. "Esqueça-o. Desde que esteja bem".

"Estou." Olhou o bilhete que nesse momento tinha sobre o colo. Quem diabos poderia ter enviado? Olhou ao redor, mas a multidão de mulheres em traje de banho não lhe ofereceu nenhuma pista.

"É do Lederman?" perguntou Mallory.

"Espero que não".

"É pessoal".

Ela encolheu os ombros.

"Muito bem, de modo que pensa lhe perguntar abertamente o que é o que acontece?"

Observou a cada mulher que passava. Nenhuma lhe ofereceu sinal algum de que tivesse enviado o bilhete, mas alguém lhe tinha feito uma proposta que parecia excitante e tentadora.

Seria um idiota se não se apresentasse às oito.

E seria um idiota ainda maior em protagonizar a fantasia de uma mulher desconhecida.

"Jack? Jack. Perguntei se pensa em enfrentar Paul Lederman." repetiu, confusa pela incapacidade dele de concentrar-se.

Jack experimentou o impulso absurdo de confiar nela e isso mesmo lhe indicou quão estranho tinha estado desde que iniciaram essa viagem.

E nesse momento recebia um bilhete. Aproximou-o do nariz.

Floral? Oriental? Não conseguia identificar a fragrância, embora lhe parecesse já tê-la cheirado.

"Possivelmente deveríamos deixar para outro momento. É evidente que está distraído."

Mallory ficou de pé.



"Espere".

"Por que? Nada do que digo ou faço parece manter seu interesse. Por que não se ocupa dos assuntos pessoais e nos reunimos mais tarde?"

"Sente-se, Mallory." Soltou um leve gemido. "Perguntou se eu pensava em enfrentar Lederman. A resposta é «não». Este homem opera da seguinte maneira: gosta de desenvolver a confiança pouco a pouco. Por isso estamos aqui, para que nos avalie, para desenvolver essa confiança. A empresa ainda leva quase todos seus negócios, mas isto... isto é pessoal. Quando se sentir preparado, contará isso".

"E enquanto isso?"

"Esperamos. Desfrutamos da praia. Da vista" «Seja pontual. E venha com fome». Da comida" murmurou.

"Perdão?"

Moveu a cabeça. Ela tinha razão. Não podia concentrar-se nesse momento no trabalho. Quem quer que lhe tenha enviado o convite podia estar observando-o. Avaliando-o. Tremeu-lhe o corpo.

"Tem razão. Deixemo-lo para depois".

"Descanse primeiro" Mallory assentiu, "Que tal às oito?"

Jack respirou fundo e se obrigou a sorrir.

"Acreditava lhe haver dito que considerasse nossa estadia aqui uma mini férias. Tome a noite livre e falaremos pela manhã".

"Como quiser." deu meia volta e partiu.

Voltou a agitar o bilhete no ar para saborear o aroma persistente e o efeito excitante que este sortia sobre seus sentidos. Quem quer que lhe tenha enviado o bilhete o tinha feito com a intenção de estimulá-lo e excitá-lo. Pois tinha feito um bom trabalho. Tanto que ainda não podia levantar-se, e provavelmente necessitaria um momento para fazê-lo.

O crepúsculo envolvia a praia enquanto a noite se aproximava. Com acesa antecipação, Jack observou o relógio digital do quarto aproximar-se da hora. Uma suave brisa entrava pela porta aberta do terraço. Seu corpo palpitava ao ritmo das ondas que rompiam na praia. O



coração martelava frenético no peito. O desejo fluía com rapidez e fúria.

Mas não tinha nem idéia do que ia encontrar.

Uma coisa estava clara: o mistério era um maldito afrodisíaco. A necessidade de saber e o desejo de participar da fantasia fizeram que esquecesse sua regra contra uma aventura de uma noite. Não sabia se logo lamentaria ter se apresentado. Mas nesse momento, nada podia lhe impedir que aspirasse essa fragrância embriagadora em pessoa. Nada poderia lhe impedir de chegar a tempo. E enquanto fechava a porta do quarto a suas costas e saía à escuridão do exterior, o fogo que lhe queimava se converteu em uma chama poderosa.

O centro alardeava de ter dez cabanas isoladas, espalhadas ao longo da praia. Graças ao mapa que havia em seu quarto, não demorou em encontrar a Cabana Dez.

Seguindo as instruções detalhadas, fechou os olhos, elevou a mão e bateu na porta. Na escuridão, os sons se ampliavam e os nódulos contra a madeira também ressoaram no interior de sua cabeça. Os grilos interpretavam uma sinfonia e a brisa agitava os ramos próximos. Passaram segundos e logo ouviu uns rangidos ao abrirem porta.

Experimentou um nó no estômago e o desejo de olhar se tornou entristecedor. Mas as instruções tinham sido claras. Se quisesse que lhe concedessem os desejos, devia seguir as regras e manter os olhos fechados.

Sem advertência prévia, uma mão suave lhe apertou o pulso. Sua boca ficou seca. Não se pronunciou nenhuma palavra, mas um puxão insistente o fez avançar ao interior.

Cruzou um amplo espaço até que uma sacudida do pulso fez que se detivesse. O calor de um corpo feminino se aproximou. Não soube muito bem como o percebeu, mas de algum modo soube que a tinha frente a ele. Então inalou a fragrância que tinha estado com ele toda à tarde. Despertou o sentido e sacudiu sua contenção.

As mãos dela pousaram em seus ombros e o empurraram para baixo até que se sentou, envolto por umas cômodas almofadas que acreditou ser de veludo.

“Tenho que te olhar.” murmurou.

Sentiu a negativa com a cabeça, o contato de umas delicadas pontas dos dedos sobre suas pálpebras. «Ainda não». As palavras não pronunciadas flutuaram entre eles.



“Seguiu as instruções. De modo que agora receberá seu desejo. Queria ver a mulher que havia atrás da fachada gelada.” as palavras foram um sussurro delicado.

Mas a voz rouca era descaradamente familiar... e excitante, como tinha sido desde o começo. Não obstante, a surpresa lhe fez abrir os olhos.

Esperava ver a Mallory Sinclair, a advogada. Mas aí havia uma sedutora com umas curvas que jamais tinha sonhado que Mallory possuísse. Umas gloriosas ondas de cabelo negro fluíam sobre seus ombros. Uma maquiagem perfeitamente aplicada acentuava umas feições que só tinha considerado potenciais.

Equivocou-se.

A perfeição não se podia melhorar, e se não estivesse tão preso na idéia de como ela poderia ser, teria visto essa Mallory desde o começo. Mallory Sinclair, a beleza voluptuosa.

A mulher que lhe tinha enviado o convite e que lhe reservava uma noite inteira de sedução.



Capítulo 04

“O que acontece, Jack? O gato comeu sua língua?”

Mallory se aproximou tanto, que não foi capaz de respirar, e muito menos responder.

As unhas dela, pintadas de uma profunda cor coral, marcaram um atalho desde sua mandíbula até o primeiro botão da camisa pólo. Tremeu ante o ataque descarado.

“Ou talvez o pescoço esteja muito apertado para que respire e fale ao mesmo tempo” murmurou ela. Com dedos ágeis, desabotoou-lhe o primeiro botão.

Teria respirado muito melhor se não fosse pelo fôlego quente dela na bochecha, o beicinho desses lábios também de cor coral e o aroma embriagador que o envolvia. Tudo se combinava para excitá-lo. Nunca teria imaginado que estaria ante sua colega supostamente reprimida, e nesse sentido o havia surpreendido.

E Jack não gostava das surpresas. No tribunal jamais formulava uma pergunta cuja resposta desconhecia. Muitos advogados haviam caído por simples presunções. Muitos homens tinham caído no engano de acreditar que conheciam a mulher com quem estavam. Jack não pensava cair nem deixar que o enganassem, e menos uma mulher.

Estabelecia suas próprias regras e logo vivia de acordo com elas. Mas tinha quebrado uma ao responder ao convite, de modo que o único culpado de que nesse momento se encontrasse em desvantagem era ele.

“Possivelmente me surpreendeu.” A olhou e voltou a se calar aturdido pelo azul impactante de seus olhos.

“A fachada gelada.” Assentiu.

Captou o gelo em sua voz junto com o gosto de dor que não conseguiu esconder. Era impossível que voltasse a associar essa mulher com a palavra «fria».

“Insultei você”.

Ela inclinou a cabeça.

“Sim, me insultou. Ainda assim, tenho que reconhecer que foi uma descrição interessante de uma mulher que mal conhece”.



Suas palavras davam a entender que pretendia corrigir não só sua errônea hipótese, mas também o estado de sua relação.

O movimento seguinte demonstrou que tinha razão. Acomodou-se nas almofadas ao lado dele, tão perto que se esqueceu de respirar durante uns momentos.

Mallory dobrou as pernas ao estilo índio. O olhar do Jack se viu atraído pelo tecido suave e brilhante da saia de seda amarela, logo à fina e delicada sandália que lhe cobria os pés. O tom coral acentuava suas unhas, tal como o fazia com os lábios e as mãos.

Ela brincou com a saia até que caiu provocativamente entre suas pernas, tampando e revelando ao mesmo tempo. Jogava com ele. Os dois sabiam, mas Jack desfrutava tanto que não queria pará-lo.

“Creio que se estou aqui, é para que possa demonstrar que me equivoquei em minha hipótese”.

“A dicotomia é interessante, verdade?” Perguntou ela.

Tentar. Atormentar. Incitar. Era evidente que não pensava lhe responder de forma direta. Olhou-a. Negava-se a entregar o pouco poder que possuía nesse jogo preparado por ela.

“Todos e tudo na vida tem duas caras, dois lados. Não sempre agradáveis”.

Cedo na vida tinha aprendido que sua carinhosa mãe, em público a esposa devota, era na intimidade uma mulher fria, indiferente e mentirosa. À medida que passava o tempo, deixou de lhe importar quem conhecesse a verdade e a dicotomia que tinha devotado terminou por derreter-se em uma mulher infeliz. Depois disso, Jack se tinha convertido em um perito das duas faces da natureza humana.

Mallory estreitou os olhos, como se compreendesse que suas palavras revelavam parte de sua alma. Amaldiçoou em silêncio. Como tinha podido esquecer que essa mulher sedutora tinha uma mente como uma armadilha de aço e os instintos de um tubarão assassino? Por que lhe resultava tão fácil esquecer que possuía outro lado mais frio e calculista?

Que Mallory era real e qual era a impostora?

“De modo que já está sintonizado com as sutilezas da natureza humana. Fantástico, já que facilita muito meu trabalho.” Esboçou um sorriso sexy.



Jack se perguntou o que tramaria a seguir.

Mas não lhe cabia nenhuma dúvida de que seria a primeira a retroceder. A política que proibia os romances na empresa pesaria muito mais em sua mente, já que esperava crescer e sabia que o voto dele podia destruir suas possibilidades e tudo aquilo pelo que tinha lutado. Ele jamais poria em perigo sua carreira por esse convite à sedução. Respeitava-a muito como advogada e admirava muito à mulher que o tinha incitado a apresentar-se ali para lhe ensinar uma lição bem merecida.

Mas podia desfrutar durante o caminho.

"É evidente que o que falei estava fora de lugar esta manhã ao empregar a palavra «gelada», Mas a palavra «fachada»... foi certa".

Ela esboçou um amplo sorriso e seu rosto adquiriu uma qualidade radiante.

"É um homem inteligente, Jack. Fachada. Definindo, significa uma aparência ou efeito falso, superficial ou artificial".

"E é isso?" Embora os trajes que usava diariamente fizesse pouco para revelar as curvas femininas, nesse momento Jack as via em abundância. Possuía uns peitos cheios, mais voluptuosos do que tinha imaginado, e por cima do decote em «V» se insinuava uma pele de porcelana.

"Pergunta-se quem é a Mallory real?" A risada rouca iluminou o ar noturno. "É você quem deve averiguá-lo".

Provocava-o com infinitas possibilidades sensuais,

"Está preparado para comer?" Perguntou ela.

A questão conduzia a pensamentos de delícias decadentes, de manjares sobre seus lábios brilhantes e segredos femininos ocultos. Mas duvidava de que isso fosse o que Mallory tinha em mente.

Queria encurtar a distância que os separava, passar a mão pela extensão de pele do seu pescoço e ombros, aproximá-la o suficiente para devorá-la com a boca.

"Estou faminto." Respondeu, e se ela baixasse os olhos, poderia avaliar exatamente quão esfomeado estava. Ressecou-lhe a garganta. "Embora preferisse primeiro uma bebida".



Ela se levantou com graça e se dirigiu ao minibar.

“Vodca com gelo?”

“Lembra disso?”

“Presto atenção.” «em tudo a respeito de você», pensou.

Jack Latham era um potente pacote masculino. E aí estava o problema. Sua obsessão mental por ele, e o que pensava dela, a tinham levado a esse precipício perigoso. Tinha desafiado sua feminilidade e tinha respondido, arriscando sua carreira e seu futuro. Não podia acreditar que tivesse levado tão longe a humilhação que lhe tinha provocado o comentário insultante. Mas uma vez feito, não restava alternativa além de seguir adiante.

“Eu também presto atenção. Sua fama de profundidade e sua perícia não têm igual entre os associados da empresa”.

“Obrigada”.

Depois de servir a vodca para Jack e um vinho para ela, para ganhar coragem, retornou ao sofá. Com um pouco de sorte poderia manter o controle de si mesma e de suas reações, ao mesmo tempo em que colocava à prova as dele.

Quando lhe entregou o copo suas mãos se roçaram. Um contato breve e fortuito, mas uma quebra de onda de percepção lhe percorreu o corpo, «Lá se foi o controle», pensou. Obrigou-se a manter a calma, a esquecer-se dos negócios e a concentrar-se em Jack.

Quando tivesse acabado a noite, não ficaria nenhuma dúvida sobre seus atributos e armas de mulher. Mas, uma vez estabelecida o esclarecimento, as coisas entre eles poderiam voltar para a normalidade. Como se algo pudesse voltar a ser normal depois de ter estado tão perto de sua fantasia.

Sentou-se junto a ele e reinou o silêncio.

“Me fale do Exterminador.” Pediu ela antes que Jack pudesse tomar o controle da conversa.

“É um grande filme, mas o primeiro foi melhor que a sequência².” Respondeu rapidamente.

² - ele faz referência ao filme O Exterminador do Futuro



Percebeu seu desconforto e se perguntou qual seria a causa de seu retraimento. Levou o copo aos lábios.

O líquido fresco lhe umedeceu a boca e lhe permitiu falar.

“Estou de acordo. As sequências poucas vezes são tão boas como o original. No Exterminador II, Linda Hamilton exibia muitos músculos. Entretanto, fazia que os homens babassem.” encolheu os ombros. “Sempre pensei que vocês gostavam das mulheres mais suaves”.

Ele se mostrou surpreso pela resposta dela. Evidentemente, acreditava que insistiria para que lhe desse respostas a respeito do apelido de Exterminador na empresa.

Mallory preferia a sutileza. Dessa maneira, ele não saberia que era tão fácil de ler. A inoportuna brincadeira cinematográfica lhe tinha proporcionado uma maior visão pessoal de seus sentimentos que se tivesse respondido com feitos comprovados.

Passou a língua pela borda do copo e desfrutou de cada gota de vinho. Sentiu-se gratificada quando ele seguiu cada movimento e os olhos dele dilataram pelo desejo.

“E bem, como você gosta das mulheres, Jack? Suaves e femininas ou mais duras, com um toque de aço?”

Ele esboçou um sorriso sexy.

“Eu gosto que possuam um pouco de ambas as coisas. Fortes e capazes por fora, mas suaves e dóceis, quentes e entregues por dentro.” Estendeu a mão e lhe tirou a taça, que deixou sobre a mesa lateral.

“Mais ou menos como você” murmurou. Colocou-lhe uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Seu contato era quente e sexy, igual ao timbre de sua voz, e Mallory reagiu. Os mamilos se contraíram sob a seda e apareceram através do sutiã que usava. Faltava pouco para que perdesse o pouco controle que possuía.

“A menos, certamente, que isto seja uma representação”.

Então ele queria pôr à prova seus limites e ver se voltaria a ser a Mallory distante e gelada. Queria ver quem fugiria primeiro. Pobre Jack. Não tinha nem idéia de que estava



disposta a chegar até o final e assumir as conseqüências mais tarde.

“Possivelmente é uma representação. Talvez não, A questão é que ainda não está seguro, verdade?”

“Ainda não.” Se inclinou até que seus lábios quase se uniram. “Mas a noite ainda é jovem e pretendo averiguar”.

Aceso com um rastro de vodca, seu fôlego a tentava com promessas sedutoras que ela ainda não estava preparada para fazer ou manter.

“Não tão depressa.” Com suavidade o empurrou pelos ombros antes que pudesse lhe possuir a boca no beijo que com tanto desespero desejava. Mas não podia arriscar se envolver de forma séria com Jack Latham, e algo além dessa noite brincalhona constituiriam uma relação. Algo que nem suas emoções nem sua carreira podiam permitir-se.

Tinha dedicado muitos anos a encaminhar-se a formar parte da empresa em termos de igualdade. Possivelmente muitos anos solitários e frustrados, mas se quisesse receber a recompensa final, não podia sucumbir à necessidade emocional com o único homem que sempre tinha desejado.

Obrigou-se a recordar suas prioridades, algo difícil quando tinha ao alcance da mão beijá-lo, e se levantou.

“Disse que tinha fome.” Se aproximou da mesa onde o serviço de quarto tinha deixado um jantar completo e uma bandeja com canapés.

“Estou esfomeado”.

A risada profunda reverberou dentro dela. Não se sentiria divertido quando ela tivesse terminado.

Pegou uma bandeja com uvas e diversos queijos distribuídos de forma elegante. Quão único ficava por descobrir era se teria coragem para executar seu plano.

«Fachada gelada. Fachada gelada». As palavras dele ricochetearam em sua mente, avivando todos e cada um de seus instintos femininos. Não sabia nada dela e queria que o descobrisse.

Não queria que o esquecesse jamais.



Depositou a bandeja diante deles em uma mesa e arrancou uma uva.

Aproximou-se dele ao mesmo tempo em que a levava à boca e o suco succulento estalava no interior.

“Você gosta das uvas?”

Ele olhou fugazmente a bandeja antes de encontrar-se com seus olhos.

“Poderia me deixar convencer as provar”.

“Esperava que dissesse isso.” «agora ou nunca», pensou Mallory enquanto diminuía a distância entre eles e apoiava os lábios sobre os de Jack.

Os olhos de Jack a princípio registraram surpresa, logo se obscureceram pelo desejo. Mallory fechou os seus para não se afogar na profundidade do olhar dele, esfregou-lhe os lábios com delicadeza e empregou o suco da uva para provocar e excitar. Os lábios dele estavam úmidos, e quando deixou escapar um gemido rouco com sabor de vodca e homem, Mallory sentiu que uma bola de calor estalava em seu interior ao descobrir que a paixão era recíproca. Mas isso não bastava.

“Queria provar as uvas.” Murmurou sobre seus lábios. “Se abra e prove a fruta, Jack”.

Sabia que não era um homem propenso a receber ordens, mas não teve que pedir duas vezes. Ele abriu os lábios e introduziu a língua na boca ardente e úmida. O gemido que emitiu nessa ocasião foi mais rouco e notou que lhe tremia o corpo. Jack elevou as mãos, emoldurou-lhe o rosto com elas e o imobilizou.

Em todos seus anos de vida, Mallory jamais tinha experimentado o descontrole da chama do desejo. Embora tivesse desfrutado de sensualidade, ainda não tinha encontrado o homem que desencadeasse seu «eu» oculto. Jack Latham era esse homem e não podia negar o desejo. Enlaçou-a pela cintura e a aproximou mais. Ela respondeu arqueando as costas para esfregar de propósito os mamilos dolorosamente eretos contra o torso masculino, buscando-o ao mesmo tempo em que procurava alívio.

Sem advertência prévia, a língua dele se tornou mais exigente e insistente. Tomou o controle com os mesmos movimentos de penetração que ela tinha provado. Mostrou-se persistente e a esvaziou da umidade que possuía. Mallory jogou a cabeça para trás e lhe



percorreram todos os recantos da boca como um amante que se entregasse ao esquecimento carnal.

Uma vizinha na cabeça lhe sussurrou algo a respeito de lhe ensinar uma lição e lhe advertiu que recuperasse o controle antes que fosse muito tarde. Os lábios dele eram tão duros e perfeitos, as carícias tão exigentes, que Mallory desejou sucumbir a cada sensação, sabor e matiz. Quando ele parou e lhe mordiscou o lábio inferior, tinha todo o corpo aceso. Todos seus pensamentos e desejos estavam sincronizados com Jack.

Agarrou-o pelos pulsos com o fim de ancorar-se em algo. Não pôde dizer quem rompeu primeiro o beijo, mas quando se separaram, necessitou o contato aceso que proporcionava sua pele, que permanecesse a conexão estabelecida com ele.

"Delicioso." A voz rouca do Jack soou como um grunhido.

"Assim que gostou do suco das uvas." Seus lábios sensibilizados esboçaram um sorriso.

Ele assentiu. Ela elevou o cacho circular de uvas da bandeja e o passou de forma provocadora pelo pescoço.

"Eu gostei, mas acredito que preciso me certificar." Murmurou Jack.

Inclinou a cabeça e mordiscou o colar de uvas que tinha criado, Mallory acreditou ter morrido e subido ao céu. A cabeça escura se inclinou sobre seu peito e o cabelo sedoso lhe acariciou o pescoço. O poderoso aroma masculino era embriagador e líquido como o desejo. E os lábios nesse momento não só se dedicaram a morder a fruta, mas também a provar sua pele.

Tremeu e gemeu. Jogou a cabeça atrás para lhe oferecer melhor acesso, tanto à fruta suculenta como ao vale entre seus seios. Suspirou quando o fôlego a provocou, mas ele não a tocou.

Ao final elevou a cabeça com um sorriso perverso.

"Uma fruta doce e generosa." Ela voltou a sentir a boca cheia. "Úmida, não seca." O calor se apinhou em seu estômago. "Surpreendentemente quente ao tato".

A umidade gotejou entre suas pernas, mas conseguiu formar um pensamento coerente e falar.



“Quente?” A palavra escapou de sua garganta.

“Lança fumaça”.

“Como o oposto a gelado?” Perguntou.

“Certamente” sorriu.

Com mais pesar do que deixou entrever, adiantou-se para lhe roçar os lábios com um último beijo. Antes de obrigar-se a ficar de pé sobre pernas inseguras.

O observou com cautela e Mallory percebeu que sabia exatamente o que era o que acontecia na sua cabeça. Suas palavras demonstraram que não se equivocava.

“Demonstrou seu ponto”.

“Suponho que sim.” Sabia que essa noite também ela tinha aprendido uma lição valiosa.

Sob nenhum conceito queria que acabasse a noite, mas tinha conseguido seu objetivo e uma boa estrategista partia no momento certo... antes de perder o ganho.

“Acredito que podemos dar por concluída a sessão”.

“Suponho que sim.” Ficou de pé. Iniciou uns passos sexys e preguiçosos para a porta, mas se voltou e se aproximou outra vez a ela. “É uma oponente extraordinária, Mallory Sinclair”.

Deu-lhe um beijo muito breve e partiu, deixando-a sozinha, sexualmente carregada e, por algum estranho motivo que não entendia, emocionalmente insatisfeita.

Ao tirar o colar de uvas, perguntou-se quem tinha sido o professor e quem o aluno. E quem tinha aprendido a maior lição de todas. Porque embora tivesse dado a Jack a lição que tanto merecia, sabia que jamais poderia repeti-la sem sucumbir ante ele.



Capítulo 05

Jack deitou de lado e ficou cara a cara com o brilho cegador do sol da manhã, que entrava pelas janelas. As cortinas, que tinha esquecido de fechar ao chegar na noite anterior, lhe recordaram quão distraído tinha estado.

A fonte de tal distração ainda o atormentava.

Não tinham chegado a jantar. Embora não tivesse satisfeito o apetite que despertava nele, não tinha querido forçar o tema. Tinha deixado que ela pusesse fim à noite e tinha escapado enquanto ainda podia pensar com clareza. Antes de ter levado a situação com sua colega muito longe.

Perguntou-se se alguma vez seria capaz de voltar a pensar em Mallory apenas como uma colega de trabalho. Ainda era capaz de sentir as unhas ao cravar-lhe o pulso enquanto o beijava e o afundava em um abandono sensual e sexual. Sentou-se e passou as pernas pelo bordo da cama. A cabeça o martelou pela combinação de vodca, já que dificilmente bebia, e surpresa. Sabia que Mallory era sua rival intelectual; sempre tinha respeitado sua capacidade. O que desconhecia é que fosse uma mulher capaz de excitá-lo sexualmente.

Por isso tinha ela querido lhe ensinar uma lição, para que não se precipitasse em tirar conclusões e castigá-lo por seu insulto. Uma vez exposto à dualidade que existia nela, poderiam retornar a uma aprazível relação de trabalho?

Moveu a cabeça. As barreiras que ela tinha mantido se desvaneceram para sempre junto com a ilusão de frieza. Era uma mulher formosa com uma sensualidade que desejava explorar.

Olhou o telefone e pela primeira vez notou uma luz vermelha que piscava. Marcou a mensagem de voz, uma comodidade do hotel de luxo de Lederman, e escutou a mensagem. Seu anfitrião tinha cancelado todas as reuniões desse dia, já que tinha tido que partir de forma inesperada.

Não gostou do desaparecimento do homem nem da chamada pessoal estranha e súbita que tinha recebido. Não confiava nela, Jack jamais aceitava um caso que não estivesse convencido de que podia ganhar. Não era que ganhasse todos, mas devia ter fé na batalha que



assumia. Antes de comprometer-se com esse caso ou que Lederman o fizesse com eles, tinha que descobrir que diabos lhes ocultava.

E devia pôr Mallory à par da mudança de planos para esse dia. Depois de uma ducha rápida para limpar a cabeça, não teria outra escolha além de enfrentar a sua formosa e já não reprimida colega.

“Responde!” Disse enquanto martelava um lápis sobre a mesa.

Onde estava Julia e por que não respondia? Justo quando necessitava seu conselho, não estava em casa.

Mallory podia desfrutar de acessórios femininos, lingerie e outros toques sensuais, mas lhe faltava experiência com o sexo oposto. Precisava falar com sua prima, sua melhor amiga de infância. A única pessoa que podia ajudá-la a situar a perspectiva adequada da noite anterior. Assim que superasse a surpresa.

Ninguém respondia ao outro lado da linha. Ao que parecia ia ter que confiar em si mesma, algo que tinha feito toda sua vida, de modo que não havia motivo para não fazê-lo nesse momento. Desligou o telefone e levantou, mais segura.

A noite anterior tinha tido Jack comendo na palma de sua mão. Tremeu ao lembrar o ataque sensorial ao que tinha submetido sua língua. Fechou os olhos e permitiu que as sensações lembradas a invadissem, antes de obrigar-se a retornar à realidade desse dia. Se puder controlá-lo entre as quebras de onda da paixão, certamente poderia obtê-lo enquanto tomavam o café da manhã.

Uma vez exposto seu ponto de vista, poderiam retornar à normalidade. Repetiu-se esse mantra durante a ducha e ao descer a cafeteria do hotel onde tinham encontrado com o senhor Lederman. Ao menos, a presença do homem excêntrico poderia desterrar qualquer tensão inicial.

Seguiu a garçonete a uma mesa vazia e escolheu o assento que dava para o restaurante. Não queria que nada a distraísse do profissional.

E então viu o Jack entrando.

Acreditava ter estado preparada. Mas vê-lo com um traje de banho azul marinho e uma



camisa pólo branco que revelava uma pele muito bronzeada ameaçou ser sua perdição, já que a deixou sem fôlego e sem palavras.

Não era uma boa combinação para uma mulher que se convenceu de que tinha o controle.

“Bom dia, Jack” esboçou seu sorriso mais brilhante e o olhou aos olhos.

“Mallory” respondeu com voz áspera, lhe recordando tudo o que tinha passado entre eles a noite anterior.

Observou-a carrancudo. Sem necessidade de que ele dissesse uma só palavra, ela sabia que suas roupas e penteado o surpreendiam e decepcionavam. A escolha tinha sido deliberada para devolver as coisas à normalidade entre os dois.

Mas o coração ficou a lhe palpitar com frenesi, e chegou à conclusão de que a normalidade não se poderia conseguir unicamente com o aspecto exterior. Já não. Suspirou. Outro indício de que tinha passado a um território que dava medo.

Decidida a reter o controle, manteve seu olhar e se negou a baixá-lo até que ele finalmente o desviou com um grunhido. Sentou-se, não em frente a ela como tinha esperado Mallory, mas a seu lado. Muito perto.

O calor de seu corpo, superior ao sol da manhã, desequilibrou-a ainda mais. Apenas uma observação mordaz poderia manter a distância entre os dois nesse momento.

“Começava a acreditar que teria que recorrer a Guarda Nacional para que fosse te buscar” comentou. “Uma noite difícil?”

Ele desdobrou o guardanapo e o colocou sobre o colo.

“Não. Dormi bem. E você?”

“Sem nenhum problema,” disse, encolhendo os ombros.

Uma garçonete passou para lhes entregar os menus.

“Café enquanto esperam à terceira pessoa?” Perguntou.

“Sim, por favor” aceitou Jack. “Mas houve uma mudança e só seremos nós dois para tomar o café da manhã”.

Mallory o olhou assombrada e ele experimentou um prazer perverso ao ser capaz de



surpreendê-la também.

“Então lhes darei uns minutos para que decidam” a garçonete partiu.

“O que aconteceu com o senhor Lederman?” Quis saber Mallory.

“Teve que sair da cidade por uma chamada”.

“Em um fim de semana?” Perguntou com incredulidade. “Depois de ter vindo para falar da possibilidade de levar seu divórcio?”

Jack assentiu.

“Tampouco me parece muito lógico. Vamos ter que descobrir o que acontece”.

“Acredita que tem uma aventura?”

“É uma boa possibilidade”.

Mallory inclinou a cabeça e ele imaginou que o cabelo negro lhe caía pelos ombros.

“Depois que mencionou ontem seu desaparecimento na sauna, tentei pensar no único assunto que esconderia de seu advogado potencial. Era uma aventura. Quero dizer, com qualquer outra coisa sairia limpo”.

“É possível. Falarei com ele assim que chegue. Se formos representá-lo, não quero nenhuma surpresa. quanto mais saibamos, mais poderemos nos preparar com antecipação”.

“Parece um bom plano. Enquanto isso, eu me concentrarei em obter informação da senhora Lederman”.

“Decidiram?” Perguntou a garçonete ao retornar.

“Mallory?”

“Pede você. Eu ainda não escolhi”.

“Eu quero o Café da manhã para uma pessoa faminta” lhe entregou o menu. “Ontem à noite não jantei e morro de fome” se dirigia à garçonete, mas em nenhum momento deixou de olhar Mallory. Ao mencionar a noite anterior, ela se ruborizou, em contradição com a calma exterior que aparentava.

“Porque existe o café da manhã para homem faminto e não para mulher faminta?” Perguntou Mallory.

A garçonete riu.



"Foi uma contribuição da senhora Lederman. Afirmo que as mulheres podem estar tão famintas como os homens, e que não tem sentido oferecer duas escolhas por uma distinção de gênero".

"Uma mulher sensata," devolveu o menu à garçonete. "Tomarei o mesmo".

"Muito bem".

Assim que a outra mulher desapareceu de vista, Mallory se adiantou e apoiou os braços na mesa.

"Dá-te conta do que isso significa?" Perguntou.

"Que a senhora Lederman oculta um lado feminista?"

"A senhora Lederman tem voz no negócio do hotel. Certo que não é mais que uma seleção de café da manhã, mas algo me diz que há mais. Possivelmente se mostra tão serena no assunto do divórcio não só porque não o quer, mas sim porque se a obrigarem a aceitá-lo, sabe que tem força para agüentar a divisão dos bens" cruzou os braços. "Possivelmente é mais inteligente e está mais ao mando das coisas do que deixa aparentar".

Admirou-a por sua percepção e mente aguda.

"Certamente é algo que vale a pena explorar" bebeu um pouco de café. A noite anterior ela tinha querido lhe ensinar uma lição. Decidiu que essa noite seria seu turno. Sob nenhuma hipótese tinha terminado de explorar suas profundidades ocultas," depois de tomar o café da manhã, gostaria de dar um passeio pela praia comigo?"

"Não estou vestida para passeios".

"Tem seu quarto perto" não aceitou a desculpa.

"Não trouxe nenhum calçado para a areia".

Desviou o olhar e ele soube que tentava esquivá-lo. Quis sorrir, mas se conteve. Ao que parecia, gostava de ter o controle, e fugia quando não era assim.

"Há uma loja no vestíbulo" insistiu.

"Possivelmente não tenham meu número".

"Muito bem, Mallory" essa vez sim sorriu. "Forçaste minha mão. Eu aprendi algo sobre você nesta viagem e você não gosta dos insultos nem dos desafios. Tem medo de dar um



passeio pela praia? Assusta-te estar a sós comigo?"

"Isso é ridículo" murmurou com rigidez.

Justo nesse momento a garçonete chegou com seus pratos.

"Desejam algo mais?"

"Não, obrigada" respondeu Mallory.

"Então, bom apetite," se dirigiu para a seguinte mesa.

"Será melhor que comecemos" Jack tomou o garfo. "E pensa em te reunir comigo na praia dentro de uma hora".

Mallory abriu a boca, mas voltou a fechá-la, aceitando o inevitável.

O café da manhã de Mallory esfriava no prato enquanto Jack tinha devorado tudo. Como ia poder comer quando a tinha encurralado... para seu prazer? Mas apesar do muito que queria estar com ele, não podia perder o controle de si mesma ou da situação.

Deixou o guardanapo sobre a mesa.

"Estou preparada, e você?"

Ele arqueou as sobrancelhas com evidente surpresa por sua disposição a ir depois dos obstáculos que tinha apresentado antes.

"Não quer se trocar?"

Mallory se levantou e desabotoou o botão superior da jaqueta; logo a tirou para ficar com a blusa.

"Estou bem".

"É obstinada" moveu a cabeça, "verdade?"

"É parte do meu encanto" se encolheu de ombros e deixou que assinasse a conta, que era um gasto da empresa, em todo caso. Dirigiu-se para a saída atrás do restaurante, que levava a praia.

Assim que abriu a porta, assaltaram-na a brisa fresca e os aromas salgados. Piscou sob o severo resplendor do sol e se concentrou na cena diante dela. A água azul se estendia até o horizonte e desaparecia em um céu de igual azul. Moveu a cabeça. Fazia muito tempo que vivia em uma cidade congestionada. Também tinha se negado ao luxo de relaxar-se de férias em ilhas



e praias tropicais.

Jack a alcançou na areia e completou a perfeição do entorno que a rodeava. Embora jamais o dissesse. Em silêncio avançaram para onde à água rompia na praia. Deixou a jaqueta e os sapatos em um banco vazio e caminharam pela larga e vazia extensão de areia,

“Quando se espera que volte o senhor Lederman?” Perguntou ela ao romper o silêncio.

“Em algum momento esta noite, acredito”.

“Pergunto-me qual será sua verdadeira história. Sei que nos falta partilhar informação crucial”.

Mallory agradeceu que pelo cedo que era e a praia estivesse vazia. Surpreendendo-se, compreendeu que não se achava preparada para compartilhar ao homem nem o momento.

“O divórcio nunca é fácil nem honesto.” Explicou ele. “Nem entre cônjuges nem entre cliente e advogado. Quase todas as relações são iguais. Sei por própria experiência, já que a vivi de pequeno”.

“É muito triste.” Possivelmente seus pais não tivessem sido os melhores do mundo, mas se amavam e entre eles existia honestidade.

Mallory jamais tinha permitido que seus pensamentos se desviassem para o matrimônio e a família. Primeiro estavam os objetivos de sua carreira. Embora isso não lhe impedisse de acreditar na instituição ou na possibilidade de uma relação verdadeira e sincera entre um homem e uma mulher.

“Não é triste, é a realidade”.

“Não, queria dizer que sua atitude é triste e também o fato de que possa apoiá-la em uma experiência vital. Não são todas as relações que são difíceis nem se apóiam em mentiras, ou as estatísticas de divórcio seriam ainda mais altas”.

“Possivelmente deveriam subir. Considerou alguma vez que muitos daqueles que não se divorciam seguem juntos por conveniência?”

“Considerou alguma vez o fato de que os casais se mantêm juntos por amor e respeito pela vida que construíram juntos?” De repente desejou que visse as relações com o mesmo prisma que ela.



Ele moveu a cabeça. A brisa do oceano o despenteou.

Supôs que a atitude de Jack deveria afastá-la, mas se sentia cada vez mais atraída por ele. Já era constante o nó que tinha no estômago. Reconheceu como desejo sexual, embora o puxão em seu coração representasse uma conexão mais emocional.

Era evidente que tinha sofrido de menino. Também ela. Ao que parecia ele tinha levantado muros e barreiras. Baixou o olhar à saia e à blusa que levava e se deu conta de que ela tinha feito o mesmo. Tinham mais pontos em comum das que em princípio tinha imaginado.

E seu apetite por Jack Latham aumentou.

“Jamais teria considerado você uma otimista ou sonhadora.” O comentou, enfim.

“Eu tampouco tinha pensado em mim mesma nesses termos” sorriu. “Se alguém tivesse perguntado isso, teria me definido como «realista»” mas ao que parece era uma romântica escondida atrás da ilusão que tinha dedicado anos a criar.

“A mulher que conheci ontem à noite não era uma realista.” Comentou com voz rouca.

Ao lembrar a noite sensual, o corpo lhe afrouxou. Perguntou-se o que aconteceria se liberasse a sonhadora que tinha dentro, essa pela qual ele se sentia atraído, ao menos durante as fases pessoais da viagem. Poderia controlá-la quando acabasse a excursão?

Moveu a cabeça, embora desejasse mais, não podia pôr em perigo seu trabalho nem seu coração. Respirou o ar salgado e a alagou uma quebra de onda de pesar.

Chegou à conclusão de que o momento de intimidade e revelação tinha chegado a seu fim.

“Pode ser que a mulher de ontem à noite não te parecesse uma realista, mas a advogada que te ajuda neste caso certamente o é”.

“Voltamos para o trabalho.” A decepção brilhou em seus olhos e no tom de sua voz.

Ela assentiu.

“E bem, vai expor ao Lederman suas suspeitas?”

“Estava pensando em uma busca de informação mais oculta, em algo que você e eu possamos encontrar antes de interrogar ao Paul pelos detalhes. Se nossa imaginação se desviou e de verdade o mantêm ocupado seu filho e um negócio, então o acusar de uma aventura ou de



ocultar algo o forçará a entregar o caso a outra empresa”.

“Algo que nenhum dos dois queremos”.

“Porque você considera isto como um degrau para ser sócia?” Perguntou com precisão.

“Porque a empresa tem minha lealdade e sim, porque quero ser sócia.” E não queria que sua obsessão com Jack pusesse em perigo tudo pelo que tinha trabalhado.

Ele se deteve sem advertência prévia. Mallory não se deu conta de que não o tinha ao lado até que a chamou. Voltou-se e retrocedeu uns passos.

“O que acontece?”

“Não quero que pense que faria ou diria algo para destruir suas possibilidades de chegar a sê-lo”.

“Isso esperava. De fato, suponho que uma parte de mim deve confiar em você para que não revelasse o acontecido ontem à noite, porque do contrário teria sido uma tola em executar meu plano”.

Jack elevou uma mão e lhe acariciou a bochecha.

“Não é uma tola”.

“Tampouco é você”.

“Certo. E tendo em conta que não parti ao me dar conta de que era você, suponho que ambos confiam em que o outro não revele o fato de que estamos quebrando a regra da empresa que proíbe os romances entre os empregados da empresa”.

Tinha utilizado o presente. Solicitava mais tempo ou projetava seus próprios desejos nas palavras dele?

Inclinou a cabeça e provocou que a mão dele lhe fizesse uma carícia suave.

“Está-me dizendo que Jack Latham confia em uma mulher?” Perguntou com ironia.

“A confiança é mais fácil de dar quando é mútua e ambas as partes têm algo em jogo.”

Sorriu.

“Então deixa de ser confiança e se parece mais a um jogo”.

Ele soltou uma gargalhada.

“De verdade te admiro.” Os olhos brilharam de desejo.



“O mesmo digo eu.” Com o coração fugitivo, pensou que também o desejava, com uma intensidade que a assustava.

Voltar a ceder a suas fantasias, nada menos que em plena luz do dia, faria que lhe custasse muito as deixar para trás uma vez terminada essa viagem. Para Mallory, a sonhadora, não importava.

Mas Mallory, a realista, sabia que não podia cruzar um limite sem uma rede de segurança. E essa rede era à distância e o controle.



Capítulo 06

Beijá-la nesse momento destruiria qualquer possibilidade de surpreendê-la logo com a guarda baixa. De modo que se conteve.

“Pronta para voltar?” Perguntou.

Piscou, evidentemente surpreendida por essa mudança. Não o incomodou desconcertá-la para variar. Ela o tinha feito muito freqüentemente.

Mallory moveu a cabeça.

“Vai você. Acredito que eu ficarei na praia um pouco mais. Ao menos até que o sol esteja muito quente”.

Os dois tinham retrocedido a campos neutros. Sem necessidade de explicar-lhe, Jack entendia muito bem o que passava por essa mente analítica. A dicotomia em sua personalidade se manifestava com clareza à luz do dia, com conseqüências que ela não estava disposta a encarar.

Beijar-se sob o sol da manhã significaria reconhecer que tinha cruzado a linha entre lhe demonstrar uma coisa concreta na noite anterior a aceitar que havia algo entre os dois. Jack estava de acordo.

Experimentou uma profunda decepção, mas aceitou os parâmetros. Era o único modo que tinha de ver outra vez a Mallory, a sexy sedutora.

“Tome cuidado para não se queimar” aconselhou.

Um brilho de consternação cruzou pelas feições dela e lhe obscureceram os olhos azuis. «Bom, algo é algo», pensou Jack ao afastar-se.

O desejo de retornar era forte, mas sabia reconhecer que se separar nesse momento era o melhor. Embora sua mente aceitasse a necessidade de ir, o corpo não era tão pomenorizado e nele vibrava um desejo palpitante e não satisfeito.

Deixou-a de pé na praia. A imagem do vento lhe agitando o cabelo e dos grandes olhos azuis olhando-o enquanto ia estava gravada em sua memória. Temia que se abrisse passo até seu coração se não tomasse cuidado.



Mas quando se tratava de mulheres sempre era cuidadoso, e Mallory não representava nenhuma exceção. Não podia permitir que se convertesse em algo mais que uma aventura.

Acelerou o passo e entrou pela porta de trás do restaurante... o modo mais rápido de sair da praia e da linha de visão dela. Atravessou o salão e logo passou por diante da recepção. Girou a esquina para os elevadores, mas no caminho se deteve no ginásio.

Tinham-no impressionado as instalações quando Lederman as mostrou antes de ir à sauna. Tudo estava fiscalizado por vários instrutores e médicos.

Inclinou-se pela janela e viu a instalação quase vazia. Não havia melhor maneira de aliviar a tensão que suando um pouco, e nenhum modo melhor de obter informação que falando com os empregados do hotel. Com um pouco de sorte, ambas as coisas o distrairiam de Mallory e fariam que voltasse a concentrar-se no trabalho.

Assinou no registro e tirou uma toalha da prateleira.

“Posso ajudá-lo em algo?” Uma mulher de cabelo escuro e com músculos que estaria orgulhosa de possuir se aproximou dele.

Passou a toalha ao redor do pescoço.

“Queria correr um pouco na esteira”.

“Nenhum problema. Permita que o familiarize com o equipamento e poderá começar. Meu nome é Eva” estendeu a mão. “Sou a encarregada”.

“Jack Latham” a estreitou.

Ela mostrou reconhecimento.

“Encantada de conhecê-lo. Paul... quero dizer, o senhor Lederman, mencionou que você era um de seus convidados especiais”.

Ao Jack não lhe passou por cima a familiaridade do tom ao falar do Paul Lederman, mas o deixou correr. Sorriu e fez um gesto com a mão,

“Não procuro nenhum trato especial”.

“Tenta que me custe o trabalho?” Perguntou com expressão risonha.

“Não imagino ao Paul despedindo-a”.

“Eu tampouco”.



Olhou-o com o que Jack considerou um olhar seguro. Era uma jovem atrativa com curvas em todas as partes adequadas e, por sua postura e confiança, era evidente que sabia.

O silêncio se estendeu durante um momento que Jack aproveitou para questionar que relação teria com seu cliente; logo, repreendeu-se por procurar fogos ali onde não os havia.

“Sempre faz o que o chefe diz?” Perguntou.

“Ele paga o salário” apartou a vista.

E Jack se perguntou se tinha acertado no alvo.

“Aposto que desejaria que todos seus empregados fossem tão leais como você”.

“É um homem que inspira lealdade, mas ao ser um convidado tão especial, estou segura de que já sabe. E agora comecemos a trabalhar” lhe indicou a esteira.

Jack duvidou de que Paul tivesse uma aventura com uma mulher que trabalhava no mesmo lugar em que vivia sua mulher. Lederman era muito arrogante, mas não descuidado. Não quando seu império estava em jogo. Seus desaparecimentos eram mais reveladores que a paixão de uma jovem, e se havia uma amante que encontrar, não estaria no centro.

Mas tinha o palpite de que Paul não tinha feito nada por desalentar o interesse dessa empregada. A paquera de seu marido, se é que era isso, não podia satisfazer à senhora Lederman. E uma insignificância com empregadas femininas podia ser a prova da disposição do homem a assumir riscos maiores.

Sorriu-lhe à bonita encarregada.

“Têm umas instalações impressionantes”.

“Certamente. Sou afortunada de trabalhar em um lugar como este, mas como você provavelmente já sabe, há uma história por trás dele”.

Jack não sabia, e certamente queria saber.

“Claro que sim. Mas não sabia que Paul tinha começado com uma mesa”.

“O filme também começa com uma.” Disse Eva.

“Eu aposto que poderia usar sua mesa”.

Inspecionou-o com expressão aprovadora.

“OH, parece que não está errado”.



Pendurou a toalha sobre uma cadeira e subiu ao aparelho de exercício. Apertou os botões que marcavam uma corrida suave.

Ela o observou com as mãos nos quadris.

“Parece que sabe como funcionam estes aparelhos. Diferente de Paul. Deveria ouvir a primeira sessão que tive com ele”.

Jack riu.

“Não irei a nenhuma parte, assim já pode começar”.

Mallory deixou a praia atrás. A areia se aferrava aos cantos de seus pés, que lavou sob uma mini-ducha antes de calçá-los em seus sapatos clássicos e recolher do corrimão sua jaqueta de pessoa sensata. Suspirou e se perguntou quando se tornaram tão óbvias e limitadoras as armadilhas do convencionalismo.

«É esta viagem», pensou. «E Jack», Perto do Jack queria ser uma mulher sexy e desejável para poder perceber a excitação em seus olhos escuros e saber que o calor que emanava deles estava destinado somente a ela.

Passou a jaqueta pelo braço, deu dois passos e decidiu que já não podia suportar a dor. Rendendo-se, tirou os sapatos e rezou para poder atravessar o vestíbulo e chegar aos elevadores sem que ninguém se fixasse nela.

Mas não chegou além da recepção.

“Bom dia, senhorita Sinclair”.

Sobressaltada, Mallory se voltou e viu que a senhora Lederman avançava para ela.

“Vejo que já desfrutou da praia”.

Mallory passou uma mão com gesto tímido pelo cabelo revoltado.

“O que me delatou, o cabelo agitado pelo vento ou o aroma de sal?”

“De fato, é o rastro de areia que vai deixando” a outra mulher riu.

Mallory girou a vista para o rastro de areia que tinha deixado com cada passo. Suspirou e sentiu que se ruborizava.

“Suponho que se poderia dizer que não ia vestida para um passeio pela praia”.

“Não há problema. Os meninos correm por aqui descalços todo o dia. É um centro



recreativo, não um palácio. Espero que seja de seu agrado” disse, e em nenhum momento deixou de olhá-la como se de verdade lhe interessasse sua comodidade e felicidade.

Essa mulher tinha motivos para detestá-la e tratá-la com desdém, mas de seus lábios perfeitamente pintados não tinha saído nenhuma palavra cruel. Mallory não gostava das lembranças dolorosas de sua infância que essa mulher evocava, nem o desejo de aceitação que acreditava ter banido fazia tempo.

«Mas como posso desterrar o desejo de ser querida e aceita quando cada passo em minha vida foi calculado para ganhar o respeito e a admiração de meus pais?», perguntou-se.

“Vai tudo bem?” Perguntou à senhora Lederman.

Mallory forçou um sorriso ao encontrar-se com o olhar compassivo da outra mulher.

“Perfeitamente. Não só é precioso este lugar...” Assinalou ao redor do vestíbulo contemporâneo” mas sim me brinda a oportunidade de me afastar durante um tempo do mundo real”.

“É afortunada. Por desgrça, esta é minha realidade” lhe tremeram os lábios antes de ser capaz de ocultar os sinais de sua angústia.

“Senhora Lederman...”

“Alicia” moveu a cabeça.

“Alicia, é uma situação incômoda” e embora ela não tivesse se aproximado da senhora Lederman, não tinha sido contratada ainda e, portanto, não tinha quebrado nenhuma ética, não se sentia a gosto.

“Tolice” agitou uma mão no ar e revelou um grande solitário que brilhava em sua mão esquerda.

Não o teria tirado porque ainda albergava esperanças de não ter que entregá-lo? No ato cancelou esse pensamento mercenário. Seu instinto estranha vez se equivocava, e essa mulher de quentes olhos castanhos irradiava sinceridade e bondade.

A senhora Lederman desprendia uma amabilidade que despertava lembranças perturbadoras e conduzia a inseguranças afiançadas, nada do qual ajudava Mallory no trabalho que devia desempenhar: demonstrar ao senhor Lederman que Jack e ela eram os advogados



que queria ter a seu lado.

“Só é incômodo se nós escolhermos que assim o seja” assegurou a outra mulher. “E agora, há algo que possa fazer para que sua estadia resulte mais agradável?”

“Além do fato de não se mostrar difícil sobre o divórcio ou o acordo que alcance?” A senhora Lederman não revelou nada, mas por dentro o coração do Mallory morreu um pouco.

Certamente havia dito ao Jack que faria algo para conseguir o caso; inclusive tinha tentado acreditar mas não tinha por que gostar. E quanto mais via a esposa de seu cliente, pior se sentia consigo mesma e com o lado que tinha escolhido.

A senhora Lederman se ergueu e endireitou os ombros.

“Sabe?, respeito que não recorra a eufemismos. Recorda a minha filha”.

Mallory moveu a cabeça, incapaz de acreditar o que tinha feito.

“Sinto muito”.

“Por ser profissional? Tolices, Não há nada que perdoar”.

“Por que faz isto?” Perguntou Mallory sem poder conter-se. “Por que se mostra tão agradável comigo?”

“Acreditaria em mim se lhe dissesse que eu gosto que todos os nossos hóspedes desfrutem do hotel?”

Mallory assentiu devagar.

“Sim” acreditaria algo que lhe dissesse a senhora Lederman. “Sua filha é afortunada de tê-la.” As palavras saíram antes que pudesse as conter.

“Oxalá meu marido pensasse o mesmo”.

Do momento em que foi convocada ao escritório de Jack para lhe comunicar que estava atribuída a esse caso, tinha sabido que nada seria fácil ou simples, embora em nenhum momento chegou a prever a confusão que experimentaria ali.

Antes que nenhuma pudesse dizer uma palavra, a senhora Lederman a pegou pelo braço e a conduziu pelo vestíbulo para umas enormes janelas. Diante dela se estendia à zona do ginásio.

Mallory se aproximou do vidro e viu que a sala estava vazia salvo por um homem que



corria em uma esteira em um canto: Jack, com uma moréia sexy que zumbia a seu redor.

Franziu o cenho, odiando a sensação de ciúmes que a aguilhoou.

“Não é esse seu colega?” Perguntou a senhora Lederman, e Mallory assentiu. “E essa é nossa encarregada”.

“Muito perfeita para meu gosto” murmurou.

A senhora Lederman soltou uma gargalhada. “Como já hei dito, a franqueza lhe cai bem”.

Mallory pôs os olhos em branco.

“Sejamos sinceras, quantas de nós chegamos a ter esse aspecto?”

“Não muitas, e à medida que o homem envelhece, começa a apreciar a juventude e os músculos bem tonificados”.

Mallory a olhou aos olhos.

“Seu marido?”

A senhora Lederman escondeu suas emoções.

“Acreditava que falávamos dele” disse assinalando ao Jack.

Mallory enterceirou os olhos e prestou mais atenção. Sim, essa mulher musculada não perdia nenhuma só palavra que dizia Jack, como tampouco passava por cima as pernas duras dele, mas a chave dessa cena radicava na reação do Jack.

Não mostrava nenhum interesse manifesto nela. Inclusive desde essa distância, podia ver que o interesse dele estava no que dizia a mulher, mais que em seu aspecto ou no que tinha posto. De fato, desde que Mallory ficou a olhá-los, a moréia não tinha parado de falar.

Esperava que lhe estivesse tirando informação do senhor Lederman. Suspirou.

“O que lhe parece se me mostra a sauna e a jacuzzi?” Sugeriu. “É evidente que nenhuma das duas deseja contemplar esta exibição”.

“Parece-me um bom plano. Mencionei-lhe que temos uma massagista?”

Mallory permitiu que a senhora Lederman a conduzisse em um percurso extenso das instalações, embora sua mente permanecesse com o Jack, que elevou a vista bem a tempo de vê-la olhando-o através dos vidros.



Ofereceu-lhe uma saudação, e logo centrou sua atenção em metas menos profundas.

Jack entrou em seu quarto. Como suava pela corrida no ginásio, a rajada do ar condicionado o golpeou com dureza. Subiu a temperatura e se jogou na cama.

As revelações descobertas esse dia o tinham esgotado mais que o exercício. Ao parecer, Lederman sofria uma crise da meia idade, cortesia de um ligeiro ataque ao coração que tinha escondido a seus associados, incluídos seus advogados. Segundo Eva, a encarregada, o medo pela saúde do chefe explicava os novos aparelhos cardiovasculares do ginásio, os médicos nas instalações e a nova dedicação ao tom físico que ainda não tinha mostrado resultados visíveis.

Mas o homem tinha começado a prestar mais atenção a seu aspecto e a paquerar com a monitora.

Não custava muito deduzir que flertava fora do matrimônio para reafirmar-se em sua virilidade e capacidade. Nesse caso, seus advogados, inclusive advogados potenciais, não deveriam permanecer na escuridão até que a bomba estalasse e fosse muito tarde para preparar o caso. Uma aventura era a última complicação que esperava encontrar ao chegar ao luxuoso centro.

A do Lederman ou a sua própria.

Juntou as mãos atrás da cabeça. Uma aventura não tinha por que ser desdenhável... Estava-se solteiro. E Jack o era. Solteiro e excitado... pela mulher que menos tivesse imaginado.

Já possuía seus pensamentos, dia e noite. Até quando Eva lhe tinha insinuado de forma direta, não lhe tinha interessado. Apenas uma mulher o escravizava.

Mas ao que parecia, Mallory não queria continuar seu... como se podia chamar ao acontecido a noite anterior? «Vinculação»? Não queria transladar sua vinculação às horas diurnas.

Tanto em um plano intelectual como profissional, a decisão dela de retirar-se tinha sentido.

Mas em um plano emocional não o compreendia e a frustração e decepção sexuais resultavam entristecedoras.

Sob nenhum conceito pensava deixar as coisas tão desequilibradas e inacabadas entre

Seduzido por uma Desconhecida



Carly Phillips

eles.



Capítulo 07

Mallory agarrou o auricular do telefone e esperou que se ativasse a secretária eletrônica em sua casa. Ao ouvir o tom, começou a gritar.

“Julia, responde ou quando chegar em casa esconderei todos os chocolates Godiva. E me certificarei de que lhe proíban a entrada no Epicurean Delights. Lhe...”

O som de alguém no auricular reverberou em seu ouvido; logo, ouviu a voz de sua prima.

“Cochilava e não é necessário que fique hostil, Mallory Jane”.

“Não me chame assim” apenas sua mãe empregava seus dois nomes, e possuía um som frio que odiava, junto com lembranças que desprezava ainda mais.

“Mallory? De verdade que sinto muito o dos nomes. O que acontece é que ameaçou me privando de chocolates e... perdi os nervos”.

“E minha reação foi excessiva. Onde estava?”

“Aqui e lá” se sentou. “O que acontece esse Jack e você?”

“Se te conto, me colocará em dia do que acontece na sua vida quando voltar? Porque sempre sei quando esconde algo” além de que ultimamente Julia se mostrou bastante vaga a respeito de sua vida pessoal.

“Claro. Claro”.

“Por que me soou tão pouco convincente?” suspirou.

“Má conexão telefônica? Sua imaginação? Escolhe. E agora, solta”.

“Quando voltar para casa, Julia Rose” a sua prima não se incomodava que utilizassem seu segundo nome. Reinou um silêncio. Sentia-se muito mais cômoda descarregando seus problemas nesse momento e ocupando-se dos de sua prima em casa. “Acredita que o que é o proibido que o faz tão atrativo?”

A atração que sentia por Jack era mais que superficial, mas enquanto mantivesse o controle de suas emoções e da situação, não aconteceria nada. Não era necessário alertar a Julia da intensidade dessas emoções.



Sua prima suspirou.

“Sabe que não existe explicação para a química. Por que busca uma?”

“Porque nada a respeito de nós tem sentido”.

“Há um «nós»?” A voz de sua prima soou entusiasmada.

Ao pensar nisso lhe causava quebras de onda de excitação. Levantou os joelhos, acomodou o auricular entre a orelha e o ombro e rodeou as pernas com os braços.

“Não, não há um nós. Mas houve uma noite” «e que noite». Mordeu-se o lábio.

“Oooh, você não é assim. Me conte mais”.

“Esse é o problema. Não sou assim e agora não posso esquecê-lo. Possivelmente porque... de fato nunca... bom, já sabe, não chegamos...” Uma batida forte interrompeu sua confissão. “Tenho que ir, Julia. Obrigado por escutar. Voltarei a chamar. Já vou” disse à porta.

“Não pode me deixar assim” uivou Julia.

Mallory riu entre dentes e desligou.

Dirigiu-se à porta e abriu, sem tirar a corrente. Ao não ver ninguém, baixou a vista e recolheu uma bolsa com o nome da boutique do hotel.

Soube que era de Jack e o coração bateu de forma errática. Nervosa foi tirando as coisas. Um traje de banho de uma peça. Com um decote alto e quadris também altos, era um modelo clássico... mas mesmo assim resultava a peça mais sexy que já tinha visto.

Abriu o envelope da nota e extraiu o papel branco com uma caligrafia viril.

Coloque-o e se encontre comigo na praia quando tiver escurecido. Desafio-te.

Não mencionava em que parte, mas no mais fundo de seu ser, soube que se referia ao lugar ao que tinham ido antes. Percorreu-a um calafrio. Os mamilos lhe endureceram e os joelhos lhe afrouxaram.

Era evidente que tinha refletido no que poderia motivá-la, embora fora com fins egoístas. Quem mais em sua vida tinha feito isso? Seus pais não, que se conheciam de cor mas que mal conheciam sua filha, e tampouco os homens esporádicos com os quais tinha saído, que queriam se divertir ou à apresentação no mundo de Waldorf, Haynes. Por esse breve intervalo de tempo, os motivos de Jack não importavam.



Sim seus atos.

Foi até o espelho do armário e tirou o penhoar do hotel, ficando unicamente com uma calcinha de encaixe e um sutiã pequeno. Sustentou o traje de banho sexy diante dela. O negro ressaltava a cor de seu cabelo e, graças ao contraste, sua pele pálida adquiria um tom de porcelana.

Seria a excitação do desafio o que lhe iluminava os olhos?

De modo que queria pagar uma dívida. Tirou a calcinha e o sutiã e colocou o traje de banho.

Aceitaria o desafio e o derrotaria em seu próprio terreno.

Quando o sol começava a se por, uma névoa alaranjada se hospedou onde a água se ligava com o céu. Ao escurecer, Jack olhou para as escadas de madeira que conduziam do hotel à praia e ficou impactado pela beleza da mulher que ia para ele.

Tinha escolhido a extensão de praia pela que tinham passeado aquela manhã. Também tinha passeado por ali de noite, e sabia que não estava muito concorrida. Logo, tinha-lhe escolhido o traje de banho em um impulso, sem ter nem idéia de como ficaria nas flexíveis curvas de Mallory. Seu único critério tinha sido que fosse chamativo, sexy e com suficiente tecido para que ela se sentisse cômoda e ao mesmo tempo o excitasse.

Estava mais que satisfeito com o resultado.

Mallory avançou para ele com suas pernas largas, segura tanto de seu aspecto como do efeito que provocava em Jack.

Pelo ardente rebolado dos quadris e o sorriso que exibia, Jack soube que ele podia ter planejado a noite, mas que ela pensava tomar o controle. Não sabia a surpresa que a esperava.

“Alegra-me que pudesse vir” se levantou da grande manta de praia sobre a que estava sentado.

“Duvidou de que o faria?” O sorriso sexy se tornou mais amplo.

“Nem por um instante”.

Ela moveu a cabeça, e o magnífico arbusto de cabelo que ocultava durante o dia lhe caiu sem ordem alguma sobre os ombros.



"Sou tão previsível?"

Esticou a mão e enroscou uma mecha de cabelo em um dedo.

"É muitas coisas, mas entre elas não figura que seja previsível".

Sustentou seu olhar durante um prolongado instante, logo lhe soltou o cabelo e olhou para o oceano, tentando assimilar os sentimentos amotinados que tinham começado a cruzar o limite além do sexual.

Ao voltar a olhá-la, ela se inclinou para tirar umas delicadas sandálias e Jack captou uma tentadora olhada do decote do traje de banho que lhe tinha escolhido.

Mallory elevou a cabeça e se encontrou com seu olhar.

"Eh, ponha esses olhos de volta em sua cabeça. Apenas vim nadar" se incorporou e jogou as sandálias na areia, junto à manta.

"É uma pena. Eu que pensei que brincaríamos na água" colocou as mãos no bolso traseiro da bermuda para evitar aproximá-la, despi-la e viver a fantasia que o perseguia. Apenas os dois, com quilômetros de oceano e sem roupa à vista.

Ela riu.

Nesse momento, a entreperna de Jack não pensou que fosse engraçado.

"Tem-no feito alguma vez?" Perguntou.

"O que?"

"Brincar na água?"

Mallory não podia acreditar que mantiveram essa conversa. Não a centímetros de distância, com os peitos escuros atrás do tecido impermeável, tentando-o com segredos ocultos que ainda devia revelar.

"De acordo" continuou ela. "Romperei o gelo. Eu tenho brincado na água" juntou as mãos nas costas, apoiou-se sobre os calcanhares e sorriu.

Jack arqueou as sobrancelhas, surpreso. Mallory era especialista em pega-lo despreparado. Fechou os olhos às imagens carnavais que ela provocava de propósito.

"Deixa que o adivinhe. Na piscina infantil no acampamento do verão".

Mallory riu, e o som rompeu sobre eles como ondas sobre a praia noturna.



"Não. No último ano do instituto. Durante o baile de graduação. Meu último hurra".

Recordou sua única aventura nua na água... igual a essa noite, tinha sido um desafio. Tinha aproveitado esse último fragmento de espontaneidade e liberdade antes de amoldar-se a sua vida corrente e bem planejada.

"Você gostou?"

"Não tanto como tinha imaginado. Digamos que foi uma experiência".

Jack moveu a cabeça, uma combinação de perplexidade e diversão na expressão.

"Se ontem à noite não te tivesse visto em ação, jamais acreditaria que tinha esse espírito".

"Há muitas coisas que não sabe de mim" de fato, surpreendia-a tudo o que lhe tinha revelado.

Nem sequer Julia conhecia que aquela noite tinha perdido suas inibições de boa garota. Mas começava a descobrir que Jack era um homem com quem resultava muito fácil abrir-se, e desfrutava da intimidade criada ao revelar seus segredos sob o céu noturno.

"Menos mal que sou um estudante aplicado" a olhou com intensidade. "Quero aprender tudo sobre você" lhe estendeu a mão. "Damos um passeio".

Ela aceitou o gesto. Quentes e ansiosos, os dedos dele se fecharam em torno dos dela e a levaram para a maré. A água fria lhe molhou os pés em contraste erótico com o calor que tinha dentro.

"Não respondeu sobre brincar na água" lhe recordou. "Eu o tenho feito. E você?" Olhou-o pela extremidade do olho.

"Respeitaria-me pela manhã se te dissesse que não?" Inclinou a cabeça.

Jack Latham morto de calor? A confissão lhe fez bater as asas do coração. O intercâmbio de segredos se converteu em algo mútuo. O corpo lhe formigou ao antecipar a intimidade que alcançariam, de modo que não se divertiu do seu comentário.

"Respeito à verdade. Por que não ia te respeitar? Como é que perdeu isso?"

"Não tive a oportunidade" se encolheu de ombros. "Crescemos na cidade. Molhei-me com muitos hidrantes, mas nunca na praia".



"Alguma vez saiu da cidade? Nem de férias nem nada do tipo?"

"Não fazíamos férias em família".

Mallory experimentou um nó no peito ante a insatisfação implícita em sua infância.

"Nós tampouco" reconheceu em voz baixa nos olhos dele captou o brilho de uma alma gêmea que compreendia. "Sempre se está a tempo" de propósito tirou a importância do tema. Bastava-lhe saber que lhe tinha dado munições para um momento mais oportuno. Outra noite, outro convite.

Jack se deteve e a aproximou.

"O que te parece agora?"

Ela moveu a cabeça. Gostava do lado perversamente brincalhão de Jack essa noite.

"O que te parece se não? Eu gostaria de vadear antes de mergulhar, já sabe, provar as águas".

Os intensos olhos de Jack pareceram obscurecer-se mais.

"Por que me dá a impressão de que me põe a prova?"

"Porque é evidente que nos parecemos. Nenhum dos dois pode resistir a um desafio".

Com as mãos a puxou pelos quadris e a colou a seu corpo duro. Imobilizou-a e deixou que sentisse a pressão de sua ereção, dura e implacável contra o estômago de Mallory. Preparou-se para resistir às quebras de ondas de nostalgia, mas foram mais poderosas e insistentes que a água que rompia a seus pés.

"O único motivo de que esteja aqui é um desafio?" Quis saber ele.

Reprimiu uma resposta afiada. O desafio possivelmente lhe brindasse a desculpa de aceitar o convite, mas se tinha apresentado por muitos mais motivos.

Olhou-o.

"Vim porque me convidou".

"É verdade" atrás do brilho zombador de seus olhos, havia uma emoção mais profunda.

Mallory não soube o que a dominou, mas se adiantou e inalou a fragrância salgada e de homem antes de apoiar os lábios em uma covinha e logo no outro, detendo-se unicamente para



passar a língua pelo fascinante oco na pele áspera pela barba de um dia.

A reação de Jack foi um gemido masculino, que reverberou nela e detonou um estalo de excitação.

“Faz idéia do muito que me acende?” Avançou os quadris em um movimento instintivo.

Estava duro, era masculino e o sentia perfeito. Conteve o fôlego.

“Posso senti-lo”.

Jack a rodeou com as mãos até as apoiar com firmeza no traseiro dela. Mallory descobriu que se pegava a ele em busca de um contato mais profundo.

“Relaxe”.

O fôlego quente de Jack lhe roçou a orelha. Causou-lhe um formigamento na pele e conseguiu lhe contrair os mamilos, que sobressaíram por debaixo do tecido do traje de banho.

Manteve-a pega a ele, lhe acariciando com suavidade o traseiro, até que o tronco inferior dela, tenso, fez o que Jack pedia. Relaxou-se e procurou se encaixar com comodidade em sua ereção.

“Muito melhor”.

Mallory moveu os quadris sedutoramente. Com cada movimento, sacudia-a uma quebra de onda de desejo atormentador. E com cada arranque renascia a ridícula esperança de que, igual a ela mesma, ele estava ali por algo mais que um desafio.

Tinha que ser a luz da lua, mágica e mística, a que a impulsionava a considerar semelhantes necessidades. Eram advogados que trabalhavam na mesma empresa, tinham em comum que ambos eram competitivos e procuravam sempre a vitória, mas não os esperava nenhum futuro possível, sem importar quão ardente fosse sua química.

Não podia negar que com o convite de Jack tinham alcançado o ponto de não retorno. Não ficava mais escolha que acreditar na integridade dele e que não a pressionaria profissionalmente. Já não havia marcha ré.

Não em meio desse jogo acalorado. Com precisão deliberada, imitou os movimentos dele, apoiou as mãos no traseiro do Jack e o puxou com mais firmeza e intimidade contra ela. O



profundo gemido de satisfação que ele emitia lhe provocou um gotejar de desejo úmido entre as pernas. O duro torso masculino lhe roçava os peitos palpitantes, fazendo que sentisse que o alívio se achava perto e longe ao mesmo tempo.

Jack não sabia quanto tempo poderia balançar-se contra o corpo de Mallory sem alcançar a liberação ante a crescente necessidade que ia se acumulando nele.

Sua intenção tinha sido atormentá-la e levá-la mais longe do que tinha conseguido ela a noite anterior, mas Mallory tinha conseguido investir as voltas e torturá-lo. O iminente alívio crescia com velocidade furiosa dentro dele. Não tinha intenção de matar de calor a nenhum dos dois; quão único queria era levá-la até o precipício e lhe oferecer uma noite para recordar.

Sem falar, elevou-a em braços e começou a andar lentamente por volta do mar.

“O que faz?” Gritou Mallory e lhe rodeou o pescoço com firmeza.

“Nos esfriar” se deteve quando a água chegou aos joelhos, e quando a seguinte onda se dirigiu para a praia, inundou-se com ela em seus braços.

A corrente de água fria deveria havê-lo devolvido à normalidade, mas não com Mallory a seu lado e o calor que havia entre ambos.

Mallory ria enquanto a levava a grande toalha que tinha estendido sobre a areia. Colocou-a de pé e lhe alcançou uma toalha menor com a qual poderia secar-se antes de acomodar-se a seu lado.

“Ajudou?” Perguntou enquanto secava os cabelo e braços.

O corpo dele ainda palpitava com necessidade não saciada, e observar os movimentos dela sob o traje de banho estilizado e molhado lhe renovou o desejo.

“Nada” se sentou na toalha.

“Imaginava” sem advertência prévia, passou-lhe uma perna por cima, juntou os pés em sua cintura e se sentou em seu colo.

“Tenta me matar?” Gemeu.

“Só tento outra alternativa para solucionar seu problema” se moveu até que a carne dura esteve contra seu calor úmido, quase inexistentes nas barreiras dos trajes de banho. “Ouvi que os franceses o chamam «pequena morte»” um brilho sedutor cintilou em seus olhos azuis.



Ele jogou a cabeça para trás e procurou recuperar o controle olhando o céu estrelado. Logo lhe acariciou o pescoço e o peito com a língua, e junto com a pele suave provou água salgada. Conseguiu colocá-la sobre a toalha e sentar-se em cima. Acreditava ter obtido o controle da situação, mas essa idéia se esfumou assim que ela abriu as pernas e deixou que suas coxas lhe embalassem a ereção em um casulo de calor úmido.

«Acesso completo sem penetração», pensou Jack, e soube que estava perdido. Moveu bruscamente os quadris, Mallory gemeu em voz alta, mas de repente o som de vozes e de risadas irrompeu em seu cérebro nublado pela paixão.

Obrigou-se a se concentrar. “Já não estamos sozinhos”.

“Possivelmente seja o melhor” pestanejou várias vezes.

Tinha razão, mas não gostava de ouvi-lo, menos ainda dos lábios dela. Pelo geral, era ele quem se retirava e não lhe agradava experimentar o oposto. E menos ainda com uma mulher como Mallory.

Passou a perna por cima e virou para longe dela. Mallory elevou uma mão para cobrir os olhos e a frente, mas não disse nada mais. Sua respiração era tão difícil e dura como a dele.

Muito depois de que as risadas se perderam na larga extensão de praia, ficaram lado a lado em silêncio. Um silêncio surpreendentemente cômodo para duas pessoas ainda tensas pela excitação, apanhadas em uma situação delicada e potencialmente comprometedora.

Esticou o braço para a mão dela e Mallory fechou os dedos em torno dos seus. Com o rugido do oceano como música de fundo, Jack compreendeu que tinha alcançado seu objetivo. Tinha-lhe emitido um convite e demonstrado que se sentia tão atraída e afetada por ele como ao inverso.

Sozinhos, sem regras nem interrupções, não eram capazes de manter as mãos afastadas um do outro.

Inclusive tinham começado a trocar lembranças... um pouco completamente alheio a ele mas muito prazenteiro.

Mas o marcador estava empatado. Não tinha desculpa para voltar a desafiá-la e a decepção que isto lhe causou foi poderosa, perdurável e além de algo que conhecia.



Capítulo 08

Jack continuava tenso depois de deixar Mallory. A ducha fria não tinha mitigado sua excitação e dormir era impossível. Apenas podia pensar nela. Que estivessem de acordo se separar antes que as coisas fossem mais longe não significava que iria gostar disso. Afastou os lençóis e se levantou da cama.

Inquieto e frustrado, chegou à conclusão de que o melhor que podia fazer era trabalhar. Estar no bar e conversar um momento com o barman podiam lhe oferecer alguns ângulos desconhecidos da personalidade do Paul Lederman. Colocou uns jeans, uma velha camiseta da Universidade de Michigan e desceu.

Olhou o relógio e ficou surpreso do tarde que era. Ao entrar na sala, deu-se conta de que não tinha sido o único ao que custava dormir.

Sua associada tinha tido a mesma idéia que ele, apenas que Mallory tinha seduzido ao barman de um modo que ele jamais poderia.

Fechou os punhos ao observá-la, com uns jeans justos, inclinar-se sobre a mesa de bilhar para que o barman, um loiro de aspecto surfista, para poder pegar por e corrigir o modo de agarrar o taco.

Mallory jogou o cabelo para trás e riu por algo que o outro lhe sussurrou ao ouvido. As vísceras de Jack se queimaram pelo ciúme, uma emoção desconhecida quando se tratava de mulheres. Não sabia o que os motivava. Possivelmente por ser uma fruta proibida, já que seu encontro só podia realizar-se em segredo. Possivelmente fosse a excitação da perseguição, o desafio que representava. Ele não conseguia rir. Ainda não. Era hora de aceitar a provocação.

Dirigiu-se para a luz que rodeava a mesa de bilhar.

“Importam-se se me uno ao jogo?”

Ao ouvir sua voz, Mallory gemeu enquanto o barman girava a cabeça para reconhecer a intrusão.

“O bar está fechado” indicou.

Jack apoiou um cotovelo no bordo de madeira da mesa e assinalou Mallory com a



cabeça.

“Me parece que ela é uma cliente”.

Mallory cerrou os olhos e lhe lançou um olhar mordaz.

“É uma convidada. Pode voltar amanhã de noite. As taças correrão por conta da casa” o barman se concentrou outra vez nela. Fechou as mãos na pele da cintura, ali onde a blusa se levantou.

Uma ira que Jack não tinha experimentado há séculos emergiu a superfície junto com outra lembrança... a de chegar com quinze anos em casa cedo da escola, para encontrar a um desconhecido e a sua mãe saindo do quarto que compartilhava com seu pai, com as mãos do desconhecido na cintura dela enquanto a ajudava a fechar as calças.

Mas a diferença de sua mãe, Mallory não emitia risadinhas baixas e se grudava mais ao homem. Ficou rígida e teria se afastado se não tivesse a mesa de bilhar diante e os fortes braços do barman imobilizando-a. Fosse o que tivesse interpretado antes, a representação terminou.

“Não parece que queira ser esse tipo de convidada” soltou Jack através dos dentes apertados.

“Ela pode falar por si mesmo”.

Mallory girou a cabeça para o barman e agitou as pestanas de um modo que Jack não tinha visto nunca.

“Parece que meu amigo não sabe quando uma dama banca a difícil, Jimmy” murmurou com voz rouca. Mas com gesto indiferente lhe afastou a mão da cintura.

“Conhece este tipo?” Assinalou-o com o dedo polegar.

“Trabalhamos juntos” Mallory soltou um suspiro de sofrimento e se afastou um passo de Jimmy, o jovem barman. Fingiu tropeçar, e antes de que nenhum dos dois pudesse socorrê-la, agarrou-se à mesa.

“Acredito que já teve o suficiente” Jack sabia que não estava bêbada, que apenas tratava de manter ao barman desconcertado e intrigado. Mas se adiantou e a pegou pelo cotovelo antes que a concorrência pudesse chegar primeiro.

“Não acredita que a dama pode decidir quando teve o suficiente?” Falou o barman.



Mallory lhe dedicou um sorriso doce.

“Um homem que respeita a independência de uma dama. Isso eu gosto”.

“Esqueceu nossa reunião de primeira hora?” Perguntou Jack. “Com o senhor Lederman?” Introduziu o nome do chefe de Jimmy e obteve a reação que esperava.

“Trabalham com o Lederman?” Jimmy ficou rígido.

Mallory apertou a mandíbula, descontente pela invasão que tinha feito Jack em seu território.

“Está pensando em contratar ao meu escritório. Pensei que o tinha mencionado”.

“Antes ou depois de me surrupiar informação?”

Ela se encolheu de ombros com um gesto doce.

“Sou uma observadora por natureza. Não me vai jogar isso na minha cara, verdade? Direi-te uma coisa, por que não voltamos a ficar quando ele não esteja perto?” Deu uma ligeira cotovelada em Jack na costela.

Antes que ele pudesse falar, o barman negou com a cabeça.

“O chefe me cortará a cabeça por me misturar com os clientes” murmurou. “Não é que ele não saiba apreciar seus encantos, mas necessito este trabalho”.

“Sábia escolha” Jack tomou nota mental da referência ao gosto de Lederman pelas mulheres.

“É coisa dela, amigo” Jimmy franziu o cenho.

“Não sou de ninguém” espetou Mallory. “E menos dele”.

“Não sabe o que diz, verdade, carinho?” Jack sorriu.

O barman amaldiçoou em voz baixa e retornou ao balcão a terminar de recolher. Jack se voltou para sua colega.

“É hora de te levar pra cima” sem esperar resposta, a tomou em seus braços e a acomodou no ombro. “Nos vemos” se despediu do barman, que ainda amaldiçoava e lamentava seu orgulho ferido.

Mallory golpeou inutilmente as costas de Jack até que o último golpe impactou em um rim. Ele grunhiu.



“Possivelmente possamos comparar notas” conseguiu dizer.

“Me desça” gritou ela.

Jack entrou com velocidade no elevador. Não tinha vontades de montar uma cena no corredor.

Uma vez dentro do elevador privado, pôs Mallory sobre seus pés.

“Bem a tempo” baixou a saia e o olhou com olhos cintilantes.

“Sei” justo antes de soltá-la havia sentido as suaves mãos dela deslizar-se pela cintura dos jeans em busca da cueca. Soltou uma gargalhada. “Um irmão maior te ensinou o truque?

“Sou filha única. E estive a isto de se converter em um soprano” juntou os dedos polegar e indicador.

“Teria que levar roupa interior para que essa arma funcione”.

Ela arqueou as sobrancelhas em gesto de surpresa e os olhos azuis se nublaram ante a possibilidade de que dissesse a verdade.

Ele sorriu quando ela se aproximou.

“Demonstra-o”.

“O que?”

Os dedos dela foram ao botão dos jeans enquanto ele continha o fôlego.

“Há dito que não leva roupa interior. Quero que o demonstre”.

Sua virilha, livre de limitações à exceção da lona dura, queria fazer justo isso, mas lhe aferrou os pulsos e a olhou nos olhos.

“Como manteve as mãos do surfista longe de você?” Perguntou.

Ela inclinou a cabeça.

“Está ciumento? Reconheço que tem um grande corpo e um bronzado estupendo, mas...”

Isso foi o limite. Silenciou-a com um beijo. Começou lento, mas não demorou em descontrolar-se. As línguas se uniram, os gemidos, os suspiros sentidos... não soube reconhecer a diferença entre os dela e os seus. Como um moribundo em um oásis, bebeu de Mallory, tomando tudo o que oferecia, o que tinha para dar. E lhe entregou o mesmo, até que se



separaram para respirar.

“Estava ciumento” murmurou ela aturdida.

“Nem o sonhe, encanto” respirou fundo. Mas o martelar de seu coração lhe dizia que mentia. Deu um passo atrás e a contemplou. “E bem, como fez que o barman falasse e não tocasse?” Procurou uma conversação inócua que lhe permitisse recuperar o equilíbrio.

“Sentei-me junto a um vaso de barro enorme em um rincão, pedi taças, as pegava enquanto inflava seu ego e as atirava no vaso de barro quando ia servir a outros clientes”.

“É uma figura” sorriu.

“Por que não abriu ainda as portas?” Ela desviou o olhar.

Jack olhou ao redor pela primeira vez e compreendeu que nenhum dos dois tinha apertado ao botão de seu andar.

Apertou o do quinto andar. Começaram a subir.

“Elementar” as portas se abriram e a escoltou fora do elevador com a mão apoiada em sua cintura. “Me dê a chave. Ajudar-te-ei a abrir a porta”.

A expressão dela se tornou precavida.

“Os amigos ajudam aos amigos, de acordo?” Colocou a mão no bolso.

“Marcamos para tomar o café da manhã e analisemos o que descobriu sobre o Lederman. Deixou uma mensagem anunciando que retornaria depois de amanhã e eu gostaria de estar preparado” embora o frustrasse o contínuo atraso, uma parte dele agradecia o tempo a sós com Mallory que a ausência do Lederman lhe proporcionava.

“Podemos fazer que seja o almoço? Estou esgotada” apoiou o cartão na palma da mão dele.

“Claro”.

Graças a Mallory, Jake despertou cedo, algo que começava a se converter em costume nessas falsas férias. Ao lhe abrir a porta, se demorou em lhe dar um beijo de despedida antes de se obrigar a desaparecer.

Depois de uns exercícios no ginásio e de uma reparadora ducha, dirigiu-se ao restaurante para se encontrar com Mallory. Ocupou o que se tornou seu assento habitual na



cafeteria, pediu café puro e passou uma mão pelo rosto, se perguntando quando ia retornar a prudência.

Ao vê-la falando com a garçonete, compreendeu que a resposta era um sonoro «jamais». Seu destino era viver nesse inferno desconcertante e excitante criado por Mallory Sinclair.

Essa manhã tinha trocado o vestido azul marinho por um cinza, e uma fivela lhe recolhiam o cabelo com severidade.

Moveu a cabeça. Seu nível de frustração crescia com a dualidade dela.

Poucas cabeças masculinas se voltaram enquanto avançava para a mesa de Jack, e embora lhe produzisse prazer saber que apenas ele conhecia Mallory a sedutora, uma parte perversa queria que outros homens o invejassem por ter a essa mulher incrível a seu lado. Desejou que mostrasse à pessoa sensual que realmente era.

Estava decidido a descobrir os motivos que havia atrás da mudança. Embora continuasse sendo um mistério para ele por que lhe importava tanto como escolhesse levar seus assuntos, sua aparência e sua carreira. Igual aos motivos que podia ter para continuar nesse momento com a charada.

“Olá”.

Ao se sentar em frente a ele, foi entristecedor o desejo que teve de lhe soltar o cabelo para vê-lo cair por seus ombros.

“Olá”.

“Materia por uma xícara de café” deixou a bolsa ao seu lado.

Jack deslizou sua xícara sem tocar pela mesa.

“Adiante. Convido eu”.

Ofereceu-lhe um sorriso agradecido.

“O que pediu para tomar de café da manhã?”

“Uma omelete francesa. O mesmo para ti?”

“Panquecas com uma porção de bacon. Um suco de laranja. E café, obrigado”.

Apareceu a garçonete para anotar seus pedidos e levar os menus.

“O de ontem à noite te deu apetite, verdade?”



Mallory franziu os lábios e teve vontade de lhe desinflar o ego.

“Que me leve no ombro um macho surte esse efeito em mim” foi a resposta que ofereceu. “E pedi o café para você”.

Ele soltou uma gargalhada.

“É minha culpa que essa cena que montou tirasse o pior de mim?” Deixou de rir. Os sentimentos da noite anterior não eram uma brincadeira.

“Não sabia que fosse aparecer”.

“Mas quando me viu, passou isso em branco”.

“Possivelmente durante um minuto” mordeu o lábio e inclinou o torso. “E só porque pensei que o ciúme era uma montagem”.

A confissão o surpreendeu. Sua colega inabordável se converteu em uma mulher vulnerável. Também ele se aproximou, até que seus lábios ficaram a poucos centímetros de distância e seus fôlegos se misturaram.

“Não foi uma montagem”.

“Descobri-o logo. Mas jamais pensei que reagiria dessa maneira por mim”.

“Certamente eu tampouco o esperava. Não a primeira vista”.

“Obrigado pela sinceridade” inclinou a cabeça.

“Ainda não terminei” incapaz de aproximar-se mais já que ela se havia escondido atrás da mesa, pegou a mão. “Não estava ciumento apenas porque tinha visto quão sedutora é. Estava ciumento porque me intriga. Em todas suas faces”.

Ela abriu e fechou a boca. Mas não emitiu som algum.

“Importaria de me dizer por que não poderia ter pensado que seria capaz de me pôr ciumento?” Depois das sensações físicas que compartilhavam, não entendia por que duvidava de sua sinceridade e da força dessa emoção.

Ela se encolheu de ombros.

“Porque ninguém, jamais, reagiu desta forma possessiva comigo”.

“Então teria que te dizer que teve uma série de homens estúpidos em sua vida”.

“E eu teria que estar de acordo com você” lhe sorriu.



Apertou-lhe mais a mão.

“Esta incapacidade de se ver como deveria... de onde vem?” Nenhuma mulher minimizava e ocultava dessa maneira um aspecto tão incrível sem um bom motivo.

Ela fechou os lábios como se pudesse conter a verdade só com a simples força de vontade.

“Uma má relação?” Aventurou Jack.

“Uma má educação” replicou, compreendendo que já não poderia esconder a verdade dele.

“Continua” se voltou para trás e esperou, mas não lhe soltou a mão, já que sabia que sua conexão emocional apenas podia se fortalecer com o contato físico.

“Primeiro fui um acidente, logo uma decepção. Meu pai queria um varão. Em troca me teve” ao falar, a luz de seus olhos expressivos se apagou. “Com o tempo aprendi a não esperar muito”.

“E seus pais jamais estiveram à altura”.

“Exato”.

Ele moveu a cabeça em uma mescla de ira e frustração ante duas pessoas que tinham criado uma menina para logo se dedicar a negar a auto-estima. Ao menos ele tinha tido o apoio de seu pai.

Mallory apenas teve a si mesma... e tinha conseguido estabelecer a rota de seu próprio destino.

Para Jack, tinha tomado o caminho equivocado. Esconder-se não podia fazê-la feliz durante muito tempo, mas apenas ela poderia compreender essa verdade.

“Sabe que seus pais estavam equivocados”.

Mallory se encolheu de ombros, mas a expressão intensa revelou a Jack que escutava.

“E eles o perderam”.

Os olhos do Mallory se encheram de umidade com óbvia gratidão. Respirou fundo.

“Obrigado outra vez. A verdade é maravilhosa e não a ouço freqüentemente”.

A Jack lhe formou um nó emocional na garganta.



“Quando estou com você, meu corpo diz o que sinto exatamente. Que sentido teria mentir agora?”

“Comentaram-lhe alguma vez que é um tipo agradável?” Sorriu.

Ele negou com a cabeça.

“Nunca antes tinha dado motivos para isso”.

Mallory lutou por acalmar seu coração fugitivo. Sentia que a conexão que havia entre eles se fazia mais forte.

Queria fugir mas não se atrevia.

“Quanto ao do ciúme” trocou o tema para o acontecido na noite anterior. “Não desfrutei da representação” só a busca de informação a tinha mantido no assento do bar e a tinha impulsionado a permitir a atenção não desejada do garçom. “Não queria que me tocasse” o olhou aos olhos. “Desejava que fosse você”.

“Agradeço que me devolva o favor”.

Mallory sabia que se referia a sua sinceridade na resposta e assentiu. Mais tarde lhe daria mais sinceridade.

“E agora, se importaria dizer o que tem descoberto sobre o Lederman?” Continuou Jack em voz baixa.

“Oxalá pudesse” suspirou ao olhar a seu redor “mas Alicia Lederman está fazendo a ronda pelas mesas, conversando com os clientes”.

“Aqui têm” a garçonete chegou com seus pratos e lhes deu outro motivo para adiar o bate-papo de trabalho.

“Suponho que teremos que esperar” conveyo ele com tom de frustração.

Mallory assentiu e pegou o garfo. Terminou de tomar o café da manhã em um tempo recorde, satisfazendo com o apetite de comida outra classe de apetite, enquanto a necessidade que tinha de Jack não fazia mais que crescer.

Jack tinha prometido despertar Mallory da sesta, mas umas chamadas a sua secretária e a outro cliente o ocuparam mais tempo do previsto. Quando abandonou a sala de conferências que Lederman lhe tinha dado para realizar seu trabalho e subiu ao seu andar, supôs que ela já



teria despertado para ir dar um passeio, mas decidiu passar ante a dúvida.

“Acordada, Bela Adormecida” bateu na porta.

“Procura à senhorita do quarto?” voltou-se.

Atrás dele havia uma camareira com umas toalhas no braço.

“Vi-a sair faz um momento”.

Sua decepção foi grande, apesar de não ter nenhum plano concreto, apenas o ardente desejo de voltar a vê-la.

“Está segura de que era ela? Cabelo escuro, olhos azuis”.

“Estou segura. Solicitou umas toalhas e...” moveu a cabeça. “Esqueça-o. Os pedidos estranhos de outras pessoas não são meu assunto”.

“Agradeço-lhe a informação” não seguiu interrogando-a.

“De nada” sorriu. “Que tenha um bom dia” entrou no quarto de Mallory com as toalhas. Jack retornou para seu quarto. “Espere” ele se voltou. “Não sabia que você era o cavalheiro do outro lado do corredor. Ela...” assinalou a porta de Mallory. “Deixou algo para você. Ia colocar em sua cama quando terminasse aqui. Espere” foi para seu carrinho de limpeza e retornou com uma folha branca em uma mão e uma bolsa de papel marrom na outra. “São para você”.

“Obrigado” lhe acelerou o pulso ao levantar o papel e inalar a fragrância. A excitação o golpeou com mais força do que nunca.

Uma parte dele sabia que ela respondia ao desafio da noite anterior. Outra percebia que respondia à nova intimidade que tinham descoberto esse dia. Jamais tinha experimentado uns sentimentos tão intensos por outra pessoa até conhecer Mallory.

O pensamento o assustou, de forma que se concentrou no convite. Esperou até ficar a sós em seu quarto, olhou na bolsa e tirou a metade inferior de um biquini tanga, muito pequeno para cobrir algo.

Ressecou-lhe a boca e abriu a folha para ler em voz alta:

“Em nossa cabana as oito” acariciou o biquini de nylon.

Teve uma visão de Mallory vestindo a metade superior sem nada debaixo. Ficou



suando. Moveu a cabeça. Seria inútil. As seguintes horas se estendiam muito longas ante ele. Sem dúvida a intenção de Mallory era deixá-lo com o ínfimo traje de banho nas mãos e um montão de tempo para pensar.

E fantasiar.

Às oito da noite, Jack se achava em um estado acalorado de necessidade. E quando chegou à porta da cabana, as mãos lhe tremeram ao chamar.



Capítulo 09

Mallory respondeu rapidamente e o saudou com um sorriso relaxado.

“Olá”.

“Olá” nesse momento bebeu dela como um homem privado de água. Preparou-se para a praia. Queria pensar que se preparou para ela.

A parte superior, se a podia chamar dessa maneira, era o equivalente da tanga. Dois triângulos de cor de água que apenas lhe cobriam os seios e revelavam uma pele suave e o vale no meio. Fosse o que fosse o que ele tinha imaginado, a realidade resultou mais doce. Baixou a vista.

Viu uma canga amarrada a um lado da cintura que terminava na metade da coxa. Não tinha nem idéia do que levaria embaixo, e a idéia de que estivesse sem calcinhas o voltou louco de curiosidade e antecipação. Sem dúvida essa tinha sido sua intenção. Como se ela pudesse ler sua mente, esboçou um sorriso provocador.

Apoiou-se no marco da porta com a cabeça inclinada.

“É pontual. Eu gosto disso em um homem”.

“Que mais você gosta?” Perguntou quando se lembrou de respirar.

“Mova-se para averiguá-lo”. Deu a volta e entrou na habitação com um rebolado marcado, deixando-o para que a seguisse.

Nesse momento, iria a qualquer parte conduzido por ela e não o envergonhava reconhecê-lo.

Atravessou a zona do salão onde tinham jantado a noite anterior e continuou até um corredor curto. Perguntou-se qual seria seu destino final e chegou à conclusão de que gostava dessa classe de mistério e incerteza.

“Chegamos” Mallory se deteve diante da última porta ao final do corredor. Jack parou a centímetros de distância. “Terá que tirar os sapatos”.

“Porque... ?” Encarou sua expressão risonha.

“Porque iremos à praia e não irá querer que entre areia nos seus sapatos, Vamos, Jack”



ronronou. "Usa sua imaginação".

Estendeu a mão e tocou o extremo da canga.

"Acredite, minha imaginação funciona muito bem" igual a outras partes estratégicas de seu corpo. Perguntar-se que diabos levaria debaixo dessa canga o manteria com uma ereção toda a noite. Tirou as sapatilhas. "Adiante. Serei sua guia".

Ela abriu a porta e entrou. O primeiro que o impactou foi o aroma de coco, um aroma quente que lhe recordou verões na praia. Logo, notou a temperatura, um aumento concentrado de calor pelas luzes de néon que havia em um canto. Quatro palmeiras flanqueavam a cama, e a porta de correr que levava a praia estava aberta, o que permitia que entrasse uma brisa suave e úmida.

"Você gosta?" Perguntou com voz hesitante.

Era evidente que tinha dedicado muita concentração e esforço para criar essa fantasia, Jack soube que já tinha deixado de ser uma lição para converter-se em prazer.

Nenhuma outra mulher se esforçou jamais em fazer algo por ele. Que lhe importasse e lhe interessasse o suficiente para contribuir com ilusão à vida podia ser sua perdição.

Preferia desfrutar.

"Eu gosto". Respondeu ao mesmo tempo em que pegava sua mão.

Os dedos dela se fecharam em torno dos dele.

"É um bom começo. Poderíamos ter sentado lá fora, mas decidi que queríamos um pouco de intimidade, de modo que criei nossa própria praia. Pensei que poderíamos ficar aqui" acrescentou com desejo e calor. "Ao menos até que escureça".

Atirou-o na cama e quando se sentou no colchão e dobrou as pernas aos lados, esteve a ponto de morrer ao pensar que poderia revelar algo do que ele desejava ver.

Ela seguiu a direção de seu olhar e riu.

"É perverso, sabia? Trouxeste-me a tanga?"

"Aqui está" aplaudiu o bolso dianteiro do traje de banho, que havia se tornado muito tenso.

Os olhos dela se abriram muito ao perceber o vulto evidente no traje de banho. Tragou



saliva.

“Se você for bom, possivelmente te deixe vê-lo posto”.

Em seus olhos um brilho ardente queimou ímpio.

“Prefiro vê-la sem”.

“O que te faz pensar que não o está vendo?” Ficou de pé e rebolou o traseiro. Acostumada a outra roupa interior, notar a pele contra um tecido mais fresco a fazia sentir-se erótica. Voltou a se sentar na cama.

Ele se sentou a seu lado.

“Não está me desafiando a comprová-lo, verdade?” Os dedos avançaram para ela.

“E estragar o elemento de mistério e surpresa? Não” com gesto brincalhão lhe afastou a mão. “Mas você pode se preparar para ir nadar” tirou da mesinha o frasco de óleo e o entregou. “me dê uma massagem nas costas”.

“É de noite”.

“E eu acreditava que usávamos a imaginação” sorriu. “Não me importaria um pouco de ajuda para chegar às partes difíceis” estirou as pernas diante dela e moveu os dedos dos pés.

Os olhos dele se nublaram ao aceitar o óleo.

“Escolho eu os pontos?”

Um calafrio de antecipação percorreu todo o corpo de Mallory.

“Se acredita que pode agüentá-lo”.

Jack tirou a camiseta.

“Asseguro que posso” a penetrou com o olhar. “A pergunta é: você poderá?”

Observou o peito largo e bronzeado e chegou à conclusão de que lhe dava um sentido novo à palavra «sexy».

Conseguiu sorrir.

“Sabe que não é conveniente me desafiar” afastou o cabelo de lado e se estirou por completo na cama. “Por onde quer começar?”

Jack abriu o frasco e verteu uma quantidade generosa do óleo aromático na palma de sua mão.



“Eu gostaria de começar por baixo e ir subindo. Embora também acredito em guardar o melhor para o final, assim te ponha de barriga para baixo e começaremos por suas costas”.

“Mmm, eu gostarei disso” suspirou e se deu à volta para apoiar o queixo sobre as mãos. Uma massagem nas costas possivelmente a ajudasse a eliminar a tensão pela insegurança que ainda sentia.

E então ele se sentou escarranchado em suas costas. A insegurança e quase todos os pensamentos se evaporaram. Não podia ignorar a pressão desse traseiro firme sobre os quadris. Envolveu-a um formigamento erótico.

Relaxar-se? Teria que ter sabido que seria impossível. Esse era o jogo que antecede ao amor.

“Está bem?” Perguntou ele.

“Muito bem”.

“Então, comecemos”.

Umas mãos quentes lhe tocaram as costas e lhe marcaram a pele com fogo.

Iniciou uma lenta lubrificação dos seus ombros, passando as palmas pela parte superior de suas costas e pelos braços com soltura. Alternava um contato suave com uma pressão mais forte, lhe oferecendo a massagem que desejava ao mesmo tempo em que lhe cobria o corpo com óleo.

Mentalmente procurou lhe dar alguma conversação, algo com o que romper essa percepção e que lhe devolvesse o controle.

“Isto é maravilhoso” disse em troca. Teve que reconhecer que não queria que nada mundano interrompesse as sensações embriagadoras que despertava nela.

“Esse é o fim que se busca” a risada profunda reverberou na habitação. Não deixou de lhe dar a massagem. “Escuta o som das ondas. Todos os verões alugo uma casa na praia durante duas semanas. Nada supera o relaxamento ou a solidão.

“Por desgracia, eu não posso me permitir o luxo de tomar esse tempo livre” os dedos do Jack lhe afrouxaram a tensão nos ombros e subiram ao pescoço. À medida que ia relaxando, potencializava-se a percepção.



“Poderia se quisesse” inclinou-se e o calor e a dureza de seu corpo a apanharam contra o colchão. “Poderia se te situasse primeiro. Por diante dessa imperiosa necessidade de impressionar a umas pessoas cujo amor deveria ser incondicional. Além disso, já sabe o que dizem de trabalhar sem tirar tempo para descansar” continuou antes que ela pudesse responder.

A voz soava perto e o fôlego golpeou a orelha. Em resposta, os mamilos lhe endureceram contra a cama.

“Isso me fará sócia algum dia” murmurou. Mas nesse momento, o sonho que a tinha sustentado quase toda a vida parecia longínquo e distante. Sem importância em comparação com as sensações sensuais que a dominavam.

Sem importância comparados com estar com o Jack.

Tinha começado a suspeitar que ele conhecia os motivos dela para esforçar-se tanto em alcançar a meta de ser sócia da empresa e perder seu sentido do eu. Mas sob nenhum conceito pensava perder minutos preciosos em dissecar seus possíveis enganos. Para isso dispunha do resto da vida.

Ele se incorporou e de repente sentiu que desamarrava as tiras do biquíni.

“Jack...” Em sua voz soou uma advertência.

“Relaxe”.

Terminou de lhe soltar os laços e com a gema dos dedos riscou as linhas que tinha deixado o biquíni. Ela arqueou as costas.

«É muito bom», pensou. Se era capaz de excitá-la com palavras e contatos singelos e inocentes, que o Céu a ajudasse quando comesçassem os verdadeiros jogos sexuais.

As palmas cálidas se pegaram com força as suas costas. As mãos lhe delimitaram a caixa torácica e os flancos, enquanto as pontas dos dedos se aproximavam dos peitos inflamados que desejavam um contato firme.

Soltou um pequeno gemido e quando lhe deu a volta e a colocou de barriga para cima, rodou de boa vontade e o olhou nos olhos. As tiras superiores do biquíni seguiam atadas, mas o tecido se deslocou uns centímetros, deixando-a exposta a seu escrutínio.



A expressão dele se obscureceu pelo desejo e a necessidade. Mallory engoliu saliva enquanto se perguntava que seguinte zona erógena ia tocar.

Sem romper o contato visual, Jack a sentou e lhe tirou o sutiã do biquíni. Ela conteve o impulso de cobrir-se e se viu recompensada por um gemido gutural.

O conhecimento de que ele gostava do que via mitigou sua vergonha.

Ele verteu mais óleo nas palmas de suas mãos e continuou lhe massageando.

Mallory não pôde apartar a vista dessas mãos grandes nem os pensamentos da esperança de que as utilizasse para lhe cobrir os peitos e assim satisfazer o desejo que a devorava por dentro.

“Vêem aqui” ordenou com um dedo.

Hipnotizada pelo tom rouco de sua voz e pela tentação de seu contato, adiantou-se na cama e se sentou sobre os joelhos frente a ele.

Jack imitou sua postura. Enquanto a espera a carcomia, ele não fez nada para acelerar os movimentos.

Devagar, sem deixar em nenhum momento de olhá-la, adiantou-se e capturou seus lábios em um beijo. A boca ardente se mostrou generosa e intensa. Devorou-a com dentadas pequenas e leves lambidas. E justo quando ela acreditava ter alcançado sua perdição, essas mãos acesas lhe coroaram os peitos.

O contato inesperado a sacudiu até o mais fundo de seu ser e gemeu. Ele aprofundou o beijo e lhe fez amor com a boca enquanto as mãos começavam uma exploração própria e com as palmas lhe esfregava os mamilos. Ela se agarrou a seus quadris para ancorar-se ante as quebras de onda de necessidade que subiam em espiral por seu corpo.

Mallory não soube quem foi o primeiro em romper o beijo. Tremia de desejo e assombro. Nunca tinha experimentado tanta lascívia nem respondido a um homem com semelhante intensidade. O pensamento lhe brindou pausa e retrocedeu até a cabeceira em busca de espaço.

Jack tinha os olhos frágeis e perdidos, como ela. O silêncio palpitou entre os dois.



Mallory olhou ao redor em busca de algo com o que cobrir sua pele nua, mas não encontrou nada ao alcance de sua mão. Decidiu fechar os olhos.

Mas o único que via atrás das pálpebras era Jack e em sua imaginação invocou a sensação das mãos lubrificadas sobre sua pele ainda com formigamentos.

“Ainda não terminei que te proteger contra o sol”.

Ao ouvir a voz rouca, tremeu. Aturdido ou não, quando começava um projeto, ao parecer gostava de terminá-lo. Algo que tinham em comum. Porque ainda não tinha deixado de desejá-lo.

“Então, o que está esperando?” Encontrou coragem atrás dos olhos fechados.

Os dedos quentes pegaram pelo pé e começaram uma massagem lenta. Pressionou e afrouxou, lhe provocando uma sensação de tortura e ao mesmo tempo de êxtase.

Só ia pelo tornozelo, mas o resto do corpo lhe ardia e parecia captar o ritmo, já que encontrou resposta em outras zonas que ainda não tinha acariciado.

“Tenho que reconhecer que tem talento” suspirou, abrindo os olhos.

“Ainda não viu nada” a olhou como se a acariciasse.

Era evidente que com o sorriso queria reafirmá-la.

As mãos subiram do joelho até pouco acima da canga. Ao tocar pele, abriu os olhos surpresa.

“Não leva parte inferior”.

“Claro que não. A tem no bolso” lhe sorriu com picardia. “Duvidou de mim”.

“Duvidei de sua coragem” concedeu. Os dedos se moveram em arcos amplos sobre sua feminilidade e ela conteve o fôlego. “Mas não deveria. E se quiser que pare, farei-o. Bastará que me diga isso”.

Fechou as mãos em torno de suas coxas. Inclinou-se sobre ela e a olhou aos olhos.

Iniciou movimentos largos e suaves que tentavam e provocavam, seduziam e cativavam.

“Parar?” Se o fizesse, morreria. Os movimentos deliciosos se detiveram, Mallory temeu ter quebrado o feitiço e não experimentar jamais a culminação de seus ferventes serviços.



Umedeceu os lábios. “Foi uma pergunta retórica” de fato, temia mais que parasse que desse o seguinte passo.

Ele se sentiu aliviado e voltou a lubrificar mãos.

“O sol pode ser mortífero para peles não acostumadas aos duros raios”.

“Isso ouvi” o coração martelava a toda velocidade, mas de algum modo conseguiu sorrir. Com isso pretendia lhe indicar que queria tudo o que tinha planejado.

“De fato” continuou ele com um sorriso deslumbrante, “melhor me certificar de que abranjo cada centímetro” com a palma lhe cobriu a coxa e com as pontas dos dedos lhe roçou as dobras.

O formigamento que havia sentido antes se converteu em uma conflagração. Seus quadris se elevaram por vontade própria.

“Eu...” compreendeu que o som saiu mais parecido a um gemido que a uma palavra coerente. “Estou ardendo agora”.

“Mas arde por mim, não pelo sol” os dedos escorregadios se encontraram com a pele que esperava.

Invadiram-na umas sensações vertiginosas quando os dedos lubrificados separaram e acariciaram. Gemeu quando a massageou no lugar exato. O gemido a converteu em uma mulher selvagem e corcoveou contra sua mão.

Jack murmurou uma maldição. Estava com a mulher mais receptiva, aberta e generosa que jamais tinha conhecido. A umidade lhe banhava a mão apesar do óleo, soube que tinha encontrado sua essência. O corpo lhe palpitava mas não podia aliviar a paixão de nenhum dos dois dessa maneira. Sem importar o muito que o desejasse.

Sem importar o muito que a desejasse.

Algo tinha aprendido. Podia perder-se nessa mulher. Depois de tudo o que tinha visto em sua cínica juventude, vida e carreira, não ia tolerar. Mas podia desfrutar de seu calor e deleitar-se lhe dando prazer sem que representasse uma ameaça para si mesmo.

Cada movimento e carícia de sua mão provocavam uma resposta nova. Resultava atrativa a tentação de prolongar a tortura deliciosa. Mas não as custas dela, e embora a via



desfrutar, tinha-a levado muito perto, muito depressa.

Fez o único que podia. Introduziu o dedo no corpo ardente e úmido. Ela se sacudiu e teve convulsões em torno do dedo, e logo o esmagou e o sujeitou em um calor molhado de completo êxtase.

Tombou-se ao lado dela. Com a mão livre, apartou-lhe mechas de cabelo do rosto.

“Me olhe”.

Os olhos azuis aveludados se abriram e o olhou com expressão de súplica. Jack moveu a mão. Sem retirar o dedo, tomou todo o montículo com a palma e a rodou com uma pressão gentil.

“Jack” ofegou.

“Estou aqui” moveu o polegar em pequenos círculos até que ela respirou de maneira entrecortada.

Tinha encontrado o ponto adequado, que a voltava selvagem. Que a fazia sua. Mantendo um ritmo constante, empurrou-a mais e mais ao precipício.

“Adiante, carinho” a instigou com palavras e movimentos calculados até que o clímax golpeou com rapidez e fúria.

Sentiu as sacudidas do corpo, implacáveis em intensidade, e justo quando acreditava que descia da onda, apertou a palma uma última vez contra a união das coxas. Mallory emitiu um som que foi um gemido de absoluto prazer e rendição.

Esse som desinibido sacudiu todos os alicerces de seu mundo. Daria quase algo para experimentar o mesmo momento dentro do corpo do Mallory.

Quase. Porque depois das reações intensas que ambos tinham experimentado com um simples beijo, temia que se fizessem amor nenhum dos dois encontraria o caminho de volta a uma vida sã e solitária.

“Dá-lhe um novo significado a proteção contra o sol”.

Alegrava-o que tomou a coisa com rapidez.

Mallory baixou a canga e se obrigou a sentar-se. Subiu os joelhos contra os peitos e as rodeou com os braços. Tudo sem olhá-lo.



De modo que não era a mulher moderna e desinibida que lhe queria fazer acreditar. O pensamento lhe proporcionou um prazer imenso. Não era que albergasse a falsa ilusão de ser o primeiro em algo, mas podia perceber pela maneira tímida em que lhe escondia os olhos e o rubor em suas bochechas, que não tinha muita experiência «no depois». Com o passar do tempo lhe revelavam facetas dela cada vez mais fascinantes.

Estendeu a mão para recolher o sutiã do biquíni e o passou pela cabeça. Ela o olhou com gratidão e sua essência o acariciou. A fez girar e lhe voltou a atar as tiras as costas.

Tudo em silêncio. Sem importar o muito que gostaria de deixá-la nua para observá-la, sabia que estaria mais cômoda tampada. E sua comodidade lhe importava mais que um olhar prolongado sobre seus peitos nus ou uma carícia extra. Estar com Mallory era um pouco apaixonado e elétrico, mas mais que um encontro sexual casual que esqueceria pela manhã.

Jack não era estúpido e sabia que havia uma importante mensagem subliminar em seus sentimentos a respeito dessa aventura, mas preferia não lhe fazer caso. A palavra chave era «aventura», um breve interlúdio no que ambos podiam explorar suas naturezas sensuais.

Trocou de posição e voltou a ficar diante dela.

“Obrigado” a emoção cintilou em seu olhar.

Dedicou-lhe um sorriso encantador e alegre.

“De nada” tomou o queixo na mão e passou o dedo polegar pela pele sedosa. “A questão era te agradar”.

Ela riu.

“Sabe que me referia ao traje de banho, não a...” Ruborizou-se e moveu a cabeça. “Esquece-o. Mas tudo era para te seduzir”.

“E o fez muito bem. De uma forma única”.

Ela pôs os olhos em branco.

“Não queria dizer isso. Todas as mulheres que há na empresa querem te seduzir. Eu não sou uma fã do Exterminador. Mas me desafiou e queria...” Calou.

Ele o entendia, mas queria receber uma explicação. Sabia que as mulheres se sentiam atraídas por ele, mas jamais tomava essa atenção a sério. Tendia a ignorar as fofocas e o



interesse.

Mas Mallory era diferente e não queria que nunca se sentisse agrupada com um punhado de mulheres cuja atenção não fomentava nem desejava.

Inclinou-se e lhe deu um beijo fugaz nos lábios. Ela se refugiou nele e o beijo adquiriu uma profundidade úmida e menos urgente. Logo, afastou-se.

“Queria o que?” Perguntou com suavidade.

“Te dar algo com o que sonhar quando se acabar nosso tempo”.

Uns olhos grandes o olharam com honestidade e doçura.

“Queria que sonhasse contigo”.

Ela inclinou a cabeça em um ligeiro gesto de assentimento.

“Do mesmo modo em que eu sonhei contigo” admitiu.

Sentiu-se adulado, mas se deu conta de que não gostava de falar do fim de sua relação. Embora ela tivesse razão e o fim era inevitável.

Tornou-se para trás e apoiou o queixo sobre os joelhos e estudou o rosto agitado.

“Sonharei contigo, Mallory. Como nunca sonhei com ninguém”.

Calidez e união fluíram entre eles antes que Mallory movesse a cabeça e quebrasse o feitiço. Sorriu.

“Por que não me passa o óleo e deixa que te ofereça mais lembranças?” O sorriso adquiriu uma expressão picante. “Não é o único capaz de satisfazer”.



Capítulo 10

O corpo de Jack se endureceu ao imaginar as suaves mãos de Mallory em sua tensa ereção.

“Sei que ficou satisfeita”.

“Típico comentário de homem” riu ela. “Vamos me dê o óleo. Não podemos permitir que tire esse corpo ao sol sem uma proteção adequada”.

“Cuidado, está escorregadio” lhe passou o frasco de óleo.

Roçou-lhe o dedo de propósito antes de fechá-los ao redor do pescoço do frasco de um modo que lhe demonstrava que sabia como dirigir um apêndice escorregadio.

Logo, chamou-o com um dedo.

Jack conteve um gemido.

“Está certa de que deseja continuar na cama?”

“Não vou dormir aqui” se encolheu de ombros “só faço realidade uma fantasia. Deixa de ganhar tempo, Jack” se apoiou na cabeceira, abriu as pernas e aplaudiu o espaço vazio.

Embora a canga lhe cobria tudo, a imaginação de Jack e as lembranças que ela tinha mencionado eram vívidas. Ao acomodar-se no «V» receptivo das pernas de Mallory, recordou a cálida umidade ao redor da mão e os delicados suspiros de satisfação dela.

“Relaxe” as mãos lubrificadas o apertaram pelos ombros. “Apenas vou te proteger desses intensos raios de sol dos que falamos”.

Ele fechou os olhos e a deixou trabalhar. Desfrutou das massagens que lhe ofereceu nos ombros e nas costas. Começava a relaxar tal como lhe tinha solicitado... quando os dedos se deslizaram por seu estômago e se atrasaram, com as palmas estendidas sobre a caixa torácica, a poucos centímetros de seu peito.

Conteve o fôlego.

“O que aconteceu com o relaxar?” Sussurrou-lhe Mallory ao ouvido, lhe potencializando a ereção.

“Brinca, verdade? Quer que me relaxe quando uma mulher formosa me tem em seus



braços?"

As mãos de Mallory se aquietaram e os braços se esticaram em torno de seu torso.

"Considera-me formosa?"

A vacilação em sua voz lhe comoveu o coração.

"Como pode não sabê-lo?"

Ela riu e Jack sentiu que se desse à volta, veria mais emoção que a que era capaz de resistir.

"Para começar, reconheceu-o no restaurante quando disse que não teria esperado se apaixonar por mim a primeira vista".

"Não o dizia nesse sentido".

"Não tomei como um insulto. Reagiu da forma exata em que quero que as pessoas reajam comigo. Sou Mallory, rainha de gelo da empresa. Levanto-me pela manhã, recolho o cabelo, jogo água fria na cara e saio pela porta com trajes conservadores e sapatos sensatos".

"E agora sei por que. O que desconheço é por que continua. É uma mulher inteligente, por que interpretar esse papel quando não precisa se provar ante ninguém? E não me diga que é porque é seu verdadeiro «eu», nem comece a jogar com qual das duas Mallorys é a real, de acordo? Se pensarmos no que acabamos de fazer, pode responder a essa única pergunta." sentiu que se movia incômoda.

"Tenho meus motivos".

"Não é suficiente".

Ela começou a afastar-se, a retrair-se.

"Não vá".

Deteve-se, mas logo relaxou atrás dele. Jack se tornou para trás com o fim de que suas peles se tocassem. Queria senti-la e sabia que manter um contato físico era a única maneira de conseguir uma resposta sincera.

"Porque depois de anos de interpretar o papel você tampouco conhece já a seu verdadeiro eu?" Se aventurou quando ela permaneceu em silêncio.

"Possivelmente" guardou silêncio uns momentos. "Há uma parte de mim a que adora o



que faço. Que não acredita que minha vida foi um grande sacrifício. Não estou pronta para dar uma festa de compaixão, assim tampouco você fique muito sensível comigo".

Ele riu.

"Por ti sinto muitas coisas, carinho. E a compaixão não figura entre elas".

Mallory deslizou para frente até que seus peitos empurraram com insistência as costas dele.

"Joga limpo" advertiu Jack. "Seus pais lhe puseram neste caminho, assim qual é o papel que desempenha sua mãe nisto?" jogou as mãos atrás e lhe apertou os pulsos, a única afirmação silenciosa que podia lhe oferecer.

"Ama a meu pai. A decepção dele foi sua decepção. Temos que falar disto quando há tantas outras coisas que poderíamos fazer?" passou-lhe as unhas pelas costas em um gesto abertamente provocador.

"Fala com alguém que converteu em uma arte evitar tratar com seus pais" depois da revelação que lhe tinha feito, sentia que o devia.

Além disso, entendia muito bem o que se sentia ao ter uma infância dolorosa que afetava o presente. Certamente, no caso do Jack, ao menos um de seus pais se achava orgulhoso de seus ganhos. Os dela tinham subestimado a uma menina da que deveriam ter estado orgulhosos, e criado a uma mulher que desconhecia seu próprio valor.

"É formosa" podia lhe oferecer uma infusão honesta de verdade em troca das fantasias que tinha criado para ele.

Ela soltou um suspiro de incredulidade.

"Olho-me em um espelho, Jack".

Outra vez essas contradições.

"Não se mova" tirou as pernas da cama e se dirigiu a um canto da habitação, onde um espelho de corpo inteiro se erguia em seu marco de ferro. Empurrou-o até deixá-lo ao pé da cama.

"Para que é isso?" Mallory o observou com reticência.

"Antes que continuemos com o tema da praia, queria deixar perfeitamente claras



algumas coisas entre nós” depois de fixar o espelho, situou-se atrás dela, agarrou-lhe os ombros e a voltou para que não ficasse mais alternativa que se olhar. “Joga uma olhada e memoriza o que vê. Porque a próxima vez que duvide, quero que se olhe em um espelho e se veja através de meus olhos”.

Mallory se olhou e fez uma careta. Como se tivesse alternativa com a maldita coisa ante seu nariz.

“Porque eu vejo uma mulher bem satisfeita”.

Ela esteve de acordo. No rosto acalorado, viu que os resultados do orgasmo não tinham diminuído. Tinha as bochechas acesas e os olhos ainda brilhantes.

Ele retornou ao espelho e deu a volta, apoiando uma mão no marco de metal.

“Mas também vejo uma mulher formosa, por dentro e por fora”.

Ela esboçou um sorriso agradecido mas morta de calor.

“Se dá bem com as palavras, advogado”.

“A verdade é a verdade” moveu a cabeça. “Ninguém nunca se preocupou tanto por mim. Você sim. Duas vezes”.

“Agora que tocou no tema de outras mulheres, tem que haver alguém em sua vida que queira esforçar-se para te agradar” não queria ouvir os detalhes, mas se desejava conhecê-lo melhor, sua vida privada também era importante.

“Ninguém que conte”.

Pelo tom solene, deu-se conta de que o tempo que passavam juntos significava mais para ele que uma aventura de uma noite, e isso a satisfez.

“Se posso te fazer sorrir, isso me basta”.

“É exatamente ao que me refiro. É formosa por dentro e por fora. Acaba de demonstrar o primeiro. E esses olhos e lábios incríveis são prova do segundo”.

“Obrigado” repôs com simplicidade, baixando a cabeça.

“O prazer foi meu, mas não só meu, espero” inclinou a cabeça e pôs expressão arrogante para provocá-la.

Apesar de todos os preparativos, era ela quem recebia prazer e quem começava a



apaixonar-se por Jack Latham, um homem generoso com quem não tinha futuro. Passou uma mão pelo rosto enquanto aceitava os efeitos a longo prazo dessa noite.

Jamais voltaria a ver uma praia sem pensar nele. Jamais voltaria a inalar o aroma fragrante de óleo de coco sem recordar como suas mãos lhe proporcionaram um prazer imenso. Ele a tinha levado e agora queria devolver o gesto.

“Chegou a pensar que te deixaria ir quando ainda fica meio frasco de óleo?” Recolheu o frasco e o agitou no ar. “Já é quase hora de ir à água” assinalou as portas de correr onde o exterior os chamava.

O sol se escondeu atrás do horizonte. Mallory sabia, da noite que já tinha passado na cabana, que a praia não demoraria a ficar deserta. Poderiam compartilhar um passeio à luz da lua sem serem interrompidos. «Ou nadar nus», indicou uma voz perversa em seu cérebro.

Jack arqueou uma sobrancelha.

“Deus me livre de te negar o prazer”.

Ela pôs os olhos em branco e soltou um suspiro exasperado.

“Vêem aqui e aprende tudo desse espelho ao que parece tão aficcionado”.

Uniu-se a ela na cama.

“Sou todo teu, carinho”.

Desejou que fosse verdade, embora imediatamente sossegou esse sentimento.

“De barriga para baixo, a cabeça aqui” bateu no extremo da cama e Jack se estirou.

Mallory se acomodou sobre a zona lombar dele. Sujeitou-lhe a cintura com as coxas e o calor que irradiava foi diretamente desde suas pernas até seu núcleo.

Ele gemeu.

Ela esticou ainda mais as pernas.

Sua intenção tinha sido provocá-lo, mas terminou atormentando a si mesma. Cada vez que estavam juntos, era mais profundo e íntimo que a última vez. Perguntou-se se em algum momento recuperaria o controle que tanto desejava.

Pôs de lado a realidade, reuniu coragem, apoiou as mãos nos ombros dele e se dedicou a mover os quadris em uma oscilação circular.



Jack fechou os dedos na colcha que tinha sob o corpo. Sentir as pernas de Mallory ao redor da cintura o excitava além de algo sonhado. Seu calor feminino contra suas costas nuas, alimentava o desejo. A ereção lhe palpitou contra o colchão e o coração martelou no peito.

Quis tombá-la, lhe levantar a canga e enterrar-se em seu corpo ardente e úmido. O problema era que sabia que tinha as emoções muito à flor de pele e que liberaria algo mais que energia sexual acumulada.

Procurando uma distração das sensações intensas que Mallory despertava, olhou o espelho. Longe de encontrar o que procurava, achou o paraíso. Graças ao cristal que tinha diante, não só podia sentir a pressão das coxas de Mallory, mas sim também podia vê-las.

O corpo lhe brilhava pelo óleo de coco. Elevou a vista. O cabelo escuro lhe caía pelos ombros, mas os olhos brilhavam enquanto seguia seus movimentos no espelho. De fato, ver o jogo de prazer sexual que lhe cruzava a cara enquanto o cavalgava despertava nele os instintos mais carnis e básicos. E quando seus olhares se encontraram no cristal, esteve perdido.

Jack soube que não poderia suportar a continuação da massagem sem envergonhar-se no processo.

“O que te parece se nos vamos nadar?” A voz lhe soou áspera aos ouvidos.

“Estupendo” ela também pareceu muito ansiosa de escapar dele.

Jack despertou com um gemido. Estirou-se, bocejou e ficou a fazer umas flexões de braços antes de descer. Mas nem sequer o sol da manhã que iluminava o restaurante pôde ajudar a despertá-lo. Outra vez tinha acompanhado Mallory até sua habitação depois de separar-se de mútuo acordo ao finalizar o passeio na praia. Nunca antes tinha desejado tanto estar com uma mulher.

Deveria lhe haver cedido o controle e satisfeito o desejo que apenas ela inspirava. O único motivo que tinha para afastá-la era o medo. O temor a meter-se muito fundo, algo que nunca antes o tinha preocupado, mas sim nesse momento.

Embora não o suficiente para permanecer longe dela.

“Temos que deixar de nos encontrar desta maneira”.

A suave voz de Mallory em seu ouvido o sobressaltou. Olhou por cima do ombro antes



que rodeasse a mesa e ocupasse o lugar habitual em frente a ele.

“Não podia dormir” continuou ela “e fui dar um passeio pela praia”.

Olhou as calças sob medida de Mallory, arregaçados na barra, e a leve blusa de cor lavanda.

“Vestida dessa maneira?”

“Não comece” riu.

“Não me atreveria” adiantou o torso. “Alguém te disse que se vê mais sexy quando não tenta sê-lo?”

“Não deveria me provocar em plena luz do dia” brincou, embora com voz suave. “Enquanto tenha que manter as aparências, agradeceria que não voltasse a questioná-lo” ele assentiu. “E te agradeço que seja tão útil” calou, franziu os lábios e soprou o café antes de beber um pouco.

Ele bebeu água e sentiu um movimento quente contra a perna. Passou um segundo antes de dar-se conta de que o contato não era acidental a não ser uma carícia deliberada do pé de Mallory em sua perna nua.

Elevou a vista e a viu lendo o menu, embora sorria sem poder conter-se.

Enganchou um pé em sua panturrilha e lhe separou as pernas; logo, acomodou o arco contra sua coxa. Tinha os dedos perigosamente perto de acertar o alvo.

“Mallory” incluso ele reconheceu o tom de advertência.

“Mmm?” Olhou-o com os olhos muito abertos.

“O que te parece se recordar essas aparências das que me falava?” Mas ao parecer apenas a preocupavam as aparências, porque por debaixo da mesa, onde ninguém podia vê-la, tinha tomado o mando seu lado mais brincalhão.

Ela se encolheu de ombros.

“Olhe a seu redor, Jack. Ninguém presta a mínima atenção. Consegui um de meus objetivos” um sorriso inesperado iluminou sua cara. “E agora vou conseguir outro” moveu o pé com provocação, excitando-o.

Jack não podia falar para não corar com um gemido, e tampouco podia trocar de



postura sem lhe oferecer maior acesso. Tratou de concentrar-se em outra coisa.

“Recorda essa tensão que ontem à noite não me permitiu aliviar?” ronronou Mallory.

Recordava-o muito bem. Essa mesma tensão havia tornado a crescer em seu interior.

“Bom dia” saudou a voz ensurdecadora do Paul Lederman no salão tranqüilo.

“Importam-se se me uno a vocês?”

Jack não podia responder, mesmo que fosse para salvar a vida.

“Por favor” indicou Mallory, falando por ele. Mas não tirou o pé de onde estava.

“Espero que tenha tido uma boa viagem” Jack se moveu no assento, incapaz de ignorar a pressão do arco do pé de Mallory na virilha e nem a descarga de calor que deixava a seu passo.

“O melhor” Lederman escolheu o assento junto a Mallory.

Ao menos desse modo Jack não teria que se preocupar de que a perna desse no alvo errado, embora ainda necessitasse de espaço para respirar ou explodiria como uma granada.

“Quero comprar outro centro. Em Nantucket” explicou.

Jack tomou nota mental para ver com os sócios se conheciam esse suposto negócio.

“Tenho entendido que Nantucket é um lugar precioso” ela se ergueu e adotou o ar de advogada... sem tirar o pé do lugar estratégico que tinha ocupado.

“É perfeito” conveyo Lederman.

“Falando de perfeito, visitei o ginásio que têm nas instalações” com o pé de Mallory nas jóias da família, decidiu não mencionar Eva.

O homem mais velho assentiu.

“As pessoas que vem aqui procuram afastar-se do estresse. Quão mínimo pode oferecer o centro é um ginásio completo com médico de plantão”.

“Falando de médicos” interveio Mallory “como se sente, senhor Lederman?”

O outro não esperava essa pergunta.

“Melhor do que nunca, por que o pergunta?” Inquiriu com cautela e na defensiva.

«Vá com cuidado», pensou Jack. Com um movimento que o surpreendeu, ela se tirou os óculos, apoiou o queixo na palma da mão e se concentrou exclusivamente em Paul.



“Por favor, não pense que tento bisbilhotar, mas um de seus empregados mencionou que o ano passado tinha estado no hospital”.

“Rumores entre o pessoal?” A expressão do Lederman se tornou ameaçadora.

Ela moveu a cabeça imediatamente.

“De fato, não. Mencionei o maravilhoso que acreditava que era o ginásio, em particular com o médico de plantão... É que meu pai recentemente sofreu um ligeiro ataque ao coração...”

Tremeu ao falar e, sem pensar Jack fechou as pernas sobre o pé no único gesto de consolo que podia lhe oferecer nessas circunstâncias.

O olhar surpreso dela o buscou e nas profundidades azuis ele captou um brilho de agradecimento. Animou-o saber que, de algum modo, tinha conseguido consolá-la.

Logo, olhou outra vez para Lederman, quem tinha começado a lhe aplaudir a mão, e prosseguiu:

“De modo que pensei que seu hotel poderia ser o refúgio ideal para meus pais. Adoram o tempo que têm para eles sozinhos, mas minha mãe se sentiria muito melhor sabendo que poderiam ir de férias a um lugar onde ele poderia exercitar-se sob supervisão médica”.

Lederman relaxou de forma visível.

Jack pensou que a história tinha mais elementos que os que lhe tinha contribuído a seu cliente. Mais inclusive que os que lhe tinha revelado a ele até o momento.

Mallory sorriu para Paul movendo as pestanas, que já voltavam a estar atrás dos óculos.

“Verá: seu empregado me explicava como tinha melhorado o ginásio o ano passado depois do que aconteceu a você. E tenho que reconhecer que me impressionou a inteligência de converter algo que deve ter sido traumático em um pouco tão incrível”.

Jack tinha descoberto que Lederman adorava ser adulado por mulheres jovens, e era evidente que Mallory tinha descoberto o mesmo. Era uma profissional em seu trabalho e dirigia o homem mais velho da mesma maneira. Entretanto, Jack percebia sua sinceridade e foi isso mesmo o que serenou ao Lederman.

“Jovem, dê meu nome a seus pais e me encarregarei que desfrutem de uma estadia de primeira aqui”.



"Obrigado, senhor Lederman".

"Paul" moveu a cabeça.

"Obrigado, Paul, mas não procurava nada disso de você. Com sinceridade, fiquei impressionada com a instalação e também preocupada com sua saúde".

O outro se voltou para Jack.

"Têm a uma dama especial trabalhando para vocês".

"Me encarregarei de transmitir seu elogio" disse pelo bem de Mallory, sabendo o importante que eram as impressões dos clientes em sua ânsia para ser sócia. "E recorde, Paul: será afortunado ao tê-la ao seu lado".

Mallory se sentiu encantada com as sinceras palavras de Jack. Embora uma parte dela reconhecesse a afirmação como um ardil para reforçar que Waldorf, Haynes fosse a escolha de advogados de Lederman, o olhar penetrante lançava uma mensagem só a ela.

"Sinto-me muito melhor, obrigado" continuou Lederman. "O ginásio forma parte de meu renovado plano de saúde, e saber que logo estarei livre é outro".

"Livre para fazer o que? Sabe que nos pode contar" indicou ela. Queria que se sentisse confortável para revelar seus segredos. O único motivo pelo que tinha mencionado o recente susto de seu pai foi ganhar a confiança dele com uma revelação própria.

Embora jamais tivesse reconhecido abertamente, o incidente a tinha afetado. Em vez de reforçar sua necessidade de ser sócia antes que seu pai sofresse mais problemas severos de saúde, tinha descoberto a importância de desfrutar da vida. Mas se tinha negado a enfrentar-se a mortalidade de seu pai e à insatisfação com a vida que tinha escolhido.

Até esse momento.

Com Jack incorporado à equação, a idéia de voltar para sua vida vazia se elevava ante ela como algo lúgubre.

A risada de Lederman ressoou na sala tranqüila.

"Vê-o? Eu divulgo minhas fantasias masculinas e ela nem sequer escuta. Deveria me sentir insultado?"

Mallory se ruborizou e se deu conta de que tinha estado absorta em um monólogo



interior.

Jack riu com ele.

“Absolutamente”.

Ela retirou o pé de entre suas pernas e não prestou atenção a seu olhar frio.

“Senhorita Sinclair?” A garçonete se deteve no canto da mesa com um telefone portátil na mão. “Há uma chamada para você. Pode recebê-la fora” a moça indicou o terraço que dava à água.

“Obrigada” aceitou o telefone. “Estava esperando. Provavelmente seja Rogers” informou ao Jack, sem mencionar as palavras investigador privado diante de Lederman.

Em um plano profissional, estava de acordo com a filosofia de Jack a respeito de não entrar jamais em um caso sem estar preparado, mas em segredo esperava que Rogers tivesse as mãos vazias. Odiava a idéia de desenterrar os segredos da senhora Lederman.

Nesse momento, a necessidade não fez mais atrativo seu trabalho.

“Cavalheiros, se me desculparem” se levantou e os dois a imitaram.



Capítulo 11

Jack observou a retirada de Mallory e logo se voltou para Lederman.

“Vamos, Paul, já se foi. E agora me diga o que tem acontecendo; já conheci a Eva no ginásio”.

“Eva é passado. Recorda o negócio de Nantucket que lhe acabo de mencionar?” Baixou a voz.

“Não me diga que vai comprar um hotel para ficar com uma mulher” gemeu Jack. Olhou para o terraço onde estava Mallory e compreendeu que ele compraria muito mais que terra para mantê-la a seu lado.

“Que melhor modo para manter o controle da situação?” Quis saber Lederman.

Jack suspirou. Sem importar se era capaz de sentir simpatia pelo conceito que acabava de expressar o outro, profissionalmente dava um passo suicida. Paul não pensava com o cérebro.

“Olhe, diga que me contrata e o tirarei deste matrimônio com seus bens quase intactos. Porque ir comprar um problema? Deite-se com a mulher se deseja e deixe ir. Já conhece o término «perseguição sexual». Se comprar o hotel, comprará importantes dores de cabeça”.

“Esta mulher é especial” o outro adiantou o torso. “E me entende, algo que não me acontece agora”.

“São especiais ao princípio” repetiu o mesmo mantra que tinha empregado com outros clientes que foram embarcar em uma aventura enquanto atravessavam um divórcio complicado.

Mas nessa ocasião, uma voz que nunca antes tinha ouvido argüiu que possivelmente Lederman tinha razão. Talvez uma mulher pudesse ser o suficientemente especial para fazer que valesse a pena arriscar tudo.

Nesse momento Jack soube que necessitava uma taça, sem importar que fosse de manhã. Ou uma saída imediata da atmosfera fechada do hotel.

Lederman moveu a cabeça fazendo um gesto de decepção.



“É muito jovem para ser cínico. Possivelmente necessita um pouco de sorte”.

Jack riu. O outro cairia impetuosamente se soubesse quão afortunado era.

“Paga-me para ser cínico. O que me recorda... somos ou não seus advogados para o divórcio? Porque apesar do muito que eu goste de estar aqui, não posso me permitir ao luxo de ficar ocioso muito mais tempo”.

“Relaxe-se, Jack. Como você disse, estou pagando para que desfrute do ócio. Veremos logo”.

Jack gemeu. O que precisava era sair desse centro e retornar ao mundo real. Mas com Lederman no comando, não ia acontecer. Não obstante, havia outros modos de aliviar sua febre da cabana.

A bola voltava para seu lado da pista. Mallory estava preocupada e ele conhecia a solução. Levaria-a ao mundo real... onde ele poderia ver o pouco que tinham em comum e onde recordaria o muito que odiava a sensação de estar atado a qualquer mulher.

Incluída alguém tão especial como Mallory.

Mallory se encontrava na loja de presentes do hotel procurando óculos. Experimentou um Fendi de armação dourada, um negro Gucci e um Prada sem armação. Todos se achavam além de seu orçamento.

“Tomou alguma decisão?” perguntou a vendedora.

Mallory moveu a cabeça.

“Eu gostaria deste” ficou com o Prada, tão diferente do que usava diariamente, e se plantou em frente ao espelho. Sentiu-se mais leve e livre.

“O tom lavanda realça a cor da sua pele”.

Não sabia se era verdade ou um truque de venda, mas não importava.

“Por desgracia, estão além do meu alcance” tinha gastado o dinheiro que lhe sobrava na cabana para Jack e ela. As lembranças que tinham criado ali durariam muito mais que uns caros óculos de sol ou a ilusão de feminilidade e liberdade que proporcionavam.

Quão único precisava era olhar-se no espelho sem seus óculos para ver a verdade. Os tirou e os devolveu à vendedora.



“Obrigado de todos os modos”.

“Aqui tem meu cartão se por acaso mudar de idéia”.

“Obrigada” sorriu. Saiu da loja dando-se conta de que tinha caído em um círculo vicioso de «pobrezinha» que resultava patético e desnecessário.

Tinha escolhido sua vida e não pensava lamentá-lo apenas porque se apaixonou por Jack.

Foi para as poltronas espalhadas no centro do vestíbulo e se deixou cair em uma delas. Apaixonou-se por Jack. A revelação não deveria representar um choque. Era justo o que tinha temido ao embarcar nessa viagem, embora não tivesse manifestado esse temor em voz alta.

Superaria. Por uma vez, o passado ia trabalhar a seu favor. Se tinha podido aprender a viver sem o amor de seus pais, bem poderia aprender a viver sem o de Jack.

“Senhorita?”

Ao ouvir a voz da vendedora, voltou-se.

“Chama-me?” A mulher loira assentiu.

“São para você” lhe entregou um estojo com o logotipo prateado da Prada na tampa. “Não entendo”.

“Um homem atraente de cabelo escuro me pediu que lhe dissesse que havia uma nota dentro. É tão afortunada... Parece-me um gesto tão romântico...”

“Bom...” Atônita, aceitou o estojo. Quando a vendedora se retirou, permaneceu sentada para poder ler as palavras de Jack.

Para que servem uns óculos de sol sem um conversível? Se reúna comigo para o passeio de sua vida. Em quinze minutos em frente à entrada. Se te atrever a sair à plena luz do dia.

Pegou os óculos e a adrenalina começou a lhe bombear. Não era alguém que desfrutasse de auto compaixão. Era uma sobrevivente que aproveitava o que lhe mandava a vida.

E sem importar o tempo que ficasse, o destino lhe tinha enviado Jack. Amava-o e talvez não pudesse tê-lo para sempre... mas sim nesse momento.

Conseguiu trocar-se e descer a tempo. Foi para fora, viu o conversível vermelho



brilhando sob o sol e se apaixonou... nessa ocasião pelo carro estilizado e pela chamada da liberdade. Por não mencionar ao homem sentado ao volante.

Não podia ver os olhos atrás dos óculos escuros, mas o simples feito de olhá-lo deu mais calor que o sol. Correu para o veículo e se sentou ao lado de Jack. Tirou seus novos óculos da bolsa e o acomodou sobre o nariz.

"Não te perguntarei como soube, mas obrigado de todos os modos".

"De nada. Te agradar é minha principal prioridade".

"Isso eu gosto" esfregou as mãos e se recordou que brincava. "Aonde vamos?"

"Já o verá" sorriu.

"Estou impaciente" tirou as sandálias e acomodou os pés sob as pernas.

Ele a estudou.

"Te vê sexy com esses óculos".

"Obrigada" os dedos lhe roçaram o ombro nu e tremeu.

"Esse top também fica bem. Ou deveria dizer que o espetacular é o corpo que há debaixo?"

"Pode dizer o que quiser" riu "enquanto não deixe de me fazer elogios".

"Não será difícil, carinho".

Sentiu um nó na garganta. Não podia permitir que essas palavras doces lhe subissem à cabeça.

"Não acredita que deveríamos nos pôr a caminho antes que alguém nos veja se comportando e nos olhando de maneira tão pouco profissional?"

"Como sempre, tem razão" Jack pôs primeira, pisou no acelerador e saíram para a estrada. "E falando de negócios, como vão as coisas com o Rogers?"

"Acredita que está a ponto de descobrir algo" encolheu de ombros. "Estará em contato".

"Espero que logo. A indecisão de Lederman está me deixando louco. John Waldorf diz que na empresa tudo segue igual e que levam seus negócios mais recentes... e não há nada sobre Nantucket, embora possivelmente seja muito novo. Já veremos. Assim nos esqueçamos disso, no momento, parece-te?"



“Sim” sorriu. Um dia a sós com Jack. Gostava.

Ela apoiou a cabeça no encosto, fechou os olhos e se entregou à sensação do vento e dos dedos de Jack brincando sobre seu cabelo e sua pele.

“Isto é o Céu” comentou em voz alta.

“Espera que cheguemos aonde vamos”.

Quase quarenta minutos de felicidade e cômodo silêncio mais tarde, entraram por um caminho que corria paralelo à praia, com enormes mansões que davam na beira da água.

Com o sol alto no céu e nenhuma nuvem à vista, a água parecia continuar até a eternidade.

“Perguntou-se alguma vez o que seria viver em uma dessas casas?” Perguntou.

“Eu cresci em um apartamento de dois dormitórios na cidade. Estas casas jamais entravam no reino da possibilidade”.

Apertou a mandíbula e ela pensou que havia tocado em um ponto sensível. Imediatamente trocou de tema.

“Bom, eu cresci nos subúrbios. Durante os verões estávamos acostumado a ir um par de semanas a Cape Cod e a Rhode Island” se incorporou para olhar para o oceano. “Meus pais me deixavam na casa de minha tia enquanto eles iam fazer compras ou turismo. «Você fica em casa, Mallory É muito jovem para apreciar as antiguidades»” imitou a voz de sua mãe.

“Sonha encantadora”.

“Depois de me deixar, foram dar esses passeios românticos pela praia ou o povoado. Sei porque é de quão único falava minha mãe quando chegavam horas mais tarde... às vezes dias, se lhes dava a vontade”.

“Odiava que lhe deixassem à margem”.

Ela cruzou os braços ante as lembranças que emergiam com a mesma força que uma corrente oceânica.

“Odiava ser estepe, que não importasse que me levassem com eles ou me deixassem atrás”.

“Como o superou?”



"Sonhando que vivia em um castelo onde todo mundo fazia o que eu queria. Em especial meus pais, que não suportavam ver-se separados de sua única filha" emitiu uma risada cínica.

Jack odiava que alguém pudesse fazer que se sentisse tão isolada e sozinha.

"E agora? Mencionou um problema do coração ao Lederman. Superou-o bem?"

"Resultou bastante fácil superar o incidente se tivermos em conta que não me chamaram até depois de que lhe dessem a alta do hospital, e só então por cortesia de devolver minha chamada. Como de costume, esqueceram-se de mim".

Jack fez uma careta interior. Tinha querido protegê-la da dor, não cavar velhas feridas.

"Não era minha intenção te extrair".

Ela riu e mitigou a tensão.

"Claro que sim, mas não passa nada. Não queria te aborrecer com a história da minha vida".

"Jamais poderia me aborrecer" algo que lhe desse uma pista do que a tinha convertido na mulher que era lhe provocava fascinação.

"Claro" sorriu.

A excitação que Jack, de algum modo, tinha podido controlar durante todo o trajeto, retornou com plena força.

"Tem algum sonho mais que queira compartilhar? Sobre seu futuro?"

"Nenhum. Qual é sua realidade, Jack? Parece que eu revelei parte da minha alma enquanto a sua continua oculta".

"O matrimônio de meus pais era" começou, "ou deveria dizer é, o oposto ao dos teus".

"Sinto muito".

"Não tem porque se desculpar" encolheu de ombros. "É o que é".

"Não me parece tão simples. Aceita de alguém que sabe. Estas coisas ficam em seu interior".

Sentiu um nó no peito, e soube que ela, involuntariamente, tinha dado justo aonde doía.

"Estou certo de que tem razão".



“Sua escolha de especialidade tem algo que ver com o que viu ao crescer?”

“Era minha vocação” negou com a cabeça e começou a lhe dar o mesmo discurso ensaiado que tinha devotado em muitas ocasiões anteriores, quando de repente mudou de idéia. “De fato, tem tudo a ver” estendeu o braço e passou um dedo pela coxa dela antes de começar a brincar com a barra das calças curtas.

Mallory lhe cobriu a mão e parou seus movimentos de distração. O calor dela o aliviou e pôde continuar.

“No princípio pensei que me faria advogado para tirar meu pai do inferno em que se converteu seu matrimônio”.

“E logo?” murmurou ela.

“Logo me dava conta de que ele ficava porque em uma parte de seu interior lhe agradava essa situação doente, ou porque era muito fraco para sair por sua própria conta. Depois tive a carreira e me vi no caminho de ser sócio que você tão bem conhece. Não ia abandonar isso, de modo que... aqui estou”.

“O Exterminador”.

“Sim. Enquanto isso, meus pais seguem casados e fazendo-se infelizes” avançaram pelo caminho paralelo à praia. Ao continuar em silêncio, Jack compreendeu que reconhecer essa verdade em voz alta pela primeira vez lhe brindava uma sensação de liberdade que nunca havia possuído.

“Me disse que seu pai ficou, mas por que não o deixou sua mãe?”

“Porque minha mãe desconhece o significado da palavra «fidelidade», e como meu pai não sabe como se defender e sair, ela desfrutava do melhor dos dois mundos” ao menos o tinha feito até esse momento. Não sabia se seu pai seguiria adiante com o divórcio.

“É triste. E tão oposto a meus pais. Suponho que te indica que nenhum extremo é bom”.

“Suponho” encolheu de ombros, sem saber mais o que dizer. Inalou o ar salgado. Nunca antes tinha falado de sua família, mas confiava seu passado nas mãos de Mallory.

“De modo que fecha seus sonhos para o futuro por temor a terminar da mesma maneira?” Perguntou ela.



“Isso pareceria” mas esses sonhos que ela acreditava que tinha fechado empurravam além das barreiras que tinha levantado e se centravam em torno de Mallory, ao tempo que ameaçavam a estabilidade e a paz que acreditava ter encontrado. Olhou-a e se perguntou se de verdade tinha acreditado que ao afastar-se do hotel ganharia distância. Quão único tinha conseguido essa viagem tinha sido aproximá-lo emocionalmente. “E seus sonhos? Também estão fechados?”

“Cresci” assentiu “inundei-me na realidade, decidi seguir os passos do meu pai e tentar obter que se orgulhasse de mim”.

“É uma pena. Porque tenho a impressão de que se soltasse, encontraria um fluxo enorme de sonhos intactos em seu interior”.

Olhou-o.

“Possivelmente me equivoquei” pôs expressão pensativa. “Acredito que ninguém pode fechar-se aos sonhos” murmurou. “Incluindo você”.

Antes dessa viagem, ele se teria mostrado em desacordo. Sempre tinha associado às mulheres com sua mãe e o matrimônio com o desastre de união de seus pais.

Mas nesse momento... por que se permitia ver-se apanhado em considerações tão sérias como as relações, o matrimônio e o futuro?

Viu um ponto deserto que lhes oferecia uma vista perfeita da água. Estacionou e antes que pudesse piscar, Mallory passou pelo encosto do carro ao assento de trás e lhe indicou que se unisse a ela.

Estudou-a e olhou ao redor.

“Está certa?”

“Tem medo de que nos surpreendam?” Uniu-se a ela.

“É má, Mallory. E também esquece quem estendeu este convite” tomou-a em seus braços e lhe deu o beijo que tinha tido vontades de lhe dar toda à tarde.

Ela não resistiu. Abriu os lábios e lhe ofereceu acesso, mais profundamente do que Jack teria acreditado possível. Provou seus lábios exuberantes antes de lhe beijar a bochecha e descer pelo pescoço.



"Que bem cheira".

"Então não pares" inclinou a cabeça para lhe facilitar a tarefa enquanto lhe passava a língua úmida pela clavícula. Logo, baixou-lhe o pescoço da blusa e pousou beijos leves sobre a pele branca do início do peito.

Ela tremeu e soltou um suspiro trêmulo, mas o surpreendeu quando deslizou as mãos à braguilha de sua bermuda. O cérebro de Jack lhe advertiu que parasse, tal como tinha feito a noite anterior, mas nessa ocasião não pôde. Levava contendo-se muito tempo e necessitava desesperadamente a liberação das mãos dela.

O som dos dentes metálicos do zíper ao passar por cima de sua tensa ereção lhe provocou uma corrente renovada de desejo pelas veias.

"Carinho, nossa primeira vez não vai ser na parte de atrás de um conversível" disse. Ela abriu a boca para responder, mas a silenciou com um dedo sobre os lábios. "Sssss. Porque nada do que diga agora vai me fazer mudar de idéia".

Lambeu-lhe o dedo e uma corrente elétrica viajou de sua boca ardente até a virilha de Jack, que fechou os punhos e inclinou a cabeça.

"Muito bem. Posso jogar com igual facilidade de outro modo" lhe abriu as pernas em um «V» amplo e se acomodou entre elas antes de apoiar-se sobre os joelhos diante dele. Levou as mãos à cintura elástica da cueca e Jack soltou um gemido estrangulado. "Levanta os quadris".

Jack gostou da ordem e elevou a cintura em resposta involuntária. Mallory riu. "Não me referia a isso".

"Sei ao que se referia. O que não posso acreditar é que queira fazê-lo aqui".

"OH, mas quero" procurou a manta que havia no chão a seu lado. "Bom planejamento, não te parece?"

"Não é o motivo pelo que a comprei".

"Não passa nada" encolheu de ombros. "Não terei em conta que minha imaginação seja melhor que a tua. Suponho que é uma questão feminina" moveu as sobrancelhas. "E agora levanta esses quadris".

"É mandona".



"Sim, e você adora".

Tinha toda a razão. Olhou ao redor. Não se via nenhuma pessoa nem veículo algum no que pareciam quilômetros ao redor. Mas, pelas dúvidas, estendeu a manta por cima do encosto do assento dianteiro. "No caso de..."

"Pode tampar a mim e seu tronco inferior se for necessário" riu entre dentes.

Ele pôs os olhos em branco.

"E explicar o que faço sozinho na parte de atrás de um carro coberto com uma manta com o calor que faz".

"É um homem inteligente. Estou certa de que te ocorrerá algo".

Supôs que em um minuto já não seria capaz de manifestar uma palavra coerente. Levantou os quadris e a ajudou a descer a bermuda até os tornozelos e liberasse sua dureza.

Mallory não perdeu nem um minuto. Enquanto Jack a observava, tomou sua ereção entre os dedos delicados, que eram mais quentes e fortes do que pareciam. Jack tremeu o corpo, jogou a cabeça atrás e soltou um gemido.

"Me olhe, Jack".

Ele abriu os olhos e olhou.

Justo quando ela baixava a cabeça e o lambia.

"Céus" a palavra saiu de seus lábios ao mesmo tempo em que elevava os quadris e estava a ponto de chegar ao orgasmo.

"Tenho que supor que você gosta?" Perguntou ao levantar a cabeça.

Mas ele percebeu a importância que dava a suas palavras.

Que não o fizesse freqüentemente o encheu de um ridículo orgulho masculino. Que o fizesse nesse momento, para ele, encheu-o de uma emoção tão forte que não se atreveu a lhe dar um nome. Embora tampouco tivesse podido, porque nesse momento Mallory tomou em sua boca cálida, úmida e acolhedora, e Jack se perdeu.

Com as mãos realizou um movimento vertical em ritmo sincronizado com a boca hábil. Se ele era um experimento, tinha encontrado a fórmula do sucesso. Jack começou a realizar um movimento giratório com os quadris que não pôde controlar, subindo e descendo alheio ao



ataque sensual.

Ela lambeu e sugou, proporcionando fricção com a língua. Atirou e empurrou com as mãos lubrificadas, levou-o até o topo e o baixou sem lhe permitir o prazer da liberação.

"Mallory, por favor..." gemeu. Nunca antes lhe tinha suplicado a uma mulher.

Sem advertência prévia, a posição da mão dela trocou e o pressionou na base, em um ponto baixo e profundo.

"Céus, não pare".

Não o fez, e uns dardos de fogo estalaram em todos os pontos nervosos de Jack.

Segundos antes de alcançar o orgasmo, adiantou-se e a incorporou sobre ele até que o calor feminino dela ficou alinhado com sua ereção vulcânica e pronta.

Mallory pressionou as coxas contra as de Jack e introduziu a pélvis em seu membro. Ele levantou os quadris uma última vez e encontrou a liberação mais quente e doce que jamais tinha experimentado.

Quando obteve o orgasmo, ela estava onde tinha que estar, sentada em seu colo e retorcendo-se contra ele enquanto procurava o próprio orgasmo e ajudava que os tremores continuassem muito depois que tivessem tido que cessar.

Jack fechou a boca sobre a sua e colocou a palma da mão com força entre a união de suas coxas. Mallory gemeu e se arqueou para ele.

"Isso, carinho. Deixa que o sinta" com os dedos, excitou-a o melhor que pôde através da barreira dos jeans enquanto os quadris dela giravam ao ritmo do movimento de sua mão.

"Mais forte, mais, Jack, por favor... por favor..."

As palavras ofegantes provocaram uma agitação renovada em sua virilha e quando começou a experimentar convulsões contra sua mão, os sons e as sensações foram tão fortes e intensos como seu próprio orgasmo.

Derrubou-se contra ele, com a cabeça apoiada em seu ombro e o fôlego quente e pesado contra seu ouvido.

Mallory tentou mover-se mas não pôde. "Não consigo recuperar o fôlego". Jack lhe acariciou o cabelo.



"Não posso dizer que seja um problema se tivermos em conta a causa".

"Bem dito" riu entre dentes. Sua intenção tinha sido satisfazê-lo, e evidentemente o tinha feito. Também lhe tinha dado prazer, mas em seu corpo permanecia um vazio palpitante, e conhecia muito bem o motivo. Não tinha experimentado nada que ele tivesse que dar.

Tinha pensado o mesmo ao trocar o simples vestido cinza pelas calças curtas e camiseta que usava nesse momento.

"Jack?" Foi para trás para poder olhá-lo à cara.

Nublados ainda pelo desejo residual, os olhos escuros a observaram.

"O que?"

"Espero que compreenda que ainda não terminamos".

Rindo, ele se reclinou no assento de couro e acariciou seu cabelo.

"Eu estou acabado".

Deu-lhe um palmadinha no ombro.

"Não me referia a isso".

Embora não tinha intenção de emocionar-se com um homem que apenas levava o compromisso à sério quando se tratava de fugir de um, pensava deixar as coisas claras.

Procurou a bolsa no assento dianteiro e do interior tirou um lenço de seda. O passou ao redor do pescoço e pegou os extremos até que Jack se adiantou e seus lábios ficaram a uns centímetros.

"Trazer-me isso esta noite ao meu quarto" ordenou.

A expressão dele adquiriu um de leve de perversidade.

"Não à cabana?"

"Eu gostaria de dizer que está alugada, embora a verdade é que fiquei sem dinheiro. Mas, me acredite, não necessita da cabana para o que planejei" o beijou para provocá-lo, mas sua língua jamais entrou nos espaços quentes da boca dele.

"Me mata" moveu os lábios sobre os do Mallory.

"Porquê ia fazer antes de ter percorrido todo o caminho?" moveu os quadris e sentiu que começava a crescer debaixo dela.



“Que contato agradável”.

“Há muito mais de onde vem este. E recorda, o controle é uma ilusão. Se apresente ao meu quarto as oito” se sentou no assento dianteiro antes que o desejo e os sentimentos por esse homem a afligissem muito rápido.



Capítulo 12

Mallory estava na cama com a vista cravada no vazio. Ao satisfazer esse dia com Jack, tinha-o feito sabendo que o amava. Quando essa noite fizesse amor com ele, saberia o mesmo. E com cada passo, resultar-lhe-ia mais duro afastar-se.

O que tinha começado como um jogo, nesse momento era uma parte importante de sua vida... lembranças que guardaria e entesouraria para sempre. E também queria criar essas mesmas lembranças para ele.

Não queria que esquecesse nunca de Mallory Sinclair.

Dispunha de apenas umas horas para preparar o quarto e preparar a si mesma. Percorreu-a um tremor de excitação enquanto se despia. Uma ducha quente, um jantar rápido e uns acertos de último minuto e estaria preparada para Jack.

Uma chamada à porta a sobressaltou.

“Já vou” ficou a bata e observou pela mira. “Jack?” tirou a cadeia pensando que algo tinha que ir mal. Não tinha planejado vê-lo até a noite. “O que acontece?” inquiriu ao abrir.

“Preciso realizar uma viagem rápida à cidade” informou com a mandíbula tensa.

“Vai tudo bem?” com o braço lhe indicou que entrasse. Fechou a porta a suas costas.

“Emergência familiar” se apoiou na parede com as mãos nos bolsos.

Doeu-lhe a atitude distante que mostrava. Nesse momento não parecia receptivo a um gesto íntimo, e tendo em conta o modo em que martelava o seu coração no peito, não acreditava poder suportar um rechaço.

Não quando o que desejava era mitigar sua angústia. Apaixonar-se tinha a particularidade de destroçar a objetividade. Juntou mais a parte dianteira da bata.

“Obrigado por me comunicar isso”. Ainda que se sentisse decepcionada, também preocupada pelo acontecido. Fosse qual fosse a emergência familiar, havia mudado seu estado de animo e o afetado de forma profunda.

“Não queria desaparecer sem uma explicação”.

Pensou se teria a ver com seus pais, mas se conteve de perguntá-lo. Se quisesse lhe confiar



o faria.

“Quando tem que ir?”.

Olhou o relógio de pulso.

“Um carro me recolherá em quinze minutos”.

Sem saber muito bem o que dizer a seguir, fechou as mãos na bata.

“Há algo que eu possa fazer?” perguntou ao final.

“Não, simplesmente mantenha-se atenta por aqui”.

“Espero ter notícias do Rogers logo”.

“Informará tudo quando eu voltar”.

Percebia que estava muito distraído para concentrar-se no trabalho.

“Quando acredita que será?”

“Espero tomar ao último avião de hoje” deu a volta e apoiou uma mão na maçaneta da porta.

Não sabia por que sentia como se fosse um adeus definitivo, mas a possibilidade a liberou para agir seguindo um impulso. Esticou a mão e lhe tocou o ombro.

“Jack, espere” se deteve. “Estarei aqui quando voltar” não sentiu a necessidade de dissertar.

Ele se voltou e pegou sua a mão.

“Em minha experiência, as mulheres sempre querem algo”.

Ela ficou rígida, mas se obrigou a ver o lado dele. Ser testemunha de uma constante infidelidade havia o tornado cínico e compreendeu por que se mantinha afastado das relações e a confiança.

“Perguntou-me o que é que quer você” acrescentou.

Embora tivesse se preparado para o ataque verbal, de todos os modos lhe doeu. O coração que tinha perdido para esse homem desejava que pudesse ver dentro dela e não tivesse que perguntá-lo. Tinha compartilhado o suficiente como para que dispusesse de uma visão clara... se lhe importasse olhar.

Ergueu-se e o olhou aos olhos.



“Nada. Pelo menos ser sócia da empresa, se está pensando nisso. Poderia ter conseguido seu apoio com menos riscos se não te tivesse feito aquele primeiro convite”.

A dolorosa distância que havia nos olhos dele adquiriu um surpreendente calor.

“Certo” com o dedo polegar lhe acariciou o lábio inferior.

Apesar da tensão anterior, um ligeiro pulsar se estabeleceu entre suas pernas, testemunho do desejo que ele a fazia sentir.

“E bem, o que é o que quer, Mallory?” a curiosidade se fundiu com o desejo.

“A ti” respondeu com sinceridade. Com mais da que tinha pretendido usar jamais. “A ti e sua confiança”.

Jack lhe elevou o rosto com a mão no queixo.

“Posso te prometer o primeiro” entre ambos fluía um desejo poderoso. “Ninguém recebe minha confiança”.

Pela expressão decidida que pôs, soube que ele queria acreditar em suas próprias palavras. Mas também sabia que as emoções se moviam com calor e velocidade entre eles.

Se a necessitasse ao voltar, sabia onde encontrá-la. Mas se aparecesse ante sua porta, mais lhe valia estar preparado. Jack acabava de lhe jogar a luva de um desafio que não poderia resistir.

Não com o homem ao que amava.

Mallory se dirigiu ao jantar com um livro de bolso na bolsa. Pensava tomar um jantar leve, mas também tinha outro motivo. Com a ausência de Jack, dispunha de uma grande oportunidade para prestar atenção à informação que pudesse obter de Lederman.

Estava a ponto de levantar-se quando viu que Alicia Lederman entrava no restaurante. Embora mantivesse o livro aberto, estabeleceu contato visual e esperou que Alicia se aproximasse primeiro.

Ela jamais instigaria uma reunião com a mulher de Lederman, mas não seria grosseira para deixá-la plantada se a outra mulher era quem se aproximava.

O olhar da Alicia se iluminou ao vê-la e se dirigiu para a mesa.

“Espero que tenha desfrutado de seu jantar” comentou.



“Foi excelente” assentiu. “Têm um menu muito amplo”.

“Eu mesma trabalhei com o chef para confeccioná-lo” fez uma leve pausa. “importar-se-ia que me sentasse com você?”

Sem mostrar a satisfação que isso lhe causava, Mallory moveu a cabeça.

“Absolutamente. Mas já lhe aconselho que trate com seus próprios advogados” a mulher mais velha lhe importava, por isso sentia a obrigação de ver que Alicia se preocupava de seus próprios interesses.

“Quando for o momento adequado, farei-o” se sentou frente a Mallory. “Café?” chamou uma garçonete.

“Obrigado” assentiu.

“Sabia que minha filha estuda advocacia?”.

“Não. Gosta?”.

“Ainda não está segura” sorriu.

“Então parece que tem uma cabeça sensata sobre os ombros” Riu. “Assegure-se de lhe contar que a faculdade de Direito foi memorável, mas não um indicador da vida de verdade”.

“Certo” Alicia assentiu enquanto jogava com uma colher de prata. “Mas o que o é?”.

Mallory leu o significado detrás das palavras e soube que falavam de algo mais que da vida em geral.

“Não posso imaginar que esteja passando por um bom momento” se sentiu obrigada a reconhecer a angústia da outra mulher.

“Estou segura, e não pretendo insultá-la. Mas falo de quase vinte e cinco anos de matrimônio. De associação. Jamais sonhei que terminaria por um capricho” apertou as mãos.

“Sente que teve uma associação sólida?” perguntou-lhe.

“Não se confunda” Alicia moveu a cabeça “conhecia os defeitos de meu marido tão bem como os meus, mas estava convencida de que poderíamos superar tudo. De fato, em uma ocasião pensei que assim tinha sido”.

Apesar da dor que a embargava, Alicia mantinha essa fortaleza de caráter que Mallory admirava.



“Ainda acredita, verdade?”.

“Se ama a alguém, quer confiar nessa pessoa. E que confie em você”.

Imediatamente pensou no Jack.

“E quer acreditar que se houver confiança mútua” continuou Alicia, “podem superar algo e estar juntos para sempre” baixou a cabeça e encurvou os ombros. “Mas sem importar o que quiser acreditar, tenho os olhos abertos. Se chegasse o momento, iria cuidar de mim. Entretanto, sei que o que compartilhamos era sólido, embora Paul tenha mudado” se reclinou na cadeira. “esteve apaixonada alguma vez?”.

“Não” respondeu com velocidade antes de abrir o coração a essa mulher amável.

“Então perde um dos grandes prazeres da vida. O digo sem arrependimento, embora termine me divorciando. É muito jovem e bonita para desperdiçar a vida na prática da advocacia a custa de todo o resto”.

Embora Mallory devia pensar em Alicia como em sua adversária, tinha sido incapaz de cortar a conexão emocional que lhe inspirava. A mulher tinha uma natureza cálida e carinhosa que a traía. Embora com a mãe que tinha, não a surpreendia se conectar com uma mulher mais velha que procurava e oferecia confidências e compreensão.

Jack esfregou os olhos e respirou fundo. A emergência familiar ainda não tinha passado, mas tinha conseguido acalmar a seu pai e o convencer de que o deixasse levá-lo a casa de sua irmã em Connecticut. Apenas sua mãe teria se apresentado para recolher seus pertences acompanhada do último namorado.

O matrimônio de seus pais quadrava na categoria que uma vez havia descrito a Mallory. Duas pessoas que tinham permanecido juntas por conveniência. Seu pai não se imaginava não casado com a mulher que acreditava que amava, embora a Jack custava acreditar que ficasse algo do amor que uma vez tinha sentido por ela. O que passava era que não tinha o necessário para se levantar. E a sua mãe resultava igual de conveniente deitar-se com outros homens sem abandonar os benefícios financeiros e a segurança que lhe proporcionava o matrimônio.



Crescer nesse lar, observá-los coexistir enquanto tinham vidas separadas ele tinha envelhecido de forma prematura e se convertido em um cínico. Depois de tudo o que tinha visto e ouvido em sua juventude e logo em sua carreira, não podia compartilhar o ponto de vista otimista de Mallory sobre o matrimônio ou inclusive as relações.

Colocou a mão no bolso e tirou o lenço negro dela, aviso do que lhe esperava quando deixasse atrás o último trauma familiar.

Não lhe tinha feito muitas perguntas, mas com uma voz serena, cheia de compreensão, havia-lhe dito que estaria ali quando retornasse. Jack, um homem que não acreditava na confiança, aceitava sua palavra. Não ficava mais escolha. A necessidade tinha estado crescendo nele todo o dia. Não só desejo, a não ser uma crescente necessidade por uma mulher.

Por ela.

Isso deveria alarmá-lo ainda mais. Embora soubesse que essa aventura não lhe resultaria nenhuma complicação. Ela conhecia os fatos tão bem como ele.

Entretanto, por que lhe resultava mais e mais complicado acreditar no mantra no qual tinha acreditado toda sua vida adulta?

Assinou o recibo do carro ao entregá-lo e entrou no vestíbulo do hotel. Passou ante as lojas fechadas e o recepcionista aborrecido e foi para os elevadores. O trajeto até o quinto andar demorou segundos, mas se alargou como o enroscado espiral de desejo que lhe dominava o corpo.

Elevou a mão e o surpreendeu ver que lhe tremia. Apoiou-se no batente e esperou. O coração martelava com tanta potência que acreditou que Mallory poderia ouvi-lo no interior do quarto. No passado, quando tinha ouvido as discussões de seus pais ou observado com frustrado silêncio como seu pai engolia mais do que deveria engolir um homem, não tinha disposto de saída para as emoções que ferviam em seu interior.

Nesse momento a tinha. Algo lhe dizia que Mallory não o rechaçaria.

Respirou fundo e bateu na porta.

Sem recorrer ao olho mágico, Mallory soube quem estava do outro lado da porta fechada. E assim que a abriu, deu-se conta de que Jack não se apresentava em resposta a seu



convite, mas sim porque precisava estar ali.

Em seus olhos havia um desejo tão poderoso e intenso que lhe causou tremores no corpo.

“Olá” se apoiou no batente, apoiando-se por fora.

“Olá” ela respondeu e estendeu a mão. Pegou os dedos com força, conduziu-o ao interior e fechou. Ao virar-se, viu que sustentava o lenço que lhe tinha dado.

Possivelmente, depois de tudo, apresentava-se em resposta ao convite. Recordou-se de levar as coisas levemente e com tranquilidade. Deu de ombros. Assim que se afastasse desse centro luxuoso e da premente intensidade de Jack, se afogaria no trabalho e deixaria para trás esse interlúdio.

Voltou para o quarto e Jack a seguiu até que à parte de trás dos joelhos golpeou contra a cama e caiu sentada. Umedeceu os lábios.

“Chegou bem em casa?”.

As pupilas dele se dilataram com evidente desejo.

“Podemos falar disso mais tarde” não foi uma sugestão.

Ele ficou em cima dela, grande e selvagem, masculino e exigente, e Mallory não desejou lhe negar nada que quisesse. Apoiou as mãos dos lados da cabeça dela e a embalou na parte inferior do tronco. A dura protuberância da ereção através dos jeans aninhou entre suas pernas, sobre a suave barreira da seda de suas calcinhas.

Esticou-lhe os braços por cima da cabeça sem soltar o lenço.

“O que pensava fazer com isto?”.

Mallory lhe ofereceu um sorriso sexy.

“Podemos falar disso logo” moveu os quadris em aberto convite.

“Como é que sabe exatamente o que necessito?”

Outra pergunta que não queria que respondesse, porque antes de poder fazê-lo, cobriu-lhe a boca com seus lábios.

Deixava-os ardentes, e as mãos ainda mais enquanto a beijava com toda sua alma e lhe explorava o corpo, lhe deixando uma sensação de ter sido marcada por brasa quente ali onde a



tocava.

Em todo momento ela tentou liberar as mãos para poder ir para o botão dos jeans, mas ele não a soltava, necessitado de controlar e dominar. E embora Mallory tivesse dedicado quase toda sua carreira a não ser submissa a nenhum homem, isso era pessoal.

Tratava-se de Jack e não lhe importava ceder nesse momento. Não quando o que a esperava valia a pena.

Jack lhe soltou os braços e se deslizou por seu corpo até que os lábios chegaram aos peitos. Pegou um mamilo através da seda que o cobria e introduziu a cúpula rígida na boca. Alternou uma sucção suave com provocações da língua, para concluir com leves dentadas.

Ela soltou um grito de surpresa à medida que a sensação realizava uma trajetória direta do peito até o lugar úmido entre as coxas.

Logo, ele aplacou os pontos que tinha mordiscado com lambidas eróticas de uma dor deliciosa que lhe fizeram ver as estrelas sob as pálpebras fechadas.

“Melhor?” perguntou ele.

“Mmm” a fala estava além de sua capacidade.

“Deveria parar” ele comentou, com expressão dizendo que era o que menos queria.

“Espero que não por mim” soltou uma risada estrangulada. “Se for mais lento, poderia morrer”.

“Eu também” lhe afastou uma mecha de cabelo da bochecha vermelha. “Longe de minha intenção te negar seus desejos”.



Capítulo 13

Jack a olhou no rosto. Não, não podia lhe negar seus desejos. Menos quando a necessitava com tanto desespero. Não tinha compreendido quanto, até olhar em seus olhos compassivos.

Puxou com força o fino tecido do ombro e este se soltou. Fez o mesmo com a outra alça e lhe tirou o sutiã enquanto ela elevava as costas e os quadris, ansiosa por descartar-se do limite da roupa interior.

O que viu estava além de seus sonhos mais loucos.

“É incrível”.

“Podemos nos aferrar à verdade?” Mallory afastou o olhar.

“Certamente” era óbvio que não acreditava em sua beleza ou valor e, dado o que tinha aprendido de sua história, entendia-o.

Mas quando se encontrava com ele, não deveria albergar dúvidas. Retirou-se e se ergueu para despir-se com velocidade até que se uniu outra vez a ela na cama.

Com olhos intensos, Mallory observou sua ereção.

“Vê o que me faz?” Sim, via-o nu, mas também dentro dele, mais profundamente que qualquer outra mulher.

Esboçou um sorriso irônico e adorável.

“É um fato comprovado que os homens não sempre pensam com seu... bom, já sabe, quando esperam ter sorte”.

Ele riu ante sua forma tão direta de expô-lo. Essa era sua Mallory, a mulher honesta que não escondia o que pensava.

“Eu não chamaria ter sorte se fosse uma queda fácil com alguém que não me importava”.

O piscar dela mostrou a incerteza que a envolvia.

“Bom, também é outro feito comprovado que os homens dizem algo no calor do momento, sem acreditar em nenhuma de suas palavras”.



“Não estamos no calor do momento” se aproximou até que pôde lhe separar as pernas e ajoelhar-se entre elas. “Ainda” não lhe tirou o olhar de cima, mas se inclinou mais, com os lábios a meros centímetros do paraíso.

“Fala muito bem” suspirou... e a voz rouca lhe indicou o muito que gostava de como falava e a evidente intenção que tinha.

“Não são simples palavras. Se o único que desejasse fosse uma mulher, não estaria aqui agora” porque era muito complicada e atraente, muito tudo no que a ele se referia.

Se perder dentro dela para esquecer a dor do dia, arriscaria a perder-se para sempre. Mas aí estava e já não havia volta atrás. Não ia fugir.

“Ah, carinho, se o único que quisesse fosse qualquer mulher, já estaria dentro de ti, me ocupando de minhas necessidades em vez de fazer isto” baixou a cabeça e a lambeu; provou sua feminilidade, e sentiu seu calor ao mesmo tempo em que assolava a umidade de orvalho.

A única resposta dela foi um gemido tremido. Fechou as mãos na colcha da cama e elevou os quadris. Por seu calor líquido, Jack soube que estava perto do precipício e ele mesmo já não ia poder esperar muito mais.

Mas Mallory o surpreendeu, já que o fez rodar até ficar de barriga para cima e se sentou escarranchada em sua cintura. Apenas a viu abrir a gaveta da mesinha o pacote de celofane, mas sim sentiu como lhe embainhava o preservativo.

O desejo de penetrá-la era intenso. Mas ainda mais forte era a necessidade de observá-la enquanto descia sobre ele e o aceitava em toda sua largura e extensão. Mas não pôde evitar tocá-la, desde lhe separar as dobras com a ponta dos dedos até situar-se em sua entrada.

Agarrou-a pelos quadris no mesmo instante em que ela eliminava toda contenção. Deslizou-se por seu núcleo aceso, lubrificado e úmido a seu redor.

“Deus” a palavra saiu de seus lábios em um gemido gutural. A resistência inicial do corpo de Mallory foi o prazer apertado dele. Jamais havia sentido mais quente, idôneo e perfeito.

E como tinha prometido que olharia, obrigou-se a levantar as pálpebras pesadas e a apoiar-se nos cotovelos. Ao ver-se engolido no interior dela, deu-se conta de que tinha sido um



engano.

Começou a realizar uns movimentos de investida que intensificaram todas e cada uma das sensações que lhe percorriam o corpo.

Mallory esteve a ponto de gritar pelo calor incrível e a fricção vertiginosa que criavam. Era seda molhada que envolvia a ereção sólida dele. O que sentia por esse homem era tão poderoso e forte que permaneceria com ela muito depois de que tivessem deixado de estar juntos, algo no que ainda não queria pensar. Contraiu os músculos com mais força em torno da dureza palpitante, sabendo que lhe faltava muito pouco para alcançar o clímax,

Jack se agarrou a seus quadris e a impulsionou a abrir os olhos para encontrar-se com os olhos nublados dele.

“Deixe ir, carinho” levantou os quadris para aproximá-la ainda mais ao abismo. Esperou.

Mallory tentou respirar, mas apenas pôde emitir um grito afogado.

“Então me leve.... e vêm comigo” rebolou o traseiro em um lento movimento circular. A pélvis girou sobre os quadris de Jack, que a penetrou tão profundamente, que a palavra «união» adquiriu um novo significado.

“Aahhh, Deus. Agora” a penetrou e ela voltou a contrair os músculos a seu redor.

Um turbilhão de ondas de prazer interminável romperam sobre ela. Olhou o incrível rosto dele e Jack começou a investir com mais força. Não podia pensar nem respirar. Os corpos se moviam ao unísono, mais e mais depressa, até que a resistência de Mallory se converteu no ponto central do prazer erótico.

“Sim, sim...” soltou um grito de prazer com uma voz que não reconheceu como própria,

“Sim” foi o eco do Jack ao estalar dentro dela e tremer com o poder de seu orgasmo.

E o mundo que ela conhecia se fragmentou em milhões de feixes de luz que a cegaram, e a beleza de alcançar junto o orgasmo lhe provocou lágrimas.

Respirou de forma entrecortada enquanto baixava o corpo para descansar sobre ele.

“Te amo” as palavras escaparam de sua boca antes que as pudesse deter.

Mallory jazia em cima dele, ofegante, saciada... e esperando uma resposta. Mas não



tinha nada que lhe dizer. Em todo caso, nada que ela queria ouvir.

Antes de Mallory, sempre tinha tido sexo. Mas não se equivocou ao entrar e ter a intuição de que isso era muito mais. Não era ela a única que se apaixonara.

Anos de idéias preconcebidas e de estatísticas de divórcio o informavam que não tinham nenhuma só possibilidade, mas, pela primeira vez, considerou as outras estatísticas. Os matrimônios que tinham sobrevivido. As pessoas que permaneciam juntas por razões que transcendiam a conveniência e a segurança.

Não lhe escapava a ironia da situação. A única vez que estava disposto a encarar o futuro, não dispunha de nenhum.

Mallory suspirou.

“Não te mentirei e afirmarei que foi no calor do momento, mas não se preocupe, não espero que responda também te amo”.

“Importa-me” «mais do que é prudente». “E desejaria poder dizer as palavras” mas não podia, porque fazê-lo significaria pôr em perigo tudo o que ela queria da vida.

Jack era a pessoa menos altruísta que conhecia, mas proteger Mallory e as coisas que ela valorizava se converteu em sua prioridade.

“Eh, desejá-lo não faz que as coisas aconteçam, e os dois conhecem as regras”.

“Estas mudam” não se tragou seu tom ligeiro.

“Mas não os pontos de vista. E os dois conhecem quais são os teus”.

Forçou uma risada que não sentia.

“Sim, iguais que os teus. A carreira é o primeiro. Todo o resto vai a um segundo lugar”.

“Exato”.

Mas a idéia de voltar para seu vazio apartamento de Nova Iorque não lhe resultava tão libertadora como no passado.

Mas ele já era sócio, já tinha alcançado seu sonho. E essa era a meta dela, para a que trabalhou em excesso durante anos.

«Te amo».

Não podia reconhecer que ele sentia o mesmo. Não podia enfrentar a seus próprios



demônios e decidir se corria o risco e confiava o coração a Mallory. Não tinha alternativa que colocar a um lado a verdade.

Pelo bem dela.

Por violar a política de não romances da empresa, a velha guarda consideraria os atos de Mallory com desdém. Não a despediriam, não sem arriscar-se a um processo, mas poderiam frear sua ascensão e lhe fazer a vida impossível até demitir-se. Enquanto isso, Jack só receberia uma reprimenda, um tapinha na mão e possivelmente uma brincadeira obscena para que controlasse seus impulsos mais baixos. Mas continuaria sendo sócio e sua carreira estaria intacta. Injusto mas certo.

“Jack?”.

Ficou de lado e a arrastou com ele. Olhou seu rosto preocupado e ante si mesmo reconheceu que lhe importava muito.

“Estou aqui”.

«Mas não me ama», pensou Mallory. O coração lhe encolheu. Embora o destino ditasse que não tinham futuro, desejou que Jack sentisse o mesmo.

“O que aconteceu em sua casa?” perguntou, trocando de tema.

“Enfim meus pais vão se divorciar”.

“De modo que seu pai finalmente se levantou. Deve estar satisfeito”.

“«Satisfeito» não descreve o que sinto. Minha mãe se apresentou em casa para recolher suas coisas... acompanhada de seu último namorado”.

“É muito pouco sensível”.

“Assim é minha mãe” repôs com expressão inescrutável.

Mallory compreendeu que daí nasciam suas idéias sobre as relações em longo prazo e as mulheres.

“Adiante e acima” continuou ele. “Constantemente quer mais e melhor e não lhe importa quem resulta ferido no caminho”.

“Então, por que ficou tanto tempo com ele?” perguntou.

“Segurança financeira. E meu pai o permitiu”.



“Nem todas somos como ela” soube que as palavras eram necessárias.

“Sei que você não o é” teve um tic na mandíbula. “Mas me perdoe por não ter posto a prova à teoria. Os divórcios e as estatísticas que vi bastaram para me convencer de me manter à margem”.

Ela assentiu. Enfim, pouco importava que acreditasse diferente, porque tinha cansado em um estereótipo muito difícil de superar por qualquer mulher. Em particular por Mallory, quem tinha convertido seu «adiante e acima» em objetivo público em um mundo dominado por homens.

Pousou uma mão sobre os lábios dele. Já lhe tinha revelado suficientes coisas para convencê-lo a confiar nela.

“Me ocorrem coisas mais divertidas que nos voltar muito emotivos”.

“O que tem em mente?” perguntou Jack.

Ela forçou um sorriso relaxado,

“Chamou-me nosso detetive privado e disponho de bastante informação sobre a senhora Lederman” mas ao estar nua com Jack, no que podia ser a última vez, não queria falar de trabalho. E menos de um tema que cada vez em que pensava lhe produzia dor.

“Não tinha trabalho na mente” apoiou a mão em seu quadril.

“Além disso” concordou “a meia-noite não poderemos fazer nada a respeito”.

“Tem razão. Seja o que for, pode esperar” lhe deu um beijo nos lábios, profundo e sentimental. E quando lhe mordeu o lábio inferior, Mallory gemeu.

Pegou o lenço que lhe havia devolvido e se sentou sobre seu estômago. passou-se a seda ao redor das mãos e atirou de ambos os extremos. Os olhos dele se obscureceram em antecipação.

“O que é que planeja fazer com isso exatamente?”.

“Ouvi que se lhe enfaixar os olhos a um homem, seus outros sentidos se aguçam”.

“Interessante teoria” murmurou.

“O mesmo pensei eu” sorriu. “Acredita que é aplicável às mulheres?”

“Certamente, pretendo averiguá-lo”.



Inclinou-se para morder um mamilo. Ela jogou a cabeça atrás e soltou um grito afogado.

Enquanto estava distraída, Jack lhe tirou o lenço.

“Trapaceiro” logo que soltou as palavras quando ele esticou o tecido sobre seus peitos. Seus quadris iniciaram um movimento circular e involuntário sobre o estômago do Jack.

“Não vejo que reclame” sorriu. Enroscou as mãos em torno da seda sem deixar de olhá-la. “Ponhamos a prova seus sentidos aguçados”.

Ela conteve o fôlego, nervosa. Tinha planejado lhe agradecer dessa maneira, não que ele invertesse a situação. Os mamilos já lhe tinham endurecido e a umidade entre suas pernas testemunhava a crescente excitação. Quando lhe atou o lenço em torno da cabeça, tudo a seu redor ficou negro.

A antecipação lhe fez um nó no estômago. Todos os sentidos se potencializaram.

Uma rajada de ar fresco lhe percorreu os mamilos. Arqueou as costas ante o ataque sensual e teria cansado se Jack não lhe tivesse passado o braço forte pela cintura.

“Tenho-te” a ajudou a tombar-se sobre as almofadas amaciadas.

A curiosidade martelou por suas veias. Era vulnerável a ele, mas nunca tinha confiado mais em um homem.

“Jack?”.

“Aqui” lhe deu um beijo suave nos lábios, logo lhe ajustou a atadura, para que estivesse cômoda mas não pudesse ver nada. Segundos mais tarde, uma música suave flutuou no quarto “Encontra-se bem?” perguntou.

“Nunca estive melhor” captou o calor em sua própria voz e soube que era reflexo de como fazia que se sentisse.

“Bem. E agora provemos sua teoria. Há cinco sentidos, verdade?”.

Ela assentiu.

Pensava pôr a prova cada um. Não podia lhe oferecer mais que o agora, mas quando tivesse terminado, Mallory não só teria seu amor, a não ser um montão de lembranças aos que se agarrar, igual a ele.



Então, por que não lhe parecia suficiente?

Soube que o que desejava era perder-se outra vez dentro dela, e nessa ocasião ser ele quem desse rédea solta a suas emoções contidas.

“Com qual dos cinco quer começar?” perguntou-lhe.

“Acredito que com o tato” sorriu.

Ao pensar em todas as formas em que queria explorar seu corpo e deixar que ela sentisse a ele, começou a suar.

Apertou os dentes e se disse que ainda não.

“Sinto muito, mas reservamos o melhor para o final. Passemos ao gosto. Não se mova”.

“Pensa que vou a alguma parte?” perguntou com ironia.

Foi ao frigobar que havia sob o televisor. Menos mal que encontrou uma barra de chocolate. depois de desembulhá-la, tomou um bocado do chocolate com leite e caramelo e ficou a mastigar.

“Eh, o que está acontecendo?” ela perguntou quando o silêncio se prolongou.

“Nada” Riu. “Está preparada?”.

“Estou pronta” seguiu a afirmação com um comprido gemido que ele trouxe com a boca quando lhe cobriu os lábios com os seus.

A língua de Jack lhe invadiu a boca e começou uma pausada exploração. Lambeu-lhe a língua e lhe mordiscou o lábio inferior antes de parar para respirar,

“Mmm. Delicioso”.

O som rouco o sacudiu até os alicerces, lhe renovando o desejo de momentos atrás.

“Chocolate”.

“Muito bem. Pronta para o seguinte?”.

Ela umedeceu os lábios. De algum modo, Jack conseguiu conter-se de atirá-la sobre a cama. Primeiro deviam completar um experimento.

“Olfato, de acordo?” voltou-a para que ficasse de cara a ele. Depois de dar uma ducha e antes de partir à cidade, passou-se loção pós-barba. Pegou-a pelos quadris e disse: “Se adiante e passa as pernas ao redor de minha cintura”.



Rodeou-lhe a cintura e o calor feminino e úmido se pegou de forma tentadora a sua virilha.

“O que me está fazendo?” gemeu mais que perguntou.

Jack a entendeu. Tinha o corpo tenso e suplicava liberação. Deu-lhe um beijo nos lábios.

“Te excitar, carinho. Quão mesmo pretendia fazer você com esse lenço”.

“Terei que te pagar na mesma moeda, sabe?”.

Ele riu com vontade.

“Tremo de medo. E agora apóia a cabeça aqui” lhe guiou o queixo ao ombro.

Mallory apoiou a bochecha suave contra a pele mais áspera e permaneceram em silêncio enquanto o coração lhe pulsava depressa. Os peitos se suavizaram contra Jack e o extremo da dureza dele se assentou sobre sua abertura, desprotegida e insistente.

Ele rezou para poder conter-se.

“Respira depressa” ela comentou com tom zombador. “E de forma entrecortada. Isso conta para mim como intensificado sentido da audição?”.

Jack estava disposto a aceitá-lo se com isso acelerava a finalização do experimento,

“Está bem”.

Mallory enterrou a cara no pescoço e o ombro do Jack. Respirava como ele. Rodeou-lhe a cintura com os braços e se pegou a seu corpo. O gesto foi mais íntimo que experimental. Mais uma expressão honesta de emoção que um jogo ligeiro e fácil.

Jack se agarrou a pouca força que ficava. Até que Mallory começou a esfregar o nariz sobre seu pescoço.

“Almiskarado” murmurou. “Masculino” as palavras vibraram perto do ouvido dele. “E tão sexy” lhe mordiscou a pele e logo o aplacou com a língua.

Nesse momento o corpo lhe tremeu e a contenção se converteu em uma lembrança. O experimento terminou. Além disso, tinha sido mais duro para ele que para ela. Tinha sobrevivido ao gosto, ao olfato e ao ouvido. Nesse momento queria o tato.

Jogou-a sobre a cama e lhe tirou o lenço. Mallory piscou ao adaptar-se à luz.

Olhou-a ao rosto.



“Quero tato”.

“Eu também” sorriu. “Por Deus, eu também”.

Sua permissão era tudo o que Jack necessitava. Abriu-lhe as pernas e a penetrou.

Mallory se sentou e observou Jack dormir. O desejo flutuou por debaixo da superfície, uma emoção secundária em relação ao amor que lhe inspirava esse homem.

Deu-se conta de que pela primeira vez na vida, seus sentimentos e necessidades se focalizaram somente ao desejo de agradar a seu pai, um homem que jamais tinha mostrado interesse em sua vida ou carreira. Não entendia por que tinha planejado todo seu futuro em torno do intento de ganhar o respeito e o amor desse homem.

Com o amanhecer próximo, compreendia que o caminho profissional que tinha elegido pelos motivos equivocados entrava em conflito com as revelações que lhe tinha feito o detetive privado sobre a senhora Lederman.

E já era hora de enfrentar-se a certos feitos e sentimentos.

“Está acordada?” a voz rouca do Jack soou em seu ouvido,

“Mmm. Estava pensando”.

“Espero que no que passou ontem à noite” esticou uma mão para lhe coroar um peito.

Sentiu o formigamento prazenteiro, mas primeiro precisava falar,

“O de ontem à noite foi assombroso. Mas temos que falar de trabalho antes de voltar a nos desviar”.

“Quer que fale de trabalho enquanto estou na cama contigo?” Riu. Aproximou-se até apoiar a virilha, dura e ereta, em suas costas.

“Apesar do que me custa te negar algo” suspirou “é preciso me tirar estas informações de dentro”.

“Do que se trata?” perguntou preocupado.

“Alicia Lederman tem um histórico de abuso de drogas receitadas”.

“Bingo!”.

Mallory se encolheu por dentro ante o entusiasmo em sua voz.

“É exatamente o que precisamos expor para chegar a um acordo. Assim que lhe falemos



com o Lederman disso... Aguarda um momento" Atrás dela Jack se sentou.

"O que acontece?"

"Esse abuso teve lugar enquanto estavam casados?"

Mallory assentiu.

"E também sua estadia em uma clínica de reabilitação cara".

"Então, por que Lederman não compartilhou esta informação conosco?"

"Bom, ainda não somos seus advogados" lhe recordou ela.

"Isso posso aceitá-lo. Mas também existe outra possibilidade..."

"Que nos estivesse pondo a prova" concluiu Mallory. "Queria ver se descobriríamos a informação e até onde estaríamos dispostos a chegar".

Não estava segura de quando tinha tomado a decisão, mas foi chegar a conhecer e gostar de Alicia Lederman e apaixonar-se por Jack. Nela existia um lado suave que tinha desconhecido.

Embora lhe custasse o trabalho e chegar a ser sócia, não podia utilizar o passado da mulher contra ela. Admirava e respeitava muito a Alicia Lederman. O sentido da justiça ditava que tivesse em consideração os sentimentos da mulher.

Sem prévia advertência, Jack afastou os lençóis e desceu da cama.

"Aonde vai?"

"Falar com esse filho de cadela. Uma coisa é estar indeciso e nos convidar aqui para chegar a nos conhecer melhor, e outra jogar a desaparecer e a reter informação. Cansei-me. Ou meu histórico fala por si só ou não o faz" agarrou os jeans.

"Jack, espera".

"Tem razão" fez uma pausa. "Primeiro tomarei banho e logo abordarei ao Paul Lederman" foi para o banheiro, magnífico em sua nudez e masculinidade,

"Qual é o plano, Jack?" Umedeceu os lábios.

"Antes ou depois de que o estrangule?" perguntou ao voltar-se.

"Depois".

"Contrata-nos, utilizamos a informação e alcançamos um pequeno acordo econômico,



por que?”.

“Porque eu voto que não o usemos”.

Jack retornou ao quarto com todas suas antenas de advogado desdobradas.

“Importar-se-ia me dizer por que não?”

“Porque não o merece. Já a ouviu. Criou aos filhos de seu marido, e pelo que vi, desempenha um papel muito importante aqui. Ele ganhou muito. Além disso, se tiver tido um problema de drogas legais, é evidente que já o superou. Por que ameaçar fazendo pública sua debilidade? Por que permitir que ridicularizem a seus filhos só para satisfazer as necessidades do senhor Lederman?”.

“Porque se responder como eu espero que o faça, será nosso cliente” um cliente que não gostava e em quem não confiava, mas que, de todos os modos, tinha direito a receber lealdade e a melhor defesa que seu dinheiro podia comprar. Deteve-se o pé da cama. “Você sugeriu contratar ao detetive privado. Agora quer enterrar a informação que lhe pediu que encontrasse?” moveu a cabeça com incredulidade. “Além do fato de que duvido que Lederman queira isso, vai contra nossa ética legal e o que lhe devemos ao cliente”.

Estreitou os olhos, furiosa de que questionasse sua ética.

“Dá a casualidade de que acredito que há táticas menos sujas disponíveis”.

“Isso da mulher que quer triunfar em um mundo de homens?” Assim que as palavras escaparam de sua boca teve vontades de morder a língua.

Ela se levantou da cama, envolvendo-se com o lençol mais como gesto de proteção emocional que físico.

“Bom, suponho que ambos sabem onde está cada um neste tema. E a opinião de quem tem mais peso”.

Odiava lhe fazer dano. Odiava a distância que acabava de estabelecer entre os dois.

“Mallory...”.

“Vá tomar uma ducha e falar com Lederman” sacudiu a cabeça.

Sabendo que não havia mais que dizer, pegou as calças e partiu a seu quarto para uma ducha. Quando se tranqüilizou voltou a bater na porta de Mallory, ninguém respondeu.



Que tivesse descido para dar um passeio pela praia ou não lhe queria abrir, o resultado era o mesmo.

Estava sozinho.



Capítulo 14

Jack entrou no ginásio lotado. Às sete e meia da manhã representava o horário de pico. Olhou ao redor e viu seu objetivo na esteira, com uma toalha branca ao redor do pescoço musculoso.

Preparou-se para a discussão que ia acontecer. Tinha estado muito relaxado nessa viagem, muito distraído pela excitação do jogo ao que se dedicaram Mallory e ele.

Foi ao canto da sala.

“Paul, eu gostaria de ter umas palavras com você” se conteve de mostrar sua fúria ou frustração. Ainda existia a ligeira possibilidade de que seus instintos a respeito dos motivos de Lederman estivessem equivocados. Embora duvidasse.

Lederman se voltou a contra gosto da cinta e observou Jack.

“Ia chamar esta tarde”.

Não acreditava. Desde sua volta, deixou-se ver pouco. E devido à aventura com Mallory, ele tinha estado muito preocupado para que lhe importasse. Mas se a atitude fria que o outro exibia essa manhã indicava algo, a lua de mel se acabou, e possivelmente fora o melhor.

“O que acontece?” perguntou Paul.

“Por que não me diz isso você? Passei quatro dias aqui e não recebi nenhuma mensagem. Enquanto isso, minhas fontes me indicam que me reteve informação” olhou ao redor para certificar-se de que ninguém os ouvia. “Abuso de medicamentos receitados?” observou com atenção a reação do Lederman.

“Como diabos se inteirou disso?” entrecerrou os olhos e logo se encolheu de ombros. “Já não importa. Está disposto a utilizá-lo?”.

“Se me contratar, e se isso é o que você quer e se tiver sentido estratégico, então sim” ao falar, relembrou a expressão de decepção de Mallory.

Logo, a cara de súplica de seu pai. Não tinha que se questionar como reagiria se o divórcio de seus pais se complicasse e sua ambiciosa mãe decidisse aproveitar as debilidades de seu pai. Nem questionou os nomes que lhe dedicaria ao advogado disposto a representar a sua



mãe e recorrer a esses jogos sujos que ele tinha empregado durante anos nos divórcios de outros.

Lederman soltou uma gargalhada.

“Levei a cabo uma investigação própria. Tem você um histórico muito bom, evidentemente uma boa equipe de investigadores e bolas. Eu gosto disso em um homem” sem advertência, estendeu a mão. “Considere-se contratado”.

Jack se obrigou a estreitar-lhe a mão.

“Não o lamentará. Waldorf, Haynes lhe oferecerá a melhor representação do mercado. Mas primeiro devemos esclarecer uma coisa”.

“Qual?”.

Jack entrou no espaço pessoal do Lederman.

“Pode que eu esteja disposto a jogar duro, mas eu não gosto que o faça comigo meu próprio cliente. Minha reputação me precede” manifestou, sem lhe importar quão arrogante soava. “Ou confia em minha habilidade ou não o faz. A próxima vez que se dedique a jogar, partirei”.

“Trato feito” Lederman lhe estreitou a mão com entusiasmo antes de desculpar-se e voltar para a esteira.

Jack atravessou o ginásio. Acabava de obter algo importante. Tinha assegurado o maior cliente da empresa ao mesmo tempo em que mantinha contente ao excêntrico homem. E embora Lederman fosse lixo, ele não tinha aceitado sujar as mãos nem comprometer sua ética de trabalho.

Mas em vez de sentir-se contente, em vez de experimentar a habitual descarga de adrenalina que sempre tinha vivido no passado, sentiu um nó no estômago. Embora não tivesse vontade de enfrentá-la, devia pôr Mallory em dia sobre a conversa mantida com Lederman. E com a volta iminente à empresa, também precisavam manter um bate-papo sincero a respeito do que tinha acontecido entre eles.

Por não mencionar que ele necessitava uma última vez a sós com o Mallory antes que a realidade se assentasse.



Mallory fechou o zíper da mala. Devia sair de lá e retornar a sua vida antes de perder o sentido do «eu». Ao apaixonar-se por Jack, tinha descoberto a uma Mallory para perder a outra. A que estava orientada para objetivos e que desejava ser sócia da empresa. A que nunca acreditou que queria um marido ou uma família. A que estava contente escondendo sua feminilidade.

A que considerava Jack um sonho inalcançável.

Nunca poderia pôr a nova Mallory atrás, como não poderia retornar por completo à princesa de gelo que tinha sido a melhor associada do Waldorf, Haynes. A mulher feminina e erótica nesse momento era uma parte de si mesma.

Tinha mudado. E quando chegasse a casa teriam que se produzir mais mudanças.

O telefone a tirou de seus pensamentos. Levantou o fone.

“Olá?”.

“Senhorita Sinclair?” respondeu uma profunda voz masculina que ela não reconheceu.

“Sim. Quem é?”.

“O recepcionista do hotel. Seu colega pediu que a informasse que se encontre com ele no quarto quinhentos e vinte às oito da noite de hoje”.

O quarto do Jack, do outro lado do corredor. O coração começou a lhe pulsar com força.

“Obrigada” murmurou.

Sentiu um nó na garganta. Não era um convite, a não ser uma reunião de trabalho. E certamente não uma declaração de amor. Mallory Sinclair, a advogada, jamais rechaçaria a petição de um sócio. Mas Mallory Sinclair, a mulher, não tinha escolha. Depositou a mala no chão. Sob nenhuma hipótese poderia agüentar uma última reunião com Jack. Não com o coração quebrado e sua carreira em uma encruzilhada.

Não o culpava pela atitude mostrada essa manhã. Empregar a informação do detetive era o correto... para alguém que queria representar Paul Lederman. Era a mesma estratégia a que teria recorrido ela o dia que chegaram. Mas já não.

Era uma pena que tivesse sido a única em experimentar uma revelação, do contrário não teria que partir só do centro.



Secou uma lágrima que lhe caiu pela bochecha. Não se apresentaria à reunião de trabalho. Encontraria um modo de lhe deixar a mensagem para não deixá-lo plantado. E logo se iria para casa. Sozinha.

Jack ia de um lado a outro do quarto. Às nove se deu conta de que Mallory não ia aparecer. As dez, bateram à porta.

No profissional, deveria ter estado furioso porque aparecesse tão tarde, mas nesse momento era seu coração o que pensava por ele. Estava zangado e doído. Já fora uma reunião de trabalho ou uma petição pessoal, quão mínimo poderia ter feito era lhe enviar uma negativa cortês.

Levantou-se do sofá e foi à porta. Do outro lado estava Alicia Lederman, a última pessoa que esperava ver.

“Posso ajudá-la?”.

“Tenho uma mensagem para você” a mulher lhe estendeu um envelope branco com o logotipo do centro. “Prometi trazer-lhe antes. Muito antes. Mas tivemos uma emergência no vestíbulo” moveu a cabeça. “De todos os modos, aqui o tem com minhas mais sinceras desculpas”.

“Não é necessário que se desculpe” de fato, com o que lhe reservava, era ele quem deveria desculpar-se.

O pensamento o surpreendeu. Quando havia sentido a necessidade de desculpar-se por realizar seu trabalho? Olhou a Alicia. Embora estivesse tão elegante como sempre, o cansaço em seu rosto lhe sacudiu o coração. Perguntou-se se a via pela primeira vez ou se o fazia através dos olhos de Mallory. Seja como fosse, não gostou do que via e se perguntou se Mallory tinha razão... se haveria algum modo de alcançar um acordo sem causar uma dor desnecessária.

Encontrou o olhar da Alicia, impressionado por sua dignidade e coragem.

“Poderia ter enviado a um recepcionista” sacudiu a nota. “por que a trouxe pessoalmente?”.

“Porque você importa a Mallory, então você tem que ser um bom homem aqui” se levou a mão à altura do coração.



“Falou com ela?”.

“Antes de partir” assentiu. “voltou para casa. Estou certa de que essa nota o explica tudo”.

“Entre, por favor” retornou ao quarto.

Alicia o seguiu mas permaneceu em silêncio. E também ele. Descobrir que Mallory não o tinha plantado não fez que se sentisse melhor.

Não lhe importou ter público; apenas queria saber o que tinha a dizer Mallory. Tirou o papel perfumado do envelope e leu.

Assim como lamento não lhe dizer isso em pessoa, sou o bastante inteligente como para não liberar uma batalha que não posso ganhar.

Esta viagem me ensinou muito sobre mim mesma e o que quero na vida.

Vou para casa para começar a realizar algumas mudanças. Por desgracia, vou ter que deixar passar este último encontro.

Foi divertido enquanto durou.

Com amor,

Mallory

A dor nas vísceras de Jack se aguçou.

“Os finais nunca são fáceis” Alicia apoiou uma mão em seu braço; logo, envergonhada, retirou-a com rapidez.

Jack observou seu olhar de simpatia.

“Suponho que você sabe bem” comentou com amabilidade.

“Compreendo que não posso reter o Paul se ele não quer ficar” assentiu. “E sei que você acreditou que não o fazia caso quando me aconselhou que contratasse a um advogado, mas não era assim. Preparava-me”.

“E mantinha as cartas ocultas. Isso respeito”.

“Não sei se o tenho feito por merecer. Mas o que sim sei é que o matrimônio acabou. E me nego a sair sem ser em pé”.

“Compreende que aqui é quando tenho que lhe aconselhar que procure



assessoramento” era fácil falar com ela. Não pôde evitar sorrir.

“Farei-o. Mas esperava que primeiro pudéssemos falar” tirou um envelope da bolsa. “Não sou tão ingênua como acredita meu marido. Há certa informação minha que estou segura de que querará utilizar. Lhe comunique que disponho de munição”.

Jack repassou com rapidez o conteúdo do sobre... fotos comprometedoras de Paul Lederman e uma moça. Em cada uma aparecia a data da relação. Alicia Lederman tinha provas da infidelidade de seu marido. Jack soltou um gemido.

“É uma empregada” explicou ela. “Uma empregada muito jovem e inexperiente” a dor em sua voz era inconfundível. “Juro-lhe que ele não era assim quando nos casamos. O ataque ao coração e a meia idade o mudaram” sacudiu a cabeça com desgosto.

Jack pôde simpatizar com ela. Os atos de Paul Lederman o punham doente.

“Pensa em as usar?”.

A mulher mais velha secou os olhos.

“Não quero as fazer públicas. Tenho filhos que são mais importantes que qualquer dinheiro que saque do acordo de divórcio”.

Jack não soube o que dizer. Aí havia uma mulher com provas evidentes que poderiam lhe conseguir uma soma muito importante se soubesse jogar suas cartas, mas disposta a prescindir do dinheiro pelo bem de seus filhos.

Era única. E também o era Mallory, que desde o começo tinha visto a bondade dessa mulher.

“Senhor Latham?”.

“Sinto muito” pigarreou. “Se não esta disposta às utilizar, por que as mostrou?”.

“Hei dito que não quero que se façam públicas, não que não as utilizaria se me visse forçada”.

Através da dor, captou a determinação e a respeitou por isso.

“Não se equivoque. Sofreria se Paul insistisse em empregar a informação que dispõe contra mim, e não quero arrastar aos meus filhos pela lama duas vezes. Precisam acreditar que tem um pai a quem podem admirar. Embora seja uma farsa. Assim lhe mostre estas fotos, são



cópias, e lhe diga que quão único quero é o que é justo. Eu ajudei a dirigir este centro e criei a seus filhos. Sou uma mulher de meia idade sem outra fonte de renda. Quão único peço é um acordo justo e eqüitativo, para que logo possa esbanjar seu dinheiro nessas mulheres jovens que tanto prefere”.

Conteve um soluço e Jack sentiu um nó na garganta.

“Espero que essas fotos sejam suficientes. Mas se me abandona, lutarei” concluiu ela.

“Entendo-o” Jack permaneceu com o envelope na mão, convencido de que o maior cliente da empresa tinha selado seu próprio destino.

Titubeou, e logo apoiou uma mão no ombro da Alicia.

“As mostrarei e lhe aconselharei em consequência. Enquanto isso, amanhã há primeira hora consiga um advogado”.

Ela assentiu com gesto de gratidão.

“Mallory tinha razão sobre você. Apenas lhe faltava comprová-lo por sua própria conta. Adeus, senhor Latham”.

“Boa noite”.

Uma vez sozinho, encaminhou-se ao espelho que havia no dormitório principal. Apoiou as mãos na cômoda e se observou. Jamais se tinha considerado um covarde, mas era a imagem exata que lhe devolvia o reflexo. Um homem que, como seu pai, temia dar o passo que trocaria para sempre sua vida.

A ironia era evidente. Tinha dedicado toda a vida a fugir do amor e do compromisso até que caiu em sua armadilha.

Embora amar Mallory não fosse uma armadilha. Sim o resto de sua vida.

“Fez o que?”.

Mallory soltou a caixa com suas coisas pessoais no chão do apartamento que compartilhava com a prima.

“Deixei-o, Julia. «Deixado». O que é o que não entende?”.

De fato, tinha dado duas semanas de aviso, mas os sócios não estavam interessados em



retê-la. Não depois de inteirar-se de que não estava disposta a utilizar a informação que tinha sobre Alicia Lederman. Jack tinha caído de gripe desde sua volta e o caso Lederman tinha recaído nas mãos dela. Tinha decidido partir ao invés de causar sofrimentos e dor a Alicia Lederman.

Devido a sua ética profissional, ao ir do centro não tinha sido capaz de fazer nada mais que lhe aconselhar que contratasse a um advogado. Mas se negava a ser ela quem jogasse a Alicia na garganta de seu marido, o tubarão.

“Vêem, sente-se” Julia aplaudiu o sofá a seu lado. “Quando ontem à noite cheguei em casa estava adormecida, e no primeiro momento em que te vejo, solta-me que renunciou ao trabalho ao que se dedicou toda a vida. Faltava isto para ser sócia” juntou os dedos polegares e indicador. “O que acontece? O que aconteceu nesses cinco dias que passou no hotel com o sócio mais elegível da sua empresa?”.

Mallory observou sua prima com cautela ao sentar-se.

“Não é elegível” voltou a sentir o maldito nó na garganta.

“Quem não é elegível? Quer dizer que está comprometido ou casado? Que miserável” bufou com uma careta de desgosto.

Apesar de si mesma, Mallory riu entre dentes.

“Não está comprometido, nem casado, mas aqui não está disponível” se tocou o peito, justo em cima do coração. “Nem aqui” se tocou a cabeça.

E se a intimidade que tinham compartilhado não tinha obtido que trocasse de atitude, nada o conseguiria.

Julia se adiantou para consolá-la com um abraço e Mallory agradeceu o apoio silencioso e sólido de sua prima.

“Tem exposto sem rodeios que não está interessado ou é tua conjectura? Porque até o solteiro mais contumaz encontra seu par” uma expressão perversa lhe iluminou os olhos.

“Não me diga que acredita que a mulher adequada pode trocar a mentalidade de um homem obstinado”.

“Só digo que não abandone a esperança até que o tenha ouvido de sua própria boca”



sorriu.

“Não acredito que tenha nada mais que me dizer”.

“O que vais fazer agora que não tem trabalho?” suspirou, trocando de tema de forma pouco sutil.

“Tenho suficientes economias e posso me permitir abrir meu próprio escritório, embora um pouco tarde. Vou procurar um escritório para alugar... possivelmente no escritório de outra empresa para reduzir custos. Já é hora de fazer algo por mim”.

“Não por seu pai?”.

Mallory apoiou a cabeça no encosto do sofá.

“Quer dizer que em todo momento sabia que ser sócia da empresa não era o que eu queria?”.

“Utilizou-o como desculpa para que seu pai se orgulhasse, quando nada vai conseguir que se centre em alguém que não seja ele mesmo. Enquanto isso, convenceu a ti mesma de que era feliz. Quem era eu para te contrariar?”.

“Tem razão” suspirou. “Mas já acabou” e só tinha necessitado trinta anos para compreendê-lo.

Entretanto, tinha aprendido tanto de si mesma que podia iniciar uma vida nova.

Embora essa vida fosse muito mais brilhante se Jack tivesse aprendido as mesmas lições.



Capítulo 15

Mallory o tinha deixado. Jack entrou em seu santuário privado dando uma portada as costas para desfrutar de um pouco de intimidade nessa empresa sacudida pelos rumores. Ao retornar de Hamptons tinha sofrido uma desagradável gripe de verão que lhe tinha feito perder dois dias de trabalho. Desejou que alguém tivesse considerado apropriado comentar com ele a demissão de Mallory durante sua ausência.

Tinha retornado esse dia, sem saber muito bem como encarar à rainha de gelo, para descobrir que já não estava. O vazio que o carcomeu foi maior que nada do que tivesse experimentado no passado.

Mas junto com esse vazio experimentou orgulho por Mallory. Do mesmo modo em que o tinha deixado, não temia afastar-se quando suas esperanças, sonhos e objetivos não eram satisfeitos.

Contemplou seu luxuoso escritório, com tantas lembranças da faculdade e tantos diplomas.

Tinha começado sua carreira de advogado ali. Todos seus lucros profissionais estavam vinculados com essa empresa, mas o tempo passado com Mallory lhe tinha ensinado que carecia de lucros pessoais para esses anos. E de repente todo o âmbito do profissional lhe pareceu insignificante.

A situação com Lederman não tinha ajudado. Tinha-lhe mostrado as fotos, escutado suas bravatas e lhe tinha explicado o dano que essas fotos podiam lhe fazer a sua reputação empresarial. Jack esperava fechar o caso com rapidez e pouco escândalo.

Olhou na distância o Empire State Building. Ele tampouco ia estar muito mais tempo na empresa. A partir do momento que ele viu o rosto de Alice Lederman e viu mais que um adversário, sabia que seus dias em Waldorf, Haynes estavam contados. Uma vez mais devia dar graças a Mallory por lhe abrir os olhos.

Não podia jogar a culpa na empresa nem em Lederman por sua atual insatisfação, a culpa só tinha a sua falta de disposição de lutar consigo mesmo e seus demônios... e aceitar o



maior dos dons que lhe tinha sido devotado.

O amor de Mallory.

“E bem, o que pensa fazer a respeito?” perguntou-se.

Observou o escritório muito arrumado e recolheu uma folha de papel e uma caneta. Entraria em contato com Mallory com palavras que não pudesse interpretar mal. Logo, rezaria para que acontecesse o melhor.

Com as mãos nos quadris, Mallory inspecionou o escritório que lhe alugava um amigo de Julia. Era um agente de seguros que dispunha de um escritório extra e uma secretária com tempo livre que podia pôr ao seu dispor por uns ganhos adicionais. Era mais barato que alugar um escritório para ela sozinha. Já teria tempo para dar esse grande passo se profissionalmente fosse bem.

Tinham passado duas semanas desde que deixou Jack e ainda não tinha tido nenhuma notícia dele. Não era que esperasse que a chamasse, mas a sonhadora que levava dentro tinha albergado esperanças. E havia ocasiões, em especial de noite, em que lhe tinha passado pela cabeça chamá-lo, simplesmente para ouvir sua voz, para ver se a desejava tanto como ela a ele. Mas então retornava a prudência e se dizia que ele sabia que o amava. Que se tivesse descoberto o mesmo, teria podido chamá-la.

Agradava-lhe o edifício velho, mas ainda não estava preparada para tomar a decisão. Foi de táxi para casa e entrou no apartamento.

“Onde estiveste?” Julia saiu de seu quarto com a expressão impaciente.

“Comprovando um escritório. Estou esgotada. Este calor me mata... por não mencionar que se pode assar no metrô” se deixou cair na poltrona mais próxima.

“Durante sua ausência, chegou o correio” esperou ao lado de sua prima.

“E por que representa uma novidade?”.

“Por isso!” plantou um envelope no colo de Mallory.

O envelope de cor marfim exibia o cabeçalho familiar do Waldorf, Haynes, mas isso não era tudo. As iniciais manuscritas debaixo do remetente fizeram que lhe acelerasse o coração.



“J. L. É ele, verdade?” perguntou Julia com voz entusiasmada.

“Importa-se que o leia em particular?” como sabia que era uma pergunta retórica, e Julia tampouco se moveu, abriu o envelope enquanto falava.

Julia se plantou atrás de seu ombro e leu em voz alta.

“Uma última vez, uma vida para te compartilhar esperarei... se te atrever. OH, Meu deus, é tão romântico” exclamou no ouvido do Mallory.

Um tremor a percorreu ao reler a nota para si mesma e teve que estar de acordo com sua prima. Era assombroso, romântico e incrivelmente aterrador.

Não sabia o que tinha operado a mudança em Jack, mas o conhecia o suficiente para saber que não lhe teria enviado essa mensagem se não acreditasse em cada uma de suas palavras.

Deu-lhe à volta. A data era de uma semana atrás e o endereço desconhecido... e nos subúrbios.

“Como espera que chegue?” quis saber Julia.

“Boa pergunta” nada no papel indicava como podia encontrar o lugar. Teria que procurar um mapa para direções específicas.

“Embora suponha que nada que valha à pena é fácil, verdade?” acariciou o papel entre os dedos.

Era um desafio... com uma vida em jogo.

Mallory estacionou o carro alugado no endereço indicado no convite. Para ter certeza, por duas vezes comprovou o número na caixa de entrada, mas assim que viu a casa vitoriana com as cercas brancas de madeira, soube que estava no lugar certo.

Desceu do carro quando a chuva começou e olhou ao redor em busca de um sinal de algo que reconhecesse. Além do formigamento nas mãos e da antecipação do coração sempre que Jack estava perto, nada era familiar.

Subiu o capuz da capa de chuva e foi até a porta de entrada, subiu os degraus e tocou a campainha.

Jack a observou subir e abriu a porta no mesmo instante em que soava a velha



campainha na casa vazia. Pensou que sonhava quando o objeto de suas fantasias abandonou a chuva e passou a seu lado.

Tirou o capuz e o olhou com um sorriso inseguro. Estendeu o convite para que ele visse.

“Me alegro de que soubesse encontrar a casa”.

“Jamais te falei de meu péssimo sentido da orientação” se encolheu de ombros “mas graças a Internet não tive problemas. Não pode se perder com indicações tão precisas”.

Permaneceram em um silêncio incômodo. Não era assim como tinha planejado Jack o reencontro depois de tanto tempo sem vê-la. Deu um passo atrás para contemplá-la. O cabelo escuro lhe caía em ondas naturais ao redor da cara, enquanto a pele lhe resplandecia em uma mescla de bronzado de verão e a maquiagem perfeitamente aplicada.

“Eu tenho falhado” comentou.

O sorriso hesitante dela se ampliou.

“Já era hora de que se desse conta” se jogou em seus braços.

Jack enterrou a cara em seu cabelo e a sustentou com força. Sua fragrância era a mesma e igual à realização que sentia a seu lado. Mas ela se afastou muito rápido.

“Que lugar é este?” perguntou ao mesmo tempo em que olhava ao redor da casa vazia.

Não tinha nem idéia da pergunta importante que tinha exposto.

“Por que não tira a capa de chuva e lhe explico isso?”.

“Ainda não” a cor se potencializou em suas bochechas. “Continuo com frio”.

Ele estreitou os olhos; logo, encolheu-se de ombros.

“Enquanto não planeje uma fuga veloz”.

“Confia em mim. Não fiz todo este trajeto para escapar”.

“Confio em ti” tomou a mão. “Com minha vida”.

Os olhos de Mallory se umedeceram e lhe acariciou a bochecha.

“Não acredito que isso tenha sido fácil de dizer”.

“É engraçado, mas contigo é. Essa semana que passamos juntos mudou tudo”.

“Conte-me” pediu isso, inclinando a cabeça.

“Suponho que nós dois vivemos uma experiência que nos mudou a vida” Riu. “Você



encontrou a si mesma e o que queria da vida. Eu encontrei a ti e descobri que «relação» não é um insulto” não eram apenas as experiências sensuais, a não ser os vínculos emocionais que tinham estabelecido no processo. “Quando partiu, dava-me conta de que não podia seguir sendo o Exterminador”.

“Alicia disse que é incrível” o olhar intenso não vacilou.

“Ela o é” sacudiu a cabeça “Tal como disse, tive sorte de que Lederman a chateasse, porque do contrário me teria visto em uma situação insustentável. Não poderia ter deixado o caso sem que lhe custasse muito à empresa, algo que jamais faria. Apesar de que por esse ponto então tinha o palpite de que também para mim as coisas terminaram”.

“Partiu?” perguntou surpreendida.

“Estou em fase de vender minha participação na sociedade. É impossível que continue como até agora, aceitando casos para ajudar a destruir matrimônios, sem importar o preço” sorriu. “Não quando vi a luz”.

“Deixa-me atônita”.

“E a mim. Ainda não sei que direção tomar a seguir, mas estou seguro de que faço o correto”.

“E este lugar?”.

Já não podia lhe dar mais voltas.

“Uma aposta. Você queria ser sócia a todo custo e insistia em que o matrimônio e a família não entravam na equação” respirou fundo. “Mas você sempre acreditou e quis que eu acreditasse. Já o faço”.

“O que está dizendo?”.

Fechou e abriu as mãos.

“Que quando deixou seu trabalho, supus que pensava de forma diferente nas coisas. Aqui o tem, carinho. Seu convite ao sonho americano. A casa, as cercas brancas...” assinalou para a janela que dava à rua. “Há um refúgio para animais na esquina e sei que não me importaria ter filhos. Certamente, não te mantereí unicamente grávida. Tem uma mente muito brilhante para desperdiçá-la. A esta cidade não veriam mal mais dois advogados”.



Ela piscou em silêncio estupefata. Quanto mais continuava o silêncio, mais se perguntava Jack se os tinha superestimado aos dois.

“Ainda não é minha, de modo que se você não gosta, ou quer ficar na cidade ou não quer te casar...”.

“Está divagando. Nunca antes te havia visto nervoso” exibiu um sorriso alegre.

“O que diz?” insistiu.

“Que meus sonhos se tornaram realidade” nem com a imaginação mais louca tinha sonhado com essa felicidade. Com o Jack. “Eu te amo”.

“Eu também te amo” respondeu ele sem hesitações.

Era tão afortunada de ter encontrado a um homem que considerava que valia a pena o esforço de pinçar além da superfície. E merecia ser recompensado.

Com dedos trêmulos e lentos, começou a desabotoar a capa de chuva. Ao terminar, deixou que lhe caísse pelos ombros até ficar a seus pés. Ele observou a lingerie negra e sexy e os olhos lhe obscureceram.

Emitiu um assobio de avaliação.

“Não deixe que lhe vejam os vizinhos”.

“Suponho que vais ter que instalar persianas” Riu e o chamou com um dedo.

“Isso é um «sim» a meu convite?”.

O coração o martelou com força no peito.

“É um «sim» a toda uma vida”.

Jack avançou, a tomou em seus braços e selou o trato com um beijo comprido que prometia uma vida de convites eróticos.